



**Universidade do estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Rafaella Chaves Guimarães Feijó

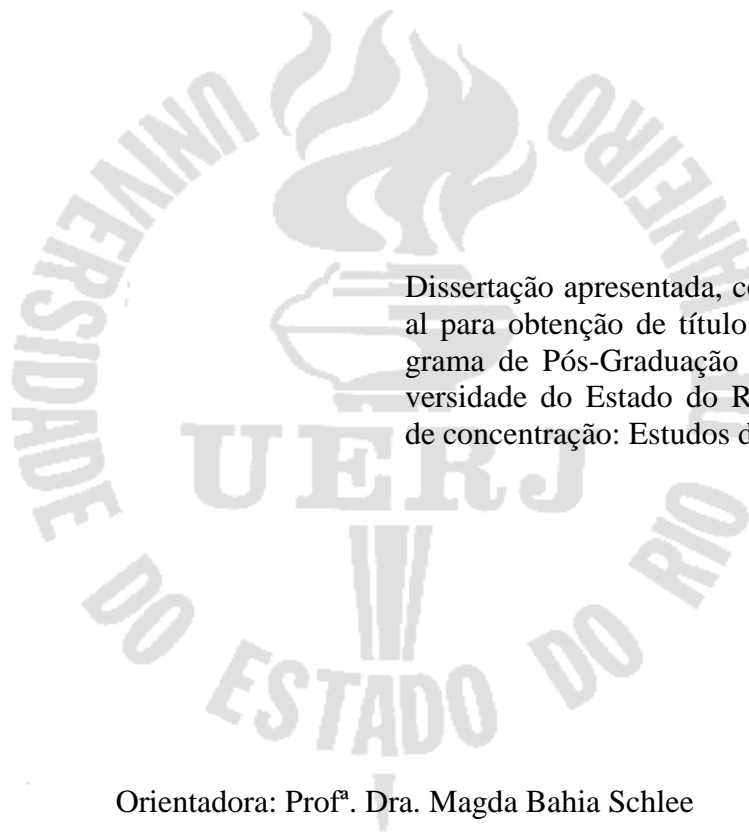
**A estrutura temática das seções introdução e conclusão em artigos acadêmicos: uma abordagem sistêmico-funcional**

Rio de Janeiro

2023

Rafaella Chaves Guimarães Feijó

**A estrutura temática das seções introdução e conclusão em artigos acadêmicos: uma abordagem sistêmico-funcional**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Magda Bahia Schlee

Rio de Janeiro

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

F297 Feijó, Rafaella Chaves Guimarães.  
A estrutura temática das seções introdução e conclusão em artigos acadêmicos: uma abordagem sistêmico-funcional / Rafaella Chaves Guimarães Feijó. – 2022.  
98 f.: il.

Orientadora: Magda Bahia Schlee.  
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Funcionalismo (Linguística) - Teses. 2. Análise do discurso - Teses. 3. Periódicos acadêmicos – Teses. 4. Linguística - Teses. I. Fernandes, Magda Bahia Schlee de Brito. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 801

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Rafaella Chaves Guimarães Feijó

**A estrutura temática das seções introdução e conclusão em artigos acadêmicos: uma abordagem sistêmico-funcional**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Aprovada em 3 de abril de 2023.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Magda Bahia Schlee (Orientadora)  
Instituto de Letras - UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Denise Salim Santos  
Instituto de Letras - UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Osilene Cruz  
Instituto Nacional de Educação de Surdos

Rio de Janeiro

2023

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que me ajudou em todas as etapas até chegar nesse momento.

À minha amada orientadora, professora Magda Bahia Schlee, por ter me auxiliado com tanto carinho e paciência durante essa trajetória e por ter contribuído para minha formação enquanto professora de Língua Portuguesa. Suas aulas sempre empolgantes, mostrando sempre que o ensino de língua portuguesa pode ser muito mais impactante e transformador ao provocar reflexões sobre o uso da língua em diversos contextos.

À minha família por todo apoio e motivação, em especial, minha mãe por toda força, amizade e carinho. Você é a amiga mais certa das horas incertas. Obrigada!

Às queridas professoras da banca avaliadora, Denise Salim e Osilene Cruz, por aceitarem o convite e dedicarem tempo à minha produção com contribuições valiosíssimas. Obrigada, professoras, por participarem desse momento!

Aos meus amigos e professores de caminhada, Pablo, Fernanda, Hércules, Alessandra e Rose. Obrigada por todas as conversas e partilhas durante esse tempo!

À minha amiga Luísa, pela formatação cuidadosa deste trabalho! Obrigada pelo carinho e força!

À UERJ, que me acolheu desde a especialização e que ficará para sempre na minha memória e no meu coração.

## RESUMO

FEIJÓ, Rafaella Chaves Guimarães. *A estrutura temática das seções introdução e conclusão em artigos acadêmicos: uma abordagem sistêmico-funcional*. 2022. 98 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Esta dissertação tem como objetivo analisar as seções introdução e conclusão de dez artigos acadêmicos da área de Linguística publicados em revista de Qualis A1 no período de 2019 a 2021, sendo cinco da Revista Alfa e cinco da Revista Delta. É um trabalho de abordagem quali-quantitativa. A intenção da pesquisa é comparar as estruturas usadas nas seções introdução e conclusão, que apresentam propósitos comunicativos diferentes, e também comparar as escolhas dos autores no que tange à seleção de Temas. Para a realização dessa análise, usamos como aporte teórico a Linguística Sistêmico-Funcional, que compreende a língua como uma rede de sistemas linguísticos que usamos para construir significados. O artigo está embasado nos trabalhos de Halliday e Matthiessen (2014), Gouveia (2009), Leila Barbara e Célia Maria Macêdo de Macêdo (2009) e Fuzer e Cabral (2014). Por meio da estrutura temática, recurso da metafunção textual, foi feito um levantamento quantitativo dos Temas em cada seção, com base na hipótese de que ocorrem mais Temas Múltiplos na seção conclusão do que na introdução. A partir do levantamento quantitativo, foi feita uma análise dos resultados com a finalidade de relacionar as estruturas encontradas com o propósito comunicativo de cada seção. Dessa forma, comprovou-se a importância desse estudo que investiga a estrutura em relação à veiculação de significados, para formar leitores mais conscientes das escolhas no processo da escrita.

Palavras-chave: Linguística sistêmico-funcional. Metafunção textual. Artigo acadêmico.

## ABSTRACT

FEIJÓ, Rafaella Chaves Guimarães. *Thematic structure of the introduction and conclusion sections in academic articles: a systemic-functional approach*. 2022. 98 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

This thesis aims to analyze the introduction and conclusion sections of ten academic articles in the Linguistics' field published in a Qualis A1 journal from 2019 to 2021, five from Revista Alfa and five from Revista Delta. It is a work with a qualitative and quantitative approach. The intention of the research is to compare the structures used in the introduction and conclusion sections, which have different communicative purposes, and to compare the authors' choices regarding the themes' selection. To carry out this analysis, we used Systemic-Functional Linguistics as a theoretical support, which understands language as a network of linguistic systems that we use to construct meanings. The article is based on the works of Halliday and Matthiessen (2014), Gouveia (2009), Leila Barbara and Célia Maria Macêdo de Macêdo (2009) and Fuzer and Cabral (2014). Through the thematic structure, resource of the textual metafunction, a quantitative survey of the Themes in each section was carried out, based on the hypothesis that there are more Multiple Themes in the conclusion section than in the introduction. From the quantitative survey, an analysis of the results was carried out in order to relate the structures found with the communicative purpose of each section. Thus, the importance of this study, which investigates the structure in relation to the meanings' placement, was proven in order to make readers more aware of the choices in the writing process.

Keywords: Systemic-functional linguistics. Textual metafunction. Academic article.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Processos e participantes.....	20
Tabela 2 – 4.3 Estrutura IMRD* do artigo científico e o conteúdo de cada seção.....	29
Tabela 3 – Temas múltiplos nos artigos da Revista Alfa.....	93
Tabela 4 – Temas múltiplos nos artigos da Revista Delta.....	93
Tabela 5 – Temas Interpessoais nos artigos da Revista Alfa.....	94
Tabela 6 – Temas Interpessoais nos Artigos da Revista Delta.....	94



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Organização temática da introdução de alfa 1 .....	40
Quadro 2 - Organização temática da conclusão de alfa 1.....	42
Quadro 3 - Tipos de temas na introdução 1 e na conclusão 1 quanto à metafunção .....	44
Quadro 4 - Em relação à composição temática .....	44
Quadro 5 - Em relação à composição dos temas múltiplos.....	44
Quadro 6 - Organização temática da introdução de alfa 2 .....	47
Quadro 7 - Organização temática da conclusão de alfa 2.....	49
Quadro 8 - Tipos de temas na introdução 2 e na conclusão 2 quanto à metafunção .....	51
Quadro 9 - Em relação à composição temática .....	51
Quadro 10 - Em relação à composição dos temas múltiplos.....	51
Quadro 11 - Organização temática da introdução de alfa 3 .....	53
Quadro 12 - Organização temática da conclusão de alfa 3.....	56
Quadro 13 - Tipos de temas na introdução 3 e na conclusão 3 quanto à metafunção .....	57
Quadro 14 - Em relação à composição temática .....	58
Quadro 15 - Em relação à composição temática dos temas múltiplos .....	58
Quadro 16 - Organização temática da introdução de alfa 4 .....	59
Quadro 17 - Organização temática da conclusão de alfa 4.....	60
Quadro 18 - Tipos de temas na introdução 4 e na conclusão 4 quanto à metafunção .....	62
Quadro 19 - Em relação à composição temática .....	62
Quadro 20 - Em relação à composição dos temas múltiplos.....	62
Quadro 21 - Organização temática da introdução de alfa 5 .....	63
Quadro 22 - Organização temática da conclusão de alfa 5.....	64
Quadro 23 - Tipos de temas na introdução 5 e na conclusão 5 quanto à metafunção .....	65
Quadro 24 - Em relação à composição temática .....	65
Quadro 25 - Em relação à composição dos temas múltiplos.....	65
Quadro 26 - Organização temática da introdução de delta 6.....	66
Quadro 27 - Organização temática da conclusão de delta 6.....	67
Quadro 28 - Tipos de temas na introdução 6 e na conclusão 6 quanto à metafunção .....	71
Quadro 29 - Em relação à composição temática .....	71
Quadro 30 - Em relação à composição dos temas múltiplos.....	71
Quadro 31 - Organização temática da introdução de delta 7.....	72
Quadro 32 - Organização temática da conclusão de delta 7.....	74

Quadro 33 - Tipos de temas na introdução 7 e na conclusão 7 quanto à metafunção .....	78
Quadro 34 - Em relação à composição temática .....	78
Quadro 35 - Em relação à composição dos temas múltiplos .....	78
Quadro 36 - Organização temática da introdução de delta 8.....	79
Quadro 37 - Organização temática da conclusão de delta 8.....	82
Quadro 38 - Tipos de temas na introdução 8 e na conclusão 8 quanto à metafunção .....	84
Quadro 39 - Em relação à composição temática .....	84
Quadro 40 - Em relação à composição dos temas múltiplos .....	84
Quadro 41 - Organização temática da introdução de delta 9.....	85
Quadro 42 - Organização temática da conclusão de delta 9.....	87
Quadro 43 - Tipos de temas na introdução 9 e na conclusão 9 quanto à metafunção .....	87
Quadro 44 - Em relação à composição temática .....	87
Quadro 45 - Em relação à composição dos temas múltiplos .....	88
Quadro 46 - Organização temática da introdução de delta 10.....	88
Quadro 47 - Organização temática da conclusão de delta 10.....	90
Quadro 48 - Tipos de temas na introdução 10 e na conclusão 10 quanto à metafunção .....	91
Quadro 49 - Em relação à composição temática .....	91
Quadro 50 - Em relação à composição dos temas múltiplos.....	92

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
1	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	14
1.1	<b>A Linguística sistêmico-funcional</b> .....	15
1.2	<b>O contexto e as variáveis do contexto</b> .....	17
1.3	<b>As metafunções da Linguagem</b> .....	19
1.3.1	<u>Metafunção ideacional</u> .....	19
1.3.2	<u>Metafunção interpessoal</u> .....	23
1.3.3	<u>Metafunção tetual</u> .....	24
1.3.4	<u>O gênero textual artigo científico</u> .....	27
1.3.5	<u>Considerações sobre o gênero na perspectiva da LSF</u> .....	29
2	<b>O CONCEITO DE GÊNERO DE HASAN</b> .....	32
3	<b>METODOLOGIA</b> .....	34
3.1	<b>Descrição do corpus</b> .....	34
3.2	<b>Procedimentos de análise</b> .....	35
4	<b>ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS</b> .....	40
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	95
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	97

## INTRODUÇÃO

Durante a graduação e principalmente no período de pós-graduação, os alunos depararam-se com o grande desafio que é produzir textos acadêmicos. Existem vários gêneros acadêmicos que circulam na universidade. Como todo gênero textual, apresentam um formato específico correspondente ao seu propósito comunicativo. É muito importante para o aluno, durante o curso, compreender o objetivo comunicativo do texto acadêmico e não apenas conhecer, mas também saber usar os recursos linguísticos que constroem os significados relacionados ao seu propósito comunicativo, pois essas habilidades contribuem para que o discente desenvolva um olhar de pesquisador. É a partir dessa compreensão que o discente começa a perceber que o fazer científico é uma atividade complexa, realizada por etapas e que os textos que materializam esse fazer apresentam características específicas.

De acordo com Ninin (2015, p. 598-599), contudo, falta espaço na universidade para que o aluno aprenda a construir textos acadêmicos na sua totalidade, uma vez que, de modo geral, são priorizados somente os conteúdos que estão desenvolvidos nesses textos.

Associada a essa discussão está o fato de que, em se tratando da produção textual na universidade, pouca atenção é dada à produção de textos científicos. Se considerarmos o contexto da graduação, a escrita científica concentra-se basicamente no momento da produção da monografia de final de curso. Se o contexto for o da pós-graduação, já é esperado que o estudante domine as práticas linguístico-discursivas para a produção de sua dissertação ou tese e, desse modo, atividades de aprendizagem da escrita do texto científico em si já não são mais a prioridade nesse contexto. Destaca-se, tanto na graduação quanto na pós-graduação, a atividade de leitura de textos científicos como prioridade máxima: os alunos são convidados, ao longo do curso, à leitura de textos teóricos que evidenciam os elementos constituintes da escrita acadêmica, no entanto, não é na escrita em si que está a atenção do aluno, mas sim no conteúdo dos textos lidos. Em outras palavras, deixa-se de investigar os recursos lexicogramaticais utilizados por autores de textos científicos para a produção de significados no texto, para manter-se o foco nos conteúdos a serem aprendidos.

Escolhi tratar da construção e das escolhas léxico-gramaticais de artigos científicos nesse trabalho, pois é um dos gêneros mais exigidos na graduação e na pós-graduação e porque, por meio desse gênero, o aluno começa a entender o que é o fazer científico e quais os passos para realizar uma pesquisa. Cada vez que o aluno escreve um artigo, ele começa a apreender o que é fazer ciência e, dessa forma, sente-se mais seguro no registro dos resultados de sua pesquisa.

Esse trabalho tem como base a teoria sistêmico funcional que é uma das correntes funcionalistas de análise da linguagem. A opção por essa vertente teórica deve-se à crença de que

essa abordagem fornece instrumentos que contribuem para a análise de textos que buscam relacionar a estrutura do texto com as características do gênero estudado.

A Linguística Sistêmico-Funcional defende que, para que se compreenda um texto na sua totalidade, é necessário associar os recursos léxico-gramaticais com o significado que se deseja construir, considerando o contexto e o propósito comunicativo. Para o bom desenvolvimento de práticas comunicativas, além de captar o assunto do texto, é necessário também perceber como aquele significado foi produzido, quais estratégias e recursos foram usados para a criação do sentido. Entende-se, assim, com base nessa perspectiva, que a gramática está a serviço da construção dos significados e, por meio de seu conhecimento, é possível formar leitores mais conscientes capazes de produzir textos fluentes e consistentes. Nessa perspectiva, a LSF torna-se uma grande aliada para a produção e análise crítica de textos. Para Barbara e Macêdo (2009, p. 91),

A LSF também se preocupa com a estrutura, uma vez que o estudo da estrutura da comunicação é necessário para se entender o significado das mensagens geradas na linguagem. Porém, de acordo com essa teoria, o significado é determinante da forma. Conforme as necessidades dos falantes em contextos específicos, são as escolhas no que tange às formas que expressam os significados desejados. Componentes fundamentais do significado na linguagem são, portanto, componentes funcionais.

A intenção desse trabalho não é só fazer uma análise da materialidade linguística, mas é perceber por que determinadas estruturas são escolhidas na construção de gêneros específicos e qual a motivação comunicativa para que o texto esteja organizado de uma forma e não de outra. A Linguística Sistêmico Funcional fornece subsídios para que o texto seja compreendido de forma profunda, desvendando o que está implícito. Sobre a importância de uma teoria que apoie o estudo da escrita acadêmica, Ninin (2015, p.596) destaca

Isso posto, ressalta-se, então, a importância em se considerar, para o ensino da escrita acadêmica, uma teoria que auxilie o estudante a observar as práticas de linguagem situadas no contexto de uma dada disciplina ou área do conhecimento e, a partir daí, identificar recursos que promovam o aprimoramento da escrita de seu próprio texto.

O objetivo geral desse trabalho é, assim, fazer uma análise comparativa dos recursos léxico-gramaticais relativos ao sistema temático das seções *introdução* e *conclusão* de artigos acadêmicos da área de linguística. Para alcançar esse propósito, o trabalho tem como objetivos específicos, 1) compreender a relação das escolhas gramaticais com o propósito do gênero artigo acadêmico e também das unidades retóricas que o compõem, mais especificamente, a introdução e conclusão, e 2) identificar as semelhanças e diferenças entre as seções analisadas em termos da estrutura temática.

A escrita acadêmica tem sido alvo de grandes pesquisas sob diferentes perspectivas teóricas, com ênfase na construção desses textos e em como as teorias podem auxiliar no ensino da escrita acadêmica, pois é cobrada uma grande quantidade de produção científica no meio acadêmico e, além disso, os textos científicos têm grande relevância ao gerarem debates e reflexões fundamentais para o desenvolvimento da sociedade. Autores como Maria Otilia Guimarães Ninin, Desirée Motta-Roth, Leila Barbara entre outros se debruçaram sobre a linguagem acadêmica.

Quando decidi trabalhar com as seções introdução e conclusão de artigos acadêmicos, com base na perspectiva teórica da Linguística Sistêmico Funcional, deparei-me com o trabalho da Fernanda Beatriz Caricari de Moraes que analisa as conclusões de artigos científicos das áreas de odontologia e linguística com o objetivo de comparar a escrita dessas diferentes áreas e do trabalho da Leila Barbara e da Célia Maria Macêdo sobre os processos verbais em artigos acadêmicos. Este artigo busca contribuir com o que já foi apresentado sobre o tema.

Este trabalho tem como propósito analisar a construção do texto e perceber como as estruturas gramaticais do sistema temático contribuem para a criação dos significados, por isso a opção pela metafunção textual que é, segundo Halliday (2014) a função da linguagem responsável pelas articulações que são realizadas no texto. Para desenvolver a pesquisa, fiz um levantamento quantitativo de Temas em cada uma dessas seções com base na análise da estrutura temática, a partir dos pressupostos teóricos da LSF. Por meio da estrutura temática, foi possível mapear de forma mais clara quais as estruturas mais frequentes usadas na construção das seções analisadas. É importante destacar que o levantamento quantitativo é um ponto de partida para a investigação do gênero e serviu de auxílio para os resultados do estudo. Trata-se de uma pesquisa qualiquantitativa que busca coletar dados e quantificá-los e a partir desses resultados, interpretá-los.

O trabalho procura responder as questões abaixo:

Quais os Temas mais recorrentes na seção *introdução* dos artigos?

Quais os Temas mais recorrentes na seção *conclusão* dos artigos?

De que forma as regularidades linguísticas relacionam-se com o propósito comunicativo de cada uma das seções do gênero artigo científico?

Quais as diferenças e semelhanças dos recursos léxico-gramaticais utilizados em cada uma das seções e o que isso revela sobre o gênero artigo acadêmico?

Quais as diferenças das estruturas usadas na Revista Alfa e na Revista Delta?

O primeiro capítulo será destinado à fundamentação teórica, em que serão desenvolvidos conceitos importantes que embasam essa pesquisa, como o formalismo e o funcionalismo; a seguir, será abordada a teoria sistêmico-funcional e alguns conceitos básicos da LSF que dão suporte para esta pesquisa e, por fim, será detalhada a metafunção textual, que é o foco desse estudo. No segundo capítulo, será abordado o conceito de gênero de Hasan, que é importante para o trabalho, pois contribui para o entendimento do gênero na perspectiva da LSF. No terceiro capítulo, destinado a metodologia, o gênero acadêmico e suas especificidades serão descritos e também os caminhos que foram percorridos no desenvolvimento da pesquisa. A seguir, são apresentados os dados quantitativos por meio de tabelas e a interpretação dos resultados. O último capítulo foi dedicado às considerações finais.

## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Considera-se pelos estudos recentes que a Linguística Moderna surge com o desenvolvimento do Curso de Linguística geral idealizado por Saussure em 1916 (MARTELOTTA E KENEDY, 2003, p.17). Saussure introduz os conceitos de *sistema* e *estrutura* para os estudos linguísticos. O linguista e filósofo suíço cria a Linguística Estrutural que considera a Língua como sendo uma estrutura que possui compartimentos e prega a preponderância do todo sobre os constituintes desse sistema.

Com a ampliação dos estudos, parte dos estudiosos que investigam a língua começaram a considerar não só a língua como estrutura, mas também a função que ela desempenha em contextos específicos. Para eles, a língua desempenha um papel que vai ser determinante na sua forma, logo estrutura e função estão imbricadas. Baseada nesses avanços, a Linguística estrutural dividiu-se nos pólos formalista e funcionalista. Para o pólo formalista, a língua é considerada um objeto autônomo. Sob essa ótica, Martelotta e Kenedy (2003, p.20) afirmam que “o pólo formalista caracteriza-se, em termos gerais, pela tendência a analisar a língua como um objeto autônomo, cuja estrutura independe de seu uso em situações comunicativas reais.” Já para o pólo funcionalista, não há como estudar a língua isolada do seu uso real, pois o contexto vai influenciar e motivar a estrutura. De acordo com Martelotta e Kenedy (2003, p.20),

O pólo funcionalista caracteriza-se pela concepção da língua como um instrumento de comunicação, que, como tal, não pode ser analisada como um objeto autônomo, mas como uma estrutura maleável, sujeita a pressões oriundas das diferentes situações comunicativas que ajudam a determinar sua estrutura gramatical.

O funcionalismo linguístico foi ganhando cada vez mais espaço no estudo da linguagem e particularidades dessa perspectiva teórica foram se desenvolvendo. Para este trabalho, utilizei a teoria sistêmico-funcional que nos fornece os instrumentos necessários para realizar uma análise textual que vai além do aspecto formal, buscando relacionar as escolhas gramaticais com a construção de significados. Para a LSF (Gouveia, 2009, p. 18 - 19)

O texto é a forma linguística de interação social. É uma progressão contínua de significados, em combinação tanto simultânea como em sucessão. Os significados são as seleções feitas pelo falante das opções que constituem o potencial de significado; o texto é a actualização desse potencial de significado, o processo de escolha semântica.

No momento da interação verbal, o falante/escritor faz escolhas em uma rede de sistemas, que é a língua. Essas opções feitas por ele, de forma consciente ou não, são realizadas



de acordo com as características da interação verbal, por exemplo uma conversa em uma mesa de bar não acontece da mesma forma que um discurso de formatura, logo as escolhas não serão as mesmas. A concepção de língua como um sistema de significados fica claramente expressa nas palavras de Fuzer e Cabral:

Ela é *sistêmica* porque vê a língua como redes de sistemas linguísticos interligados, das quais nos servimos para construir significados, fazer coisas no mundo. Cada sistema é um conjunto de alternativas possíveis que podem ser semânticas, léxico-gramaticais ou fonológicas e grafológicas. É *funcional* porque explica as estruturas gramaticais em relação ao significado, às funções que a linguagem desempenha em textos. (FUZER e CABRAL,2014, p. 19 )

Considerar a abordagem funcionalista nos estudos da linguagem é compreender que a língua não é uma estrutura rígida, pronta e acabada, mas que acontece e existe em relação ao contexto, às pessoas e à sociedade. A língua é um instrumento de comunicação dinâmico que permite ao usuário lançar mão de estruturas de acordo com a sua intencionalidade, por isso o falante torna-se ativo nesse processo de criação de sentidos e da própria gramática, portanto a língua é historicamente situada, isto significa dizer, que ela está inserida em um contexto pelo qual é influenciada e que não ocorre de forma isolada. A seguir serão abordados conceitos fundamentais da Linguística Sistêmico-Funcional, que é a teoria que nos serviu de base para essa pesquisa.

### 1.1 A Linguística Sistêmico-Funcional

A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), idealizada por Michael Halliday, considera a linguagem como prática social e o contexto e os interactantes como elementos fundamentais na produção de significado. Portanto, a análise de textos nessa perspectiva procura compreender de que maneira o contexto e os interlocutores motivam a seleção das estruturas gramaticais, o que fica comprovado nas palavras de Fuzer e Cabral (2014, p.19):

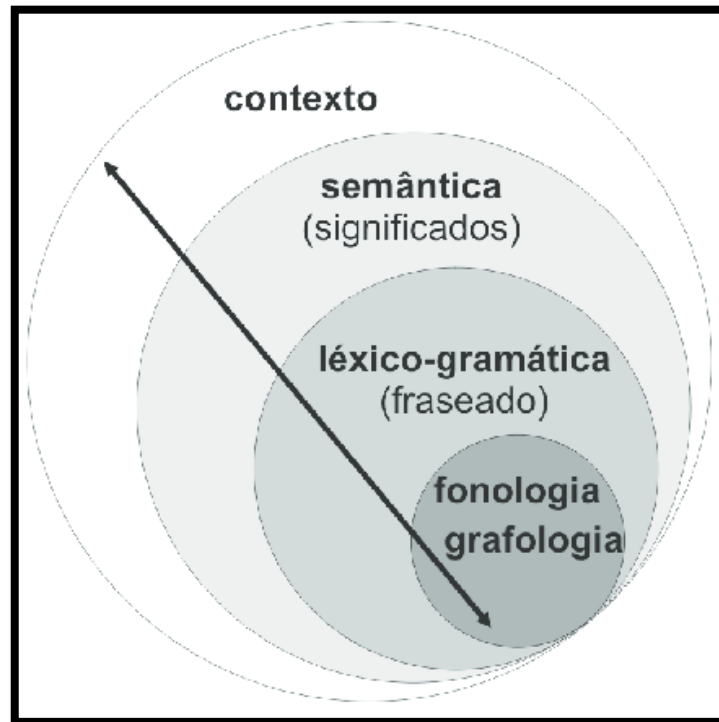
A teoria sistêmico-funcional busca identificar as estruturas de linguagem específica que contribuem para o significado de um texto. As análises que se realizam nessa perspectiva teórica se propõem a mostrar “como e por que um texto significa o que significa” (Webster 2009,p.7). Para Halliday (1994), todo e qualquer uso que fazemos do sistema linguístico é funcional relativamente às nossas necessidades de convivência em sociedade. Ao usarmos a linguagem fazemos, portanto, uma série de *escolhas* dentre as possibilidades que o sistema linguístico disponibiliza.

Na perspectiva da LSF, a língua é vista como um instrumento de comunicação que desempenha funções relacionadas com cada situação comunicativa. Não há como separar um instrumento do seu propósito, pois ele existe para desempenhar uma função, assim como a língua só existe nos usos reais da vida. Para cada função da língua, existe um conjunto de possibilidades gramaticais para a construção do significado. O falante/escritor, ao produzir o seu discurso, escolhe formas gramaticais de acordo com o objetivo que deseja alcançar. Conforme Hawad (2011, p.154),

a concepção sistêmico-funcional (Halliday, 1978, 1994) parte do princípio de que a linguagem é uma ferramenta para o trabalho de interação social e, assim como ocorre com qualquer ferramenta criada pelo homem para executar suas atividades, a forma da linguagem foi moldada, ao longo do tempo, pelas funções que ela tem de cumprir na vida em sociedade. Essa abordagem, pois, concebe a linguagem a partir da interação social, e vê a gramática não como um conjunto de regras para a formação de enunciados, e sim como um sistema de opções para a construção de significado.

Para Halliday e Matthiessen (2014), a língua realiza funções dentro da sociedade e essas funções é que dão forma à língua, e, para cada interação verbal, existe um grupo de possibilidades gramaticais para a construção do significado. Segundo essa perspectiva, a linguagem é vista como um sistema de estratos, como pode ser visto na figura abaixo, e cada estrato irá se realizar por meio do outro, como é possível compreender a partir dessas camadas indissociáveis.

Figura 1- Linguagem como sistema de estratos



Fonte: Adaptado de HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 25; FUZER; CABRAL, 2014, p.22.

A semântica é a parte onde estão organizados os significados, concretizados por meio do léxico e da gramática, que corresponde ao próximo estrato, onde as combinações são feitas e as frases formadas; já o léxico e a gramática realizam-se por meio da fonologia e da grafologia, categorias da língua, relacionadas, respectivamente ao som e à grafia. O contexto é o elemento que perpassa e envolve todos os estratos, ou seja, ele é o princípio ativo, aquele que motiva e influencia todas as escolhas feitas e materializadas. Por meio dessa figura, é possível compreender a interdependência desses elementos e que o contexto é fundamental para determinar a forma. Este trabalho centra seu estudo nos extratos da léxico-gramática, da semântica e do contexto, pois procura investigar quais estruturas da léxico-gramática são mais usadas em cada seção do artigo e por que são usadas naquele espaço específico levando em consideração o gênero e o propósito comunicativo. Adiante, discutiremos o contexto e suas variáveis que são conceitos de grande relevância para a LSF.

## 1.2 O contexto e as variáveis do contexto

Para a LSF, o conceito de contexto é essencial, pois todas as interações sociais estão inseridas em um contexto que vai influenciar as escolhas léxico-gramaticais. Toda comunicação está inserida em dois contextos: o contexto de situação e o contexto de cultura. O primeiro, é o mais imediato, em que as relações acontecem e o segundo, é mais amplo, abrangendo o meio sociocultural em que o texto está inserido.

O contexto de situação responde questões como: que situação ocorre? Quem são os envolvidos? Qual relação social que é estabelecida pelos participantes? De que forma a situação ocorre? Essas respostas são respondidas por meio das variáveis *campo*, *relações* e *modo*. A variável *campo* abrange o participante, o processo e a circunstância. Essa variável remonta aspectos mais essenciais da experiência por meio da linguagem. A variável *relações* está relacionada com o grau de envolvimento dos participantes e a variável modo está relacionada com a forma como a situação ocorre, abrangendo a linguagem e o meio. De acordo com Motta - Roth e Heberle (2005, p.15),

O contexto da situação compreende tudo aquilo que é relevante para a interação e se define por três variáveis (Hasan, 1996c, p.39):

- **Campo** – a natureza da prática social;
- **Relação** – a natureza da conexão entre os participantes da situação;
- **Modo** – a natureza do meio de transmissão da mensagem.

Nas palavras de Fuzer e Cabral (2014, p. 30),

O *campo* remete à atividade que está sendo realizada pelos participantes, à natureza da ação social que está ocorrendo, com objetivo específico. As *relações* envolvem os participantes, a natureza dos papéis que desempenham, o grau de controle de um participante sobre o outro, a relação entre eles ( hierárquica ou não ) e a distância social ou o grau de formalidade (mínima, média ou máxima, dependendo da frequência com que interagem). O *modo* refere-se à função que a linguagem exerce e ao veículo utilizado naquela situação ou, ainda, ao que os participantes esperam que a linguagem faça por eles em determinada situação. Trata do papel da linguagem (constitutivo ou auxiliar/suplementar), do compartilhamento entre os participantes (dialógico ou monológico), do canal (gráfico ou fônico) e do meio (oral com ou sem contato visual, escrito e/ou não verbal).

As variáveis do contexto de situação estão relacionadas com as funções da linguagem que estão subjacentes em toda interação. Halliday e Matthiessen (2014) consideram três funções da língua: usamos a língua para representar a realidade (metafunção ideacional), para interagir (metafunção interpessoal) e para organizar a mensagem (metafunção textual). A variável *campo* relaciona-se com a metafunção ideacional, a variável *relações*, com a interpessoal e o modo, com a textual. As três metafunções acontecem concomitantemente. A oração é a realização simultânea desses três significados. De acordo com Fuzer e Cabral (2014, p.32),

metafunções são as manifestações, no sistema linguístico, dos propósitos que estão subjacentes a todos os usos da língua: compreender o meio (ideacional), relacionar-se com os outros (interpessoal) e organizar a informação (textual). Cada uma das metafunções relaciona-se a uma variável do contexto de situação. As três metafunções da linguagem definem a oração como uma unidade gramatical plurifuncional: é organizada de acordo com os significados ideacionais, interpessoais e textuais (estrato semântico), em que a oração é vista como uma composição – oração como representação, oração como interação e oração como mensagem. Cada metafunção é realizada por um sistema próprio no estrato léxico-gramatical.

A seguir, serão descritas as metafunções ideacional e interpessoal e, com mais detalhe, a metafunção textual, enfoque deste trabalho.

### 1.3 As metafunções da linguagem

São três as metafunções da linguagem segundo Halliday e Matthiessen (2014): ideacional, interpessoal e textual.

#### 1.3.1 Metafunção Ideacional

Para Halliday e Matthiessen (2014), uma das funções da linguagem é captar, representar as experiências do mundo, sejam elas externas ou internas. A essa função ele dá o nome metafunção ideacional. A oração é construída por meio da transitividade, sistema gramatical que realiza essa função. A transitividade é um sistema que envolve processo, participante e circunstância. Geralmente, quando expressamos nossa experiência, mencionamos o ato, a situação, quem atuou e onde, como e quando ocorreu. Os processos indicam a experiência se desdobrando no tempo e são representados pelos grupos verbais; os participantes referem-se às entidades envolvidas no processo e são representados por grupos nominais e as circunstâncias indicam aspectos de lugar, tempo e modo, sendo representados por grupos adverbiais. Os conceitos de processo, participante e circunstância são, assim, de base semântica. E os processos são agrupados de acordo com o seu sentido. A transitividade na Linguística Sistêmico-Funcional tem enfoque semântico e está relacionada a toda a oração, enquanto na gramática tradicional centra-se na relação verbo/nome e complemento e está focada prioritariamente na estrutura. Fuzer e Cabral (2014, p. 41) afirmam que

transitividade é, na GSF, um sistema de relação entre componentes que formam uma *figura*. Figuras são constituídas de um processo e participantes (quem faz o quê) e, eventualmente, de circunstâncias associadas ao processo (onde, quando, como por que etc.) As figuras são diferenciadas conforme tipos gerais de classificação dos processos: figuras de fazer e acontecer, de sentir, de dizer, de ser e ter, de existir e de comportar-se (FUZER e CABRAL, 2014, p. 41).

Os processos são divididos de acordo com o sentido que expressam e, dependendo do processo, os participantes recebem diferentes denominações. Há três tipos de processos habituais que o ser humano usa para externar a sua visão sobre o mundo. São eles: processos *materiais*, *mentais* e *relacionais*. Na fronteira entre esses três, há outros secundários: processos *comportamentais*, *verbais* e *existenciais*. O processo *material* está ligado à realização de ações no mundo concreto, como fazer, construir; o processo *mental* está relacionado com o mundo da consciência, como imaginar, gostar; o processo *relacional* com a forma de caracterizar e identificar; o processo *comportamental* com as posturas, posições psicológicas ou fisiológicas do ser humano, como bocejar, dançar; o processo verbal com o ato de dizer e por fim, o processo existencial com a maneira de “estar no mundo”. Cada processo terá participantes específicos como mostra a tabela abaixo:

Tabela 1- Processos e participantes

<b>PROCESSOS</b>	<b>PARTICIPANTES</b>
MATERIAIS	ator, meta, beneficiário, escopo
MENTAIS	Experienciador, fenômeno
RELACIONAIS	Identificado, identificador, portador, atributo
VERBAIS	dizente, verbiagem, receptor, alvo
EXISTENCIAIS	Existente
COMPORTAMENTAIS	Comportante

Fonte: DUTRA, V. L. R.; SCHLEE, M. B., 2019, p.3990.

Adiante, destaco alguns exemplos de processos retirados do *corpus* para facilitar a compreensão desse conteúdo:

➤ **Processo material:**

Os trabalhos de Benveniste / nos fornecem subsídios interessantes para compreendermos a situação didática dialográfica em que se encontram os alunos (discutindo e escrevendo colaborativamente um mesmo texto), as trocas de posições e as tentativas de influenciar um ao outro através de estratégias as mais diversas. (ALFA 1I) (18º período)

Nas orações materiais, o participante que provoca a ação é denominado ATOR, nesse exemplo, o ator é OS TRABALHOS DE BENVENISTE. O processo material é a ação que gera uma mudança no desenrolar do processo, nesse exemplo o verbo FORNECER e é chamado de META o participante afetado pelo processo, que nesse caso é SUBSÍDIOS.

➤ **Processo Mental:**

Neste artigo, / (nós) analisamos as relações entre os usos avaliativos da linguagem e as (re)construções de identidades de gênero, a partir de um arcabouço teórico-metodológico crítico voltado para a inter-relação entre gênero, identidades e avaliação em narrativas orais de experiências pessoais. (ALFA 3I) (1º período)

Nas orações mentais, o participante que realiza a ação é chamado de EXPERIENCIADOR que, nesse caso, é o NÓS. O processo mental refere-se a uma ação da cognição, que nesse exemplo, é o verbo ANALISAR. O complemento do processo que se refere ao que é pensado denomina-se FENÔMENO, que nesse caso, trata-se das RELAÇÕES ENTRE OS USOS AVALIATIVOS DA LINGUAGEM E AS (RE)CONSTRUÇÕES DE IDENTIDADES DE GÊNERO.

➤ **Processo Relacional:**

As figuras de linguagem/ são fenômenos recorrentes na linguagem e no pensamento. (DELTA 7I) (2º período)

Nas orações relacionais, há dois participantes, nesse caso, AS FIGURAS DE LINGUAGEM E FENÔMENOS RECORRENTES NA LINGUAGEM E NO PENSAMENTO. O processo relacional SÃO liga o primeiro participante ao segundo. É chamado de portador aquele que recebe a característica. Nesse caso, AS FIGURAS DE LINGUAGENS é o participante denominado portador e o participante considerado ATRIBUTO É FENÔMENOS RECORRENTES NA LINGUAGEM E NO PENSAMENTO. Logo, o processo relacional contribui para a caracterização e definição de conceitos.

➤ **Processo Verbal:**

Além disso, / como afirmam Dobao e Blum (2013), / ao reunir seus recursos individuais, / eles são capazes de alcançar um nível de desempenho que está além do nível de competência individual e é o que parece indicar as análises que empreendemos sobre os erros ortográficos. (ALFA 1C) (8º período)

As orações verbais estão relacionadas ao processo de dizer. Nesse exemplo, o processo é AFIRMAR. É chamado de DIZENTE aquele que fala, nesse contexto, DOBAO E BLUM são os dizentes e aquilo que eles falam é denominado VERBIAGEM. O trecho AO REUNIR SEUS RECURSOS INDIVIDUAIS... ERROS ORTOGRÁFICOS é a VERBIAGEM. As orações verbais em trabalhos acadêmicos são usadas, geralmente, para indicar a fala de outros pesquisadores o que enriquece o trabalho.

➤ **Processo Comportamental:**

“A menina **choramingou** que haviam sumido as fotos que estavam lá guardadas.” (FUZER e CABRAL, 2014, p. 78)

Nesse exemplo, choramingar é o processo comportamental, pois indica uma atitude fisiológica. O processo comportamental pode indicar um comportamento fisiológico ou psicológico. Nessa orações, o ser que tem a atitude é chamado de COMPORTANTE. Nesse caso, A MENINA é a COMPORTANTE.

Nesse trabalho, não foram identificados processos comportamentais. Tais processos são mais recorrentes em gêneros específicos, por exemplo, de tipologia narrativa, como contos, romances e até notícias. Em gêneros acadêmicos, encontramos muitos processos verbais e mentais.

➤ **Processo Existencial**

Há/ padrões de comportamento diferenciado entre os cinco processos fonológicos variáveis controlados:- Processos altamente permeáveis à leitura: apagamento do R fi nal e monotongação;- Processos barrados pela leitura: apagamento do S fi nal e desna-salização;- Processos conscientes (sensíveis à correção): apagamento do S fi nal;- Processos inconscientes (não sensíveis à correção): redução do segmento -ndo. (DELTA 9C) (2º período)

As orações existenciais são aquelas que designam algo que existe ou acontece. Nesse exemplo, o verbo HÁ que é uma conjugação do verbo haver é o processo existencial. E o restante do trecho é considerado elemento EXISTENTE.

Fuzer e Cabral (2014) alertam que a classificação dos processos dependerá do contexto, por exemplo o processo TOCAR pode ser material em alguns casos, como na oração: *Toquei a campanha*, em que o processo designa uma ação, um movimento concreto. Quando o



processo TOCAR está relacionado ao um movimento mais afetivo e psicológico, como na oração: *Essa canção me tocou*, o processo pode ser classificado como mental, logo o que vai determinar a classificação é o que está em torno do processo. Outro exemplo é o processo APONTAR retirado do exemplo acima como processo verbal, quando está ligado diretamente a uma citação. O processo, nesse caso, pode significar o ato de dizer, de falar, de mencionar. Contudo se o processo APONTAR estivesse em uma oração como *Ele apontou para a prateleira*, poderíamos classificá-lo como processo material, pois nessa situação o processo APONTAR faz referência ao um movimento concreto que procura indicar, direcionar para algum lugar.

Portanto, a função da linguagem de representar as experiências, sejam externas ou internas, diz respeito à metafunção ideacional. A função primária da linguagem é remontar um evento, uma situação, por isso elementos como o participante, processo e circunstância são fundamentais para a recriação desse cenário. A seguir, abordaremos a metafunção interpessoal.

### 1.3.2 Metafunção Interpessoal

A linguagem tem um componente interpessoal que nos permite agir sobre outro. Usamos a língua para interagir, marcar posição, dar opiniões, sugerir etc. O elemento da gramática que viabiliza essa troca entre os interlocutores é o sistema de MODO. Esse sistema abrange os modos oracionais, os modos verbais (indicativo, subjuntivo e imperativo), as marcas de modalidade e da polaridade. As orações podem ser construídas por três modos verbais. O modo indicativo expressa um fato, uma certeza; o modo subjuntivo expressa uma possibilidade, uma suposição e o modo imperativo expressa ordem e comando. Portanto, por meios dos modos verbais o locutor expressa comportamentos e posições sobre um determinado assunto.

A modalidade está relacionada com as marcas de opinião que o interlocutor apresenta no texto. Por meio de categorias gramaticais, como vocativos, expletivos, verbos modais, adjuntos modais, adjuntos de comentário e expressões modalizadoras, é possível perceber qual a visão, o posicionamento do autor a respeito de algum tema. E a polaridade, expressa-se comumente por uma forma positiva, como é, foi e está ou uma forma negativa como não é, não foi. Uma pergunta, geralmente, exige uma resposta como sim ou não. Com o exposto até aqui, ficou claro que a linguagem além de representar as experiências, também apresenta um cará-

ter interpessoal. No exemplo abaixo, o autor usa como elemento interpessoal a oração principal (*é preciso que*) que expressa uma visão, uma posição do autor do texto. Para ele, é indispensável que os estudiosos da língua atualizem seus conhecimentos.

- **É preciso que**/ os estudiosos da língua/ atualizem seus aprendizados sobre o professor genebrino e passem a produzir conhecimentos sobre o assunto a partir dos estudos saussurianos que se formaram nas últimas décadas. ( ALFA 2C)

### 1.3.3 Metafunção Textual

Este trabalho se pautará na *metafunção textual*, pois o objetivo é analisar a oração como mensagem. Essa metafunção tem função habilitadora (SCHLEE *et al.*,2012), pois possibilita a articulação dos conteúdos expressos pelas outras duas metafunções. A metafunção textual nos ajuda a perceber como o texto foi construído, como as informações e as ideias foram organizadas. Toda interação verbal apresenta uma estrutura, algumas situações comunicativas apresentam um formato mais rígido que outras, por exemplo uma conversa no whatsapp com amigos tem um formato mais flexível que uma apresentação em um seminário. Isso quer dizer que a estrutura da mensagem está relacionada a diversos fatores, como o propósito comunicativo do texto, o destinatário, o suporte.

Para a LSF, a metafunção textual ocorre por meio de duas estruturas. Pelas palavras de Fuzer e Cabral (2014, p.128), fica claro que

Na GSF, há dois sistemas paralelos e inter-relacionados de análise, que envolvem a organização da mensagem num texto. O primeiro deles é chamado *Estrutura da Informação* e envolve componentes que são denominados informação dada e informação nova (nível do conteúdo). O segundo é chamado *Estrutura Temática* e envolve as funções denominadas Tema e Rema (nível da oração).

A estrutura da informação está relacionada com a distribuição do conteúdo ao longo do texto, que acontece por meio da informação nova e dada. A informação dada é aquela que já é de conhecimento do interlocutor ou que é possível recuperar por meio do texto e da situação. A informação nova, por sua vez, é aquela que o interlocutor desconhece e que não é possível recuperar pelo contexto. Para que haja êxito na comunicação, é necessário que o escritor/falante saiba balancear bem as informações ao longo do texto a fim de que haja progressão

entre as ideias, continuidade no raciocínio. Para tanto, é fundamental conhecer o perfil do interlocutor de modo a gerar interesse e envolvimento pelo assunto do texto. Fica evidente, assim, que a estrutura da informação é guiada pelo leitor/ouvinte.

Halliday (1994) enfatiza que a forma ideal da unidade da informação consiste de um elemento Novo acompanhado por um elemento Dado, pois, estruturalmente, uma unidade de informação se constitui de um elemento Novo, que é obrigatório, somado a elemento Dado que é opcional. (FUZER e CABRAL, 2014, p.129)

Neste trabalho, escolhemos nos dedicar à estrutura temática, pois acreditamos que esse recurso auxilia a mapear e a localizar as opções realizadas pelo escritor/falante na tessitura do seu texto, contribuindo para que possamos analisar e relacionar as particularidades do gênero textual com as escolhas realizadas ao longo do texto. A estrutura temática está relacionada com as funções denominadas Tema e Rema. O Tema é o ponto de partida do texto, e o Rema é o que será desenvolvido sobre o Tema. Essas funções são direcionadas pelo falante/escritor. A informação que ele escolhe colocar em posição temática revela sentidos a respeito do texto. O escritor/ falante pode optar pela ordem direta e colocar o sujeito na posição temática ou pode colocar outro elemento em destaque como o processo, ou a circunstância e essa opção vai revelar a sua intencionalidade.

A estrutura da informação e a estrutura temática estão relacionadas. A informação dada geralmente coincide com o Tema e o conteúdo com o Rema, mas isso não é algo estático, pois pode sofrer mudanças motivadas pelo contexto.

De acordo com Halliday (1994, p. 299), há uma relação semântica entre a estrutura da informação e a estrutura temática. O autor, entretanto, esclarece que Dado-Novo e Tema-Rema nem sempre coincidem. O Tema é o que o falante escolhe como ponto de partida de seu enunciado; o Dado é o que o ouvinte já sabe (na perspectiva do falante). Assim, Tema-Rema é orientado pelo falante, enquanto Dado-Novo é orientado pelo ouvinte, mas ambas as estruturas são selecionadas pelo falante na elaboração do texto. A escolha do Tema de uma oração relaciona-se necessariamente como modo pelo qual a informação se desenvolve no decorrer do texto. Oração por oração, os Temas são selecionados para indicar a progressão de uma informação geral para uma particular, de uma informação particular para uma geral, ou mesmo de outros modos de organização. (FUZER e CABRAL, 2014, p.130)

O Tema apresenta classificações, que serão descritas adiante, com relação ao seu *status*, *tipo* e *composição*. Primeiramente, em relação ao *status* pode ser marcado e não marcado. É considerado marcado quando não há uma correspondência entre Tema e sujeito, dessa forma a oração estrutura-se na forma indireta e não marcado quando existe essa congruência.

Quando o escritor/falante deseja colocar alguma informação em destaque, ele recorre ao Tema marcado. Segundo Gouveia (2009, p.39),

Quando existe uma correspondência entre Sujeito e Tema, e uma vez que é natural e provável que ela ocorra, diz-se que o Tema é não marcado. Mas, como tantas vezes acontece com tudo o que é natural e provável, essa correspondência nem sempre acontece. Ou seja, algumas orações são suficientemente fora do comum para chamarem a atenção sobre si próprias, ocorrendo quando razões contextuais se sobrepõem à escolha não-marcada do Sujeito como Tema. Nessas circunstâncias, e porque foi escolhida uma outra unidade, que não a mesma que funciona como Sujeito, para funcionar como Tema, diz-se que o Tema é marcado, como acontece em “Vida de cão tenho eu, não o meu cão”, por oposição a “Eu tenho vida de cão, não o meu cão”

Nos enunciados abaixo, apresento exemplos de Tema marcado e Tema não marcado retirados dos artigos.

- Os trabalhos de Benveniste (TEMA NÃO MARCADO) / nos fornecem subsídios interessantes para compreendermos a situação didática dialográfica em que se encontram os alunos (discutindo e escrevendo colaborativamente um mesmo texto), as trocas de posições e as tentativas de influenciar um ao outro através de estratégias as mais diversas. (ALFA 1)
- Nos últimos anos, (TEMA MARCADO) / têm sido sublinhadas, em Portugal, as dificuldades sentidas por estudantes dos diversos níveis de ensino, decorrentes, em parte, da falta de competências no que diz respeito ao domínio de gêneros escolares e acadêmicos (Gonçalves e Jorge 2018). (DELTA 2)

Como as metafunções realizam-se concomitantemente na oração, o Tema pode ter elementos da metafunção ideacional, da interpessoal e da textual. Em relação ao *tipo*, quando o Tema é composto de elementos da metafunção ideacional, como participante, processo ou circunstância é chamado de Tema tópico, quando apresenta um elemento interpessoal como adjuntos modais, vocativos e outros é chamado de Tema Interpessoal e quando tem a função de unir as orações por meio de conjunções, sequencializadores e continuativos é denominado de Tema Textual. O Tema tópico é obrigatório em qualquer oração, pois tem como função representar o evento, a situação. Já os Temas textuais e interpessoais são opcionais. Caso o escritor/falante, além de representar a realidade por meio da linguagem, deseje marcar a sua posição sobre o conteúdo vai lançar mão de Temas interpessoais e, se desejar conectar as orações, criando uma progressão de ideias, irá recorrer aos temas textuais. Essas escolhas são

realizadas de acordo com o contexto e o propósito comunicativo dos textos. Abaixo, destaco um exemplo retirado do artigo.

- Assim, / parece plausível / dizer/ que, em AC1 e AC2, os conteúdos são sequencialmente distribuídos (numa disposição predominantemente horizontal), enquanto, em AC3, os conteúdos ocorrem hierarquicamente organizados (sublinhando uma ordenação tendencialmente vertical). (DELTA 2)

ASSIM: Tema textual

PARECE PLAUSÍVEL: Tema interpessoal

DIZER: TEMA IDEACIONAL

Em relação à *composição*, o Tema pode ser dividido em simples e múltiplo. O Tema é considerado simples quando possui apenas o Tema tópico e é considerado múltiplo quando o Tema tópico é antecedido por outros tipos de Temas. Abaixo, destaco dois exemplos:

- Estudos posteriores (TEMA SIMPLES) / terão como objetivo testar um grupo maior de sujeitos, observando como ocorre a geração de ideias e o papel do outro como colaborador no sentido de olhar, questionar e interferir no que o parceiro escrever. (ALFA 1)
- Como se verá / tais trabalhos (TEMA MÚLTIPLO) / expõem investigações em diferentes contextos e com diferentes tipos de sujeito, mas todos têm um ponto em comum: analisam as vantagens e/ou desvantagens da escrita em colaboração. (ALFA 1)

#### 1.3.4 O gênero textual artigo científico

O artigo acadêmico é considerado um gênero textual, pois apresenta um formato específico e uma função social. Esse gênero circula em ambientes acadêmicos e tem como objetivo divulgar pesquisas que estão sendo desenvolvidas. É bastante exigido aos alunos de graduação e pós que estão iniciando suas pesquisas. O artigo científico é de fundamental importância no ambiente acadêmico, não apenas por permitir que o conhecimento circule no ambiente

acadêmico e fora dele, mas também por apresentar uma estrutura didática que facilita a apreensão desse conhecimento. A escrita científica tem como objetivo mostrar o percurso, os passos da realização de determinada pesquisa científica, por isso a linguagem precisa ser clara, sucinta e demonstrar uma lógica entre as ideias. Sobre a função social dos gêneros acadêmicos e sua linguagem

A função social desses gêneros, comumente, se relaciona ao ato de discutir ideias, difundindo conceitos e metodologias sobre algum procedimento ou fenômeno. A ética é fundamental para a elaboração e difusão desses gêneros, uma vez que os textos acadêmicos dependem da credibilidade de quem os escreve e da recepção crítica de quem os lê. O que garante essa credibilidade é a sistematicidade dos elementos que são organizados, sequenciados e relacionados seja na produção dos dados, seja na descrição e entendimento dos fenômenos do mundo. (COSTA; SILVA FILHO & FERREIRA, 2021, p.8)

Podemos definir um trabalho científico como a apresentação (oral ou escrita) de uma observação científica ou, ainda, a apresentação de uma ideia ou conjunto de ideias a respeito de uma observação científica. A observação pode ser relativamente simples ou complexa, mas deve sempre ser relatada de forma clara, organizada e concisa, para facilitar a sua compreensão; deve ser realizada com metodologia criteriosa, procurando solucionar problemas, mas com embasamento na ciência. (CRISTANTE & KFURI, 2011, p. 8)

O artigo científico é dividido em seções, e, embora essas partes do artigo estejam interligadas formando um todo significativo, cada uma apresenta um propósito comunicativo específico e tem como objetivo desenvolver uma etapa específica da pesquisa científica. Em relação à estrutura,

O corpo do artigo original é habitualmente subdividido em quatro seções, identificadas pelas iniciais IMRD, de Introdução, Método, Resultados e Discussão. Cada uma das subdivisões tem suas especificidades, como delineado na Tabela 4.3. A estrutura do artigo científico pode ser assim resumida:

- Inicialmente, apresentam-se informações que justifiquem a pesquisa, acompanhadas do objetivo do trabalho. Esse material está confinado à seção introdutória do artigo
- Indica-se, na seção sobre método, como o estudo foi delineado, a amostra selecionada, os dados obtidos e a análise planejada para alcançar o objetivo da pesquisa
- São mostrados, em seguida, na seção resultados, os achados da investigação
- O relato termina na seção de discussão, com a interpretação e os comentários sobre o significado dos resultados, a comparação com outros achados de pesquisas sobre o assunto e as conclusões a que chegaram os autores, em resposta ao objetivo da pesquisa ou à hipótese formulada. Os fatos e argumentos são concatenados para orientar o leitor e fazê-lo compreender a conclusão do autor. (PEREIRA, 2011, p. 72)

Tabela 2 – 4.3 Estrutura IMRD\* do artigo científico e o conteúdo de cada seção

Seção	Conteúdo	Pergunta-chave
Introdução	Apresentação de informações sobre o tema, a justificativa para a investigação e o objetivo.	De que trata o estudo? Por que a investigação foi feita? O que se sabia sobre o assunto?
Método	Descrição do cenário da pesquisa, da amostra, dos procedimentos e dos aspectos éticos.	Como o estudo foi realizado?
Resultados	Apresentação dos achados acompanhados, se aplicável, da respectiva análise estatística.	O que foi encontrado? Quais são os fatos revelados pela investigação?
Discussão	Interpretação dos resultados, comparação e conclusão.	O que significam os achados apresentados? O que este estudo acrescenta ao que já se sabia sobre o assunto?

\*IMRD são as iniciais de Introdução, Método, Resultados e Discussão, as quatro seções do artigo científico; por vezes, a estrutura é denominada IMRED em português e IMRAD em inglês.  
 Fonte: PEREIRA, 2011, p. 73.

Com o exposto até aqui, ficou claro como o artigo acadêmico é organizado. A seguir, abordaremos o gênero textual na perspectiva da LSF.

### 1.3.5 Considerações sobre o gênero na perspectiva da LSF

De acordo com Motta-Roth e Heberle (2005), os trabalhos de Hasan e Halliday se aproximam ao considerarem que toda interação verbal tem propósitos comunicativos subjacentes e que, por meio de textos, conseguimos compreender como acontecem as relações sociais e como os sujeitos interagem e se comportam.

A perspectiva de Hasan, em consonância com a teoria social de Basil Bernstein e com a linguística sistêmico-funcional de M. A. K. Halliday, concebe a linguagem como um sistema de significações que medeia a existência humana. Cloran (2000, p. 155) discute a influência do trabalho de Bernstein sobre a obra de Hasan, argumentando que ambos defendem a ideia de que existem princípios de coerência, subjacentes à sociedade, para orientar a seleção e a organização dos significados relevantes em uma comunidade e que tais princípios são expressos por meio de padrões de uso da linguagem. De acordo com Bernstein (*apud* Hasan, 1999, p. 22), as relações sociais influenciam os padrões de seleção “do que é dito, quando é dito e como é dito. (MOTTA - ROTH & HEBERLE, 2005, p.12)

Esses padrões de uso da linguagem são materializados por meio dos gêneros. Sendo assim, podemos considerar o artigo acadêmico um gênero textual que recupera relações sociais que ocorrem no meio acadêmico. O gênero artigo acadêmico está inserido em um contexto de situação e em um contexto de cultura e por meio das escolhas realizadas no texto podemos recuperar essas informações. O contexto de situação é o contexto mais imediato que abarca as variáveis campo, relações e modo e o contexto de cultura

refere-se não só as práticas mais amplas associadas a diferentes países e grupos étnicos, mas também a práticas institucionalizadas em grupos sociais, como a escola, a família, a igreja, a justiça, etc. O contexto de cultura relaciona-se, assim ao ambiente sociocultural mais amplo, que inclui ideologia, convenções sociais e instituições. (FUZER e CABRAL, 2014, p. 28)

Sobre o contexto de situação, em relação ao gênero artigo acadêmico de uma forma geral, o campo refere-se aos pesquisadores que discutem um determinado assunto relevante por meio de um trabalho científico; a relação é estabelecida por um pesquisador/ aluno e um professor ou especialista da área, sendo assim essa relação configura-se como assimétrica. O principal objetivo da escrita de um artigo é divulgar conhecimento, por isso, para chegar à comunidade científica, precisa ser publicado e, para tanto, passa por um processo de avaliação por especialistas da área.

A escrita acadêmica não se dá em um contexto simétrico de relações entre os sujeitos, mas, ao contrário, é marcada por assimetria nas relações, que, por sua vez, podem funcionar como neutralizantes da personalidade do aluno-autor, tendo em vista os papéis de responsabilidade que marcam a presença destes, como alunos, e de seus leitores, como professores. (NININ, 2015, p.597)

Quando o autor julga que o artigo está pronto, ele o envia para um entre os milhares de periódicos científicos existentes na atualidade. Ao chegar à redação, o material é examinado pelo editor, o qual não pode publicar qualquer coisa que lhe chega às mãos. Deve zelar para que somente textos de qualidade e condizentes com a política editorial do periódico sejam nele divulgados. Por isso, é feita a separação entre os que são logo rejeitados, por serem de imediato julgados inapropriados, e os demais, potenciais candidatos à divulgação. Para auxiliá-lo na avaliação dos artigos que ultrapassam a triagem inicial, o editor conta com um sistema de apoio, a revisão por pares – dita também revisão por especialistas, arbitragem por pares; peer review, em inglês. O procedimento dá credibilidade ao periódico que o utiliza. É delineado para recusar textos inadequados e melhorar a clareza e a precisão dos selecionados para publicação. A sistemática empregada consiste em examinar cada artigo e verificar se é importante, original, bem apresentado e adequado para aparecer em futuro número do periódico. (PEREIRA, 2011, p.19)

Portanto, percebemos que os artigos científicos passam por processos rígidos até que sejam publicados. Essa relação assimétrica que é estabelecida nessa interação verbal é materializada no texto por meio da linguagem formal, pelo uso de argumentos de autoridade para que a pesquisa tenha credibilidade e, na maioria das vezes, pela ausência de pronomes em primeira pessoa e a opção pelo uso dos verbos impessoais.



Nessa direção, o que se destaca na escrita acadêmica é, efetivamente, a representação de si, ou, em outras palavras, o modo como autores pós-graduandos redigem seus textos em busca de ganhar credibilidade e autoridade em uma dada comunidade discursiva, aspecto que está diretamente ligado aos elementos da lexicogramática escolhidos pelo autor para compor seu texto e realizar significados específicos em função do contexto. Destaca Hyland (2008c, p.1991), a título de exemplo, que a manifestação mais visível da identidade autoral é o uso de pronomes em primeira pessoa, mas, ao mesmo tempo em que essa forma se mostra uma poderosa estratégia retórica que permite enfatizar a contribuição do autor, também revela um desconforto ao utilizá-la, porque esse discurso carrega uma conotação de autoridade nem sempre aceita nas comunidades discursivas acadêmicas. Além disso, a escrita acadêmica evidencia historicamente a ideia de que nela não há lugar para expressões pessoais, o que coloca em destaque o uso de modos impessoais de discurso. (NININ, 2015, p.597-598)

Em relação à variável modo trata-se do verbal-escrito, da linguagem constitutiva e do modo de organização argumentativo, pois o gênero artigo acadêmico defende um ponto de vista. Em relação ao contexto de cultura, trata-se de relações sociais que ocorrem dentro do mundo universitário entre pesquisadores. A seguir, será abordado o conceito de gênero para Hasan.

## 2 O CONCEITO DE GÊNERO DE HASAN

Halliday (2001, p.146) e Hasan (1989, p.52) compartilham da mesma ideia de que contexto e texto estão altamente interligados, pois o contexto delimita as seleções linguísticas e as escolhas realizadas no texto e, por sua vez, o texto revela o contexto. Para eles, contexto e texto nutrem-se de forma mútua, logo é inconcebível olhar para o texto e não perceber influências do contexto e olhar para o entorno do texto e não identificar padrões de escolha (apud SIMÕES, 2018, p.83).

Para Hasan (1989), toda interação social, seja uma conversa ou um soneto tem uma estrutura, uma forma que o identifica. Hasan (1989) cria o conceito de *configuração contextual*, que seria o modelo que um texto deve seguir a partir das variáveis *campo*, *relação* e *modo* descritas por Haliday (1989). O conceito de *configuração textual* pode ser definido como “um conjunto de valores que realizam campo, relação e modo.” (apud SIMÕES, 2018, p. 84).

Cada enunciado tem uma configuração contextual diferente e por meio dessa configuração é possível prever um padrão para a construção do texto e das escolhas realizadas. Como por exemplo em:

Mãe adverte filho oralmente

Patrão adverte empregado oralmente

Teremos duas configurações distintas para esses enunciados, já que os elementos *campo*, *relação* e *modo* são diferentes. No primeiro enunciado, temos como *campo* (advertir), como *relação* (Mãe – filho) e como *modo* (falado), já no segundo, temos como *campo* (advertir), como *relação* (Patrão- empregado) e como modo (falado). A partir dessas configurações, conseguimos prever como serão construídos os textos. Para Hasan (1989), o conceito de *configuração contextual* é muito importante, pois é a partir da configuração que conseguimos ter uma ideia antecipada de como será a estrutura do texto.

De posse da Configuração Contextual (CC), é possível prever a “obrigatoriedade e a opcionalidade dos elementos da estrutura do texto, bem como sua sequência e possibilidade de iteração” (HASAN, 1989, p. 55). Em outras palavras, por meio das características da CC, podemos “fazer certos tipos de previsão sobre a estrutura do texto” (apud SIMÕES, 2018, p. 84)

Quando depreendemos a configuração contextual de um gênero específico, ao analisarmos os textos, observamos de forma clara quais os elementos obrigatórios que definem

esse gênero e quais elementos opcionais que estão relacionados com a singularidade do falante/escritor. Todas essas possibilidades de elementos que podem acontecer em um texto conferem o que Hasan (1989, p. 64 apud SIMÕES, 2018, p.86) nomeia como Estrutura Potencial de gênero (EPG).

Para Hasan (1989, p. 64 apud SIMÕES, 2018, p. 86), é possível exprimir “a gama total de elementos opcionais e obrigatórios e a sua ordem” de tal modo que se possa “esgotar as possibilidades de texto para cada estrutura do texto que pode ser apropriado para CC.” Essa expressão condensada de todas as possibilidades estruturais de um texto dentro de uma dada CC é chamada de Estrutura Potencial do Gênero (EPG) (HASAN, 1989), e se compõe de elementos obrigatórios, opcionais e iterativos.

Neste trabalho, investigamos o gênero artigo científico publicado em revistas de qualis A1. São artigos que apresentam bastante cuidado na escrita, pois no processo de avaliação para ser publicado passam por diversas etapas. Na configuração contextual, temos na variável campo pesquisa sobre a área da linguagem, que é o recorte do nosso trabalho, escrita por mestres e doutores, a relação é assimétrica, pois trata-se do escritor mestre e doutor e os pareceristas da revista que avaliam o trabalho e o modo escrito.

Por essa configuração, conseguimos prever alguns aspectos obrigatórios como a linguagem formal e objetiva por se tratar de artigos de revista científica; sobre a estrutura, trata-se de um trabalho dividido em partes que procuram descrever os passos de uma pesquisa, apresentam conceitos embasados em referências bibliográficas da área. Na pesquisa realizada, encontrei artigos em primeira pessoa, outros apresentaram verbos impessoais, esse aspecto parte de uma escolha. Com essa descrição, notamos que, para Hasan, os gêneros são caracterizados por uma estrutura dinâmica, que leva em consideração a materialidade linguística e as relações sociais construídas por meio da linguagem.

Esses conceitos postulados por Hasan são muito importantes para o estudo de gêneros textuais, pois essa teoria torna-se uma ferramenta de grande contribuição para análise dos gêneros. De forma bem didática, a autora propõe um olhar para o gênero que abarca todos os seus elementos e constituintes e a partir dessa análise minuciosa facilita a comparação entre gêneros, logo construindo assim, uma análise profícua. A seguir, serão abordados os caminhos que conduziram essa pesquisa.

### 3 METODOLOGIA

Neste capítulo, iremos descrever o *corpus* que foi analisado no trabalho e abordar os procedimentos de análise que guiaram a pesquisa. Este trabalho tem como objetivo analisar de forma comparativa, por meio da Estrutura Temática, as seções introdução e conclusão de artigos científicos publicados nas Revistas científicas Alfa e Delta, procurando perceber as estruturas mais recorrentes de acordo com o propósito comunicativo de cada seção. Além de comparar as seções, por fim, iremos, baseados nos dados colhidos, fazer um quadro comparativo das estruturas encontradas nas Revistas Alfa e Delta.

A hipótese é a de que há mais temas múltiplos na seção conclusão do que na seção introdução dos artigos, pelo fato da introdução ser mais expositiva, mais representativa e a conclusão mais argumentativa, em que o escritor além de usar a língua como representação, também usa para agir sobre o outro por meio da metafunção interpessoal. Para desenvolvermos a pesquisa, iremos fazer um levantamento quantitativo em cada seção para saber quais temas aparecem com maior frequência, após esse levantamento, faremos uma análise interpretativa dos dados, levando em consideração o propósito comunicativo do gênero artigo científico e de cada seção.

#### 3.1 Descrição do *corpus*

Foram escolhidos 10 artigos, sendo 5 da Revista Alfa e 5 da Revista Delta por serem revistas bem conceituadas e criteriosas no processo da publicação de artigos e outros gêneros acadêmicos. As duas revistas apresentam qualis A1. O Qualis é uma classificação que indica a qualidade da revista em relação à confiabilidade das informações, sendo A1 o conceito mais elevado e C o menor conceito, isso significa que as duas revistas selecionadas apresentam o nível maior de confiabilidade. São revistas que servem de parâmetro para o desenvolvimento da escrita de pesquisas e que são referência na área de Linguística e Literatura no que tange ao conteúdo, por isso o meu interesse em investigá-las.

A *ALFA : Revista de Linguística* é financiada pela Pró-Reitoria de pesquisa da UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, só aceita trabalhos escritos por doutores e, em trabalhos de co-autoria, pelo menos um dos autores, obrigatoriamente precisa

ser doutor. Em relação ao processo de avaliação, o trabalho é lido por dois pareceristas e se houver discordância convoca-se um terceiro. A Revista não cobra nenhum valor para a submissão de trabalhos e tem acesso livre para todos que desejam ler.

A *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica* é publicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos de Linguagem (LAEL) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Apresenta as mesmas diretrizes no processo de avaliação que a Revista ALFA. Ainda que as Revistas ofereçam seu conteúdo de forma ilimitada, a maioria das pessoas que leem são alunos graduados, especialistas, mestres e doutores, pois ainda é precário o incentivo e o investimento em pesquisas no Brasil.

As revistas científicas têm uma grande relevância no meio acadêmico, pois divulgam novos conhecimentos, ao permitirem que os resultados das pesquisas realizadas nas universidades sejam difundidos. Dessa forma, contribuem para a ampliação de diálogos que promovem reflexões a fim de trazer melhorias para a sociedade.

### 3.2 Procedimentos de análise

Neste trabalho, foram analisadas as seções introdução e conclusão de dez artigos, sendo assim dez introduções e dez conclusões. O trabalho tem como objetivo fazer um levantamento quantitativo dos Temas e a partir dessa informação fazer uma análise comparativa entre as seções introdução e conclusão de cada artigo, buscando perceber quais as formas mais encontradas em cada seção, quais os Temas que mais aparecem e o motivo das diferenças encontradas.

Para isso, primeiramente, dividimos o texto de cada seção por períodos. Cada artigo apresentou cinco tabelas, uma primeira tabela com a organização temática da introdução, a segunda tabela com a organização temática da conclusão, a terceira tabela mostrando as ocorrências de Temas ideacionais, interpessoais e textuais encontrados em cada seção, a quarta tabela mostrando as ocorrências de Temas simples e múltiplos em cada seção e, por fim, a quinta tabela, a composição dos temas múltiplos. Para citar os exemplos retirados dos artigos ao longo do trabalho de forma mais prática e de fácil retomada, criei uma etiqueta para o corpus. O primeiro artigo será referenciado como Alfa 1, o segundo como Alfa 2, sendo o primeiro elemento o nome da Revista (Alfa ou Delta) e o segundo elemento trata-se do número do artigo. Quando o exemplo se referir a introdução, então acrescentaremos a letra I para indi-

car, como no exemplo Alfa 1 I, quando se referir a conclusão Alfa 1 C. Por exemplo, a etiqueta Delta 6 C, significa que o trecho foi retirado do artigo 6 da Revista Delta da seção conclusão.

Na primeira tabela de organização temática, dividimos os Temas quanto à metafunção e quanto à quantidade, pois, de acordo com a LSF, existem três tipos de Temas, o Tema ideacional que sempre estará presente em uma oração, que apresenta algum elemento da metafunção ideacional como o participante, processo e circunstância. O Tema ideacional pode, contudo, vir acompanhado ou não de Temas interpessoais e/ou Temas textuais. O Tema interpessoal apresenta algum elemento da metafunção interpessoal como vocativo, adjunto modal e outros que marcam a posição do autor do texto e o Tema textual que tem a função de unir as orações realizado pelos conectores.

Em relação à quantidade, o Tema pode ser simples quando apresenta somente o Tema tópico, que contém elementos da metafunção ideacional ou múltiplo quando aparece o Tema tópico antecedido de Tema interpessoal e/ ou Tema textual. Abaixo, destacarei alguns exemplos retirado dos artigos.

- Escrita colaborativa, redação conversacional/ é uma situação na qual dois ou mais participantes assumem a tarefa de escrever um único texto conjuntamente através do diálogo. (TEMA IDEACIONAL) (TEMA SIMPLES) (ALFA 1)
- Para Gaulmyn, Bouchard e Rabatel (2001, p. 09), / as situações de escrita colaborativa, também chamadas de “redação conversacional”/ são situações privilegiadas em que se observa tanto a escrita nascer da oralidade, quanto a oralidade criar a escrita. (TEMA INTERPESSOAL / TEMA IDEACIONAL) (TEMA MÚLTIPLO) (ALFA 1)
- Assim, / outro conceito caro à Genética Textual e também aos nossos estudos / é o de rasura. (TEMA TEXTUAL/ TEMA IDEACIONAL) (TEMA MÚLTIPLO) (ALFA 1)
- Seria necessário, / porém, / uma investigação mais ampla/ para saber se a escrita em pares produz benefícios imediatos, em escritas individuais subsequentes. (TEMA INTERPESSOAL /TEMA TEXTUAL/ TEMA IDEACIONAL) (TEMA MÚLTIPLO) (ALFA 1)

Após as explicações em relação às tabelas, faz-se necessário esclarecer alguns casos especiais quanto às escolhas realizadas ao longo da análise:

- o sujeito elíptico foi considerado como Tema ideacional;
- a conjunção integrante das orações principais foi considerada como parte do Tema Interpessoal;
- a indicação da fonte foi considerada como Tema Interpessoal;
- a oração subordinada adverbial anteposta à oração principal foi considerada como Tema Ideacional;

Em relação ao primeiro tópico, alinho-me à visão de Barbara e Gouveia (2001) que consideram o sujeito elíptico como sujeito da oração, pois é possível recuperá-lo por meio da coesão textual, como no exemplo abaixo em que conseguimos pela desinência verbal *mos* recuperar o participante da oração que nesse caso é o pronome *nós*.

- Para tanto, / [nós] / mobilizamos alguns conceitos propostos pela Genética Textual, que considera o manuscrito moderno seu objeto de trabalho e local de memória das obras *in statu nascendi*. ( ALFA 1)

Essa é uma discussão que não é proposta por Halliday, já que sua gramática é desenvolvida a partir da língua inglesa, que não permite arranjos em que o processo seja o ponto de partida da mensagem, sem a presença do participante; na língua portuguesa, contudo, essa construção é habitual.

Em relação ao segundo tópico, assim como Fuzer e Cabral (2014) e Schlee (2008), considerarei a conjunção *que*, presente na oração principal de valor modal, como parte do Tema interpessoal, visto que marca a posição do autor, como nos exemplos abaixo que as estruturas destacadas modalizam o discurso.

- Além disso, / **importa salientar que** / o plano de texto / é apenas uma das propriedades do gênero e, por isso, sua aplicação ao ensino deverá ser complementada com o estudo de outras dimensões, como, por exemplo, os mecanismos enunciativos mobilizados. (DELTA 2)

- Contudo, /deve ser sublinhado que/ os resultados alcançados/ não permitem extrair conclusões definitivas e inequívocas. (DELTA 2)
- Parece, / então, / evidente que / o plano de texto do gênero artigo científico/ admite variações, caracterizando-se por uma significativa flexibilidade, associável a áreas disciplinares distintas (ou seja, decorrentes de práticas sociodiscursivas diferentes, em consonância com as respectivas comunidades acadêmico-científicas). (DELTA 2)

Sobre o terceiro tópico, alinho-me à posição de Schlee (2008), que considera as fontes, a menção aos autores dentro do texto, recurso muito utilizado no gênero acadêmico, como Tema interpessoal, visto que, ao trazer outras vozes para compor o texto, o autor se isenta da informação asseverada no enunciado. O autor direciona a informação para uma outra pessoa e esse movimento é uma forma de não se comprometer com o conteúdo que está sendo desenvolvido. Em relação ao gênero acadêmico, utilizar esse recurso é um requisito fundamental para que o artigo seja aceito, pois é uma forma de credibilizar as informações veiculadas. É o que se percebe no exemplo abaixo retirado de um dos artigos analisados:

- Além disso, / como afirmam Dobao e Blum (2013), / ao reunir seus recursos individuais, / eles são capazes de alcançar um nível de desempenho que está além do nível de competência individual e é o que parece indicar as análises que empreendemos sobre os erros ortográficos. (ALFA 1)

Por fim, consideramos como Tema ideacional as orações adverbiais. Fuzer e Cabral (2014) estendem a noção de Tema e Rema para o nível do complexo oracional. As orações adverbiais antepostas, nos exemplos abaixo, indicam ideia de circunstância. A primeira oração, em destaque, é classificada como oração subordinada adverbial concessiva; a segunda, oração subordinada adverbial causal reduzida de particípio; a terceira, oração subordinada adverbial temporal reduzida de particípio e a quarta, oração subordinada adverbial reduzida de gerúndio.

- Apesar destes autores referirem que há um crescente interesse das pesquisas em direção à gênese textual, / Gaulmyn menciona que estas situações “oralográficas” ainda são frequentemente ignoradas pelos pesquisadores, já que “[...] os estudos sobre o oral recaem sobre conversações sem atividades de escrita-leitura e os estudos sobre textos



escritos recaem sobre os produtos acabados e não sobre o processo de sua produção.”  
(ALFA 1)

- Dada a escassez de trabalhos que apresentem configuração semelhante / foi necessário recorrer a trabalhos desenvolvidos não apenas na área da Linguística, mas também na Psicologia Cognitiva e na Didática da língua escrita, na expectativa de que os resultados obtidos por tais estudos nos permitam avançar em nossas próprias reflexões, a partir da Linguística. (ALFA 1)
  
- Ao ser apreendida no processo, / o estatuto heurístico da rasura se potencializa, e ela nos permite investigar os momentos de reflexão do aluno acerca da escrita em curso.  
(ALFA 1)
  
- Tratando-se de um gênero maior do discurso acadêmico, / é importante que as propriedades do artigo científico sejam conhecidas pelos estudantes do ensino superior quando são solicitados a ler e a escrever textos deste gênero. (DELTA 2)

#### 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nesta seção, organizo as seções introdução e conclusão em tabelas e apresento a análise de cada seção.

##### ARTIGO (ALFA 1)

ESCRITA COLABORATIVA E INDIVIDUAL EM SALA DE AULA: UMA ANÁLISE DE TEXTOS ESCRITOS POR ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL (REVISTA ALFA – A1/ 2019)

<https://doi.org/10.1590/1981-5794-1904-6>

##### SEÇÃO :INTRODUÇÃO

Quadro 1 - Organização temática da introdução de alfa 1

PERÍODO	TIPO DE TEMA	
	Quanto à metafunção	Quanto à quantidade
<u>Escrita colaborativa, redação conversacional/</u> é uma situação na qual dois ou mais participantes assumem a tarefa de escrever um único texto conjuntamente através do diálogo.	Ideacional	Simple
<u>Para Gaulmyn, Bouchard e Rabatel (2001, p. 09), / as situações de escrita colaborativa, também chamadas de “redação conversacional”/</u> são situações privilegiadas em que se observa tanto a escrita nascer da oralidade, quanto a oralidade criar a escrita.	Interpessoal e Ideacional	Múltiplo
<u>Apesar destes autores referirem que há um crescente interesse das pesquisas em direção à gênese textual, /</u> Gaulmyn menciona que estas situações “oralográficas” ainda são frequentemente ignoradas pelos pesquisadores, já que “[...] os estudos sobre o oral recaem sobre conversações sem atividades de escrita-leitura e os estudos sobre textos escritos recaem sobre os produtos acabados e não sobre o processo de sua produção.”	Ideacional	Simple
<u>A investigação aqui proposta /</u> traz especificidades que dificultam encontrar outros trabalhos através de parâmetros análogos: trata-se de analisar o <i>processo</i> de escrita de alunos recém-alfabetizados, com idade entre 7 e 8 anos, escrevendo colaborativamente.	Ideacional	Simple
<u>Dada a escassez de trabalhos que apresentem configuração se-</u>		

<u>melhante</u> / foi necessário recorrer a trabalhos desenvolvidos não apenas na área da Linguística, mas também na Psicologia Cognitiva e na Didática da língua escrita, na expectativa de que os resultados obtidos por tais estudos nos permitam avançar em nossas próprias reflexões, a partir da Linguística.	Ideacional	Simple
<u>Como se verá / tais trabalhos</u> / expõem investigações em diferentes contextos e com diferentes tipos de sujeito, mas todos têm um ponto em comum: analisam as vantagens e/ou desvantagens da escrita em colaboração.	Textual e Ideacional	Múltiplo
<u>Para tanto, / [nós]</u> / mobilizamos alguns conceitos propostos pela Genética Textual, que considera o manuscrito moderno seu objeto de trabalho e local de memória das obras <i>in statu nascendi</i> .	Textual e Ideacional	Múltiplo
<u>Decorrente deste conceito, o manuscrito escolar<sup>2</sup></u> / é o resultado de um processo de escrita que mostra a intensidade dos conflitos enunciativos que vão, pouco a pouco, estruturando um texto até ele ser dado como “acabado”.	Ideacional	Simple
<u>Nossa experiência,</u> / ao observar como se configuram os sucessivos retornos do escrevente sobre seu texto, retornos que são materializados sob a forma de rasuras, nos permite mesmo dizer que a escrita só se constrói se desconstruindo.	Ideacional	Simple
<u>Assim, / outro conceito caro à Genética Textual e também aos nossos estudos / é o de rasura.</u>	Textual e Ideacional	Múltiplo
<u>Ela</u> / afeta um segmento já inscrito pelo reconhecimento de “problemas a serem resolvidos”.	Ideacional	Simple
<u>Ao ser apreendida no processo,</u> / o estatuto heurístico da rasura se potencializa, e ela nos permite investigar os momentos de reflexão do aluno acerca da escrita em curso.	Ideacional	Simple
<u>Assim, / a rasura</u> / é a ferramenta fundamental de quem escreve, uma “[...] operação intelectual que pode ter sido precedida, em poucos segundos de reflexão, por uma considerável série de formações verbo-mentais.” (BIASI, 1996, p. 06).	Textual e Ideacional	Múltiplo
<u>A possibilidade de conhecer o que o aluno pensa acerca do que escreve / só é possível pela dimensão dialogal inerente ao processo de escrita colaborativa, que expõe os pontos de tensão e as rasuras orais.</u>	Ideacional	Simple
<u>Desse modo, / o conceito de diálogo que fundamenta nossos trabalhos / é aquele proposto por Benveniste.</u>	Textual e Ideacional	Múltiplo
<u>Para este autor, / a intersubjetividade / é constitutiva da língua e a reversibilidade entre locutor e alocutário, matriz do diálogo: Essa condição de diálogo é que é constitutiva da pessoa, pois implica em reciprocidade – que eu me torne tu na alocução daquele que por sua vez se designa por eu. [...] A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo como eu no seu discurso. Por isso, o</u>	Interpessoal e Ideacional	Múltiplo

<b>eu propõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior a mim, torna-se o meu eco – ao qual digo tu e o que me diz tu. (BENVENISTE, 1991, p. 286, grifo do autor). (CITAÇÃO)</b>		
<u>Nesse quadro enunciativo</u> , / a oralidade instancia a linguagem, vinculando o locutor e o alocutário em um jogo marcado por relações intersubjetivas, que atuam produzindo sentidos no discurso, onde ‘eu’ e ‘tu’ propiciam e estruturam o diálogo.	Ideacional	Simple
<u>Os trabalhos de Benveniste</u> / nos fornecem subsídios interessantes para compreendermos a situação didática dialográfica em que se encontram os alunos (discutindo e escrevendo colaborativamente um mesmo texto), as trocas de posições e as tentativas de influenciar um ao outro através de estratégias as mais diversas.	Ideacional	Simple
<u>Após essa breve introdução</u> , / <u>este artigo</u> / segue com: uma exposição dos trabalhos mais relevantes sobre escrita colaborativa, cujos resultados sejam, de algum modo, pertinentes a este trabalho; uma apresentação detalhada da metodologia através da qual os dados foram coletados e este estudo desenhado; uma discussão dos resultados obtidos através das análises qualitativas e quantitativas dos dados, seguida das principais conclusões.	Textual e Ideacional	Múltiplo

Fonte: A autora, 2022.

## SEÇÃO : CONCLUSÃO

Quadro 2 - Organização temática da conclusão de alfa 1

PERÍODO	TIPO DE TEMA	
	Quanto à metafunção	Quanto à quantidade
<u>O estudo</u> , / ao analisar quantitativamente os dados do produto, através da análise do que ocorre no processo, trouxe achados interessantes à medida que se concentrou em produções individuais e colaborativas.	Ideacional	Simple
<u>Ele</u> / mostrou que alunos recém-alfabetizados, em situação colaborativa, escreveram 34% a mais que em situação individual, em contraste com os estudos de Storch (2005).	Ideacional	Simple
<u>Isso</u> / nos leva a pensar que, o diálogo, ao ocupar parte do tempo que seria, a priori, destinado à escrita, pode, também, imprimir uma maior produtividade e criatividade geradora de novos conflitos, personagens, acontecimentos.	Ideacional	Simple

<p>As sobreposições de fala e interrupções, descritas por Vass <i>et al.</i> (2008) como altamente relevantes no contexto da escrita criativa colaborativa / parecem instigar a livre associação e a geração de ideias e levar alunos recém-alfabetizados, escritores novatos, a produzir textos mais extensos colaborativamente que individualmente.</p>	Ideacional	Simples
<p>A grande diferença de ocorrências de rasuras escritas nos dois formatos, cerca de 170% a mais no formato colaborativo, / pode ser vista, do ponto de vista didático, como uma medida para se avaliar a qualidade da interação e a aprendizagem dos alunos, muito embora apenas uma investigação sobre o que incidem as rasuras pode mostrar mais seguramente que aprendido(s) está(ão) em curso em dado momento.</p>	Ideacional	Simples
<p>[Nós] / dissemos que esse resultado com relação à rasura já era esperado, pois escrever a dois potencializa e favorece a irrupção de reflexões metalinguísticas.</p>	Ideacional	Simples
<p>Como aponta Calil (2016, p. 550), / <b>O caráter intersubjetivo da escrita a dois/ ganha relevo quando um locutor observa diferenças no modo de pensar e de escrever de seu interlocutor. Para “convencer” o outro sobre a necessidade de se escrever x ou y, é necessário apresentar argumentos. Estes argumentos podem conter importantes reflexões metalinguísticas e, ao mesmo tempo, explicitar o modo como pensam quando propõem alterações para o que será escrito ou para o que já foi escrito.</b> (Citação)</p>	Interpessoal e Ideacional	Múltiplo
<p>Assim, / as tarefas de escrita colaborativa / podem ser favoráveis à aprendizagem porque encorajam os alunos a refletir sobre a linguagem, pois precisam concordar não apenas sobre o que dizer, mas também sobre como dizer.</p>	Textual e Ideacional	Múltiplo
<p>Além disso, / como afirmam Dobao e Blum (2013), / ao reunir seus recursos individuais, / eles são capazes de alcançar um nível de desempenho que está além do nível de competência individual e é o que parece indicar as análises que empreendemos sobre os erros ortográficos.</p>	Textual, Interpessoal e Ideacional	Múltiplo
<p>Elas / mostram a ocorrência de um número menor de erros ortográficos na 2ª escrita individual, após duas situações de escrita colaborativa.</p>	Ideacional	Simples
<p>Seria necessário, / porém, / uma investigação mais ampla/ para saber se a escrita em pares produz benefícios imediatos, em escritas individuais subsequentes.</p>	Interpessoal, textual e Ideacional	Múltiplo
<p>Estudos posteriores / terão como objetivo testar um grupo maior de sujeitos, observando como ocorre a geração de ideias e o papel do outro como colaborador no sentido de olhar, questionar e interferir no que o parceiro escrever.</p>	Ideacional	Simples

Fonte: A autora, 2022.

Quadro 3 - Tipos de temas na introdução 1 e na conclusão 1 quanto à metafunção

<b>UNIDADE RETÓRICA</b>	<b>TEMAS IDEACIONAIS</b>	<b>TEMAS INTERPESSOAIS</b>	<b>TEMAS TEXTUAIS</b>
<b>INTRODUÇÃO 1</b>	<b>19</b>	<b>2</b>	<b>6</b>
<b>CONCLUSÃO 1</b>	<b>12</b>	<b>3</b>	<b>3</b>

Fonte: A autora, 2022.

Quadro 4 - Em relação à composição temática

<b>UNIDADE RETÓRICA</b>	<b>TEMAS SIMPLES</b>	<b>TEMAS MÚLTIPLO</b>
<b>INTRODUÇÃO 1</b>	<b>11</b>	<b>8</b>
<b>CONCLUSÃO 1</b>	<b>8</b>	<b>4</b>

Fonte: A autora, 2022.

Quadro 5 - Em relação à composição dos temas múltiplos

<b>UNIDADE RETÓRICA</b>	<b>TEMA INTERPESSOAL E IDEACIONAL</b>	<b>TEMA TEXTUAL E IDEACIONAL</b>	<b>TEMA TEXTUAL, INTERPESSOAL E IDEACIONAL</b>
<b>INTRODUÇÃO 1</b>	<b>2</b>	<b>6</b>	<b>-</b>
<b>CONCLUSÃO 1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>2</b>

Fonte: A autora, 2022.

A unidade retórica *Introdução* de um artigo científico apresenta uma organização padronizada em consonância com seus propósitos comunicativos. O espaço da introdução fica reservado para a apresentação de um tema e a justificativa da escolha, mostrando a relevância para a sociedade da discussão do assunto que será abordado. Além disso, é nessa seção que são elencados os objetivos que o autor do texto deseja alcançar com a sua pesquisa. Esses objetivos almejam responder a questão-problema que é colocada. A introdução contextualiza o leitor no assunto que será discutido, por isso apresenta teorias e autores que serão usados como aporte teórico. Como está descrito em manuais de escrita científica:

A introdução é uma apresentação de seu texto e nele deve constar alguns elementos essenciais. Segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 43), a introdução constitui a partir de uma “formulação clara e simples do tema, sua delimitação, importância, caráter, justificativa, metodologia empregada e apresentação sintética da questão”. Desse modo, os elementos essenciais da introdução são: (a) o tema da pesquisa; (b) a revisão da literatura; (c) as justificativas; (d) metodologia empregada; (e) os objetivos da pesquisa; e (f) a apresentação sintética da estrutura proposta para pesquisa. (COSTA, FILHO, FERREIRA p. 26)

Já a unidade retórica *conclusão* apresenta outras características quanto à estrutura e outros propósitos comunicativos, enquanto a introdução tem um caráter mais expositivo e informativo, a conclusão é mais argumentativa, pois apresenta a interpretação dos dados obtidos na pesquisa. Nesse sentido, acaba tendo um teor mais argumentativo do que a introdução. A conclusão, além de retomar de forma sucinta o trabalho e seu objetivo, procura responder com a apresentação de resultados concretos as questões feitas na introdução. Isso não quer dizer que a introdução não seja argumentativa, pois apresentar a relevância do trabalho e usar fontes são estratégias para convencer e atrair os leitores. De forma comparativa, cabe dizer que a unidade retórica *conclusão* dentro de uma escala, apresenta um teor mais argumentativo do que expositivo, em relação à seção *Introdução*. E essa característica das seções será confirmada por meio da materialidade linguística. De acordo com o manual

Conforme Marconi e Lakatos (2003, p. 254) explicam, a conclusão “constitui a parte final do processo. Apresenta uma síntese completa dos resultados da pesquisa, o resumo das principais informações ou argumentos”. Nesse sentido, espera-se que o pesquisador faça uma síntese de todas as outras partes do texto científico e também apresente as contribuições da pesquisa realizada. São os passos sugeridos para a retomada dos conteúdos: (1) identificar o problema científico perseguido durante a pesquisa; (2) demonstrar como se desenvolveu a solução e/ou os protocolos de pesquisa realizados para se aproximar dessa solução; (3) apresentar os resultados (finais ou parciais) da pesquisa, apontando suas contribuições para a área de conhecimento.”( COSTA, FILHO, FERREIRA, p. 39)

Em relação à estrutura temática, no primeiro artigo analisado, encontramos na unidade retórica introdução 19 Temas ideacionais seguidos de 6 Temas textuais e 2 Temas interpessoais. Na conclusão, encontramos 12 Temas ideacionais, 3 Temas textuais e 3 Temas interpessoais. Por meio da análise quantitativa, foi possível perceber que a quantidade de Temas interpessoais na conclusão foi maior do que na introdução. Essa diferença confirma a característica dessas unidades retóricas no gênero artigo acadêmico. A introdução apresenta um caráter mais expositivo ao apresentar a temática do trabalho e a conclusão um caráter mais argumentativo por apresentar ponderações a respeito dos resultados encontrados na pesquisa científica, como, por exemplo, no trecho retirado do primeiro artigo: **Seria necessário, / porém, / uma investigação mais ampla/ para saber se a escrita em pares produz benefícios imediatos, em escritas individuais subsequentes.** Esse período é formado por um Tema múltiplo, apresentando como Tema tópico “uma investigação mais ampla”, antecedido por uma conjunção adversativa que configura um Tema textual, pois tem a função de conectar as partes da oração e uma expressão modalizadora formada pelo verbo ser acompanhado do adjetivo necessário “seria necessário” Nesse enunciado, o escritor é cauteloso ao afirmar que existe uma necessi-

dade de maiores investigações para se chegar a outras conclusões. Essa reflexão na conclusão é característica da escrita científica que não compreende as pesquisas como finalizadas e acabadas, mas como um ponto de partida para diversos outros questionamentos e debates.

É interessante notar que das 5 ocorrências de Temas interpessoais presentes na introdução e na conclusão, 4 são formadas por indicação das fontes, mencionando autores especialistas da área, o que também faz parte de uma característica da escrita científica que é trazer autores como argumento de autoridade. Ao fazer isso, o autor fornece uma maior credibilidade para o seu texto, mostrando que o trabalho foi fruto de pesquisas de especialistas da área. Como exemplo, observem-se os trechos a seguir retirados da introdução e da conclusão, respectivamente, em que o autor, ao apresentar conceitos e reflexões, apoia-se nas palavras de autores.

- **Para Gaulmyn, Bouchard e Rabatel (2001, p. 09), / as situações de escrita colaborativa, também chamadas de “redação conversacional”/ são situações privilegiadas em que se observa tanto a escrita nascer da oralidade, quanto a oralidade criar a escrita. (ALFA 1 )**
  
- **Como aponta Calil (2016, p. 550), /O caráter intersubjetivo da escrita a dois/ ganha relevo quando um locutor observa diferenças no modo de pensar e de escrever de seu interlocutor. Para “convencer” o outro sobre a necessidade de se escrever x ou y, é necessário apresentar argumentos. Estes argumentos podem conter importantes reflexões metalinguísticas e, ao mesmo tempo, explicitar o modo como pensam quando propõem alterações para o que será escrito ou para o que já foi escrito. (Citação) (ALFA 1)**

Em relação à composição temática, percebemos que a quantidade de temas múltiplos na introdução foi maior do que na conclusão, dado que vai na contramão da hipótese deste trabalho. Como a seção conclusão está intimamente ligada a uma tomada de posição, esperávamos mais temas múltiplos. Dentre os Temas múltiplos da introdução, notamos uma incidência grande da configuração *tema textual/tema ideacional*, o que se justifica por ser uma seção que tem como premissa ser explicativa e didática. Dos 8 temas múltiplos da introdução, 6 são formados por temas textuais/temas ideacionais, apenas 2 são temas interpessoais/ temas ideacionais. Esses dois temas encontrados são formados por fontes o que também é característico do gênero. Na conclusão, temos 12 períodos, sendo 4 formados por temas múltiplos, sen-



do 1 formado por tema *textual/ ideacional*, 1 formado por tema *interpessoal e ideacional* e 2 pelos três temas. Logo, percebemos que na conclusão o elemento interpessoal teve maior ocorrência na composição dos temas múltiplos.

Artigo (ALFA 2)

É PRECISO REINTERPRETAR O CONCEITO DE FATO SOCIAL EM SAUSSURE?  
(ALFA 2)

<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/13585/11559>

### SEÇÃO: INTRODUÇÃO

Quadro 6 - Organização temática da introdução de alfa 2

PERÍODO	TIPO DE TEMA	
	Quanto à metafunção	Quanto à quantidade
<u>Não é difícil, / ao ler livros sobre Ferdinand de Saussure ou sobre a ciência linguística, / encontrar a afirmação de que, ao eleger a língua como objeto de estudo da referida ciência, Saussure excluiu o social dos estudos da linguagem.</u>	Interpessoal e ideacional	Múltiplo
<u>Não é difícil/ também/ encontrar no livro Curso de Linguística Geral, doravante CLG, / várias passagens que relacionam termos como massa falante, língua como instituição social/contrato coletivo dentre outros ao estudo da linguística.</u>	Interpessoal, Textual e Ideacional	Múltiplo
<u>A partir disso, / surge-nos/ a dúvida se não houve um gesto de leitura do CLG que supervalorizou a visão sistemática e apagou a visão social da língua que Saussure também apresentou em seus cursos ministrados em Genebra no início do século XX.</u>	Textual e Ideacional	Múltiplo
<u>Passados 100 anos da publicação do CLG, com um olhar mais amadurecido, / não seria preciso reinterpretar o conceito de fato social em Saussure?</u>	Ideacional	Simple
<u>A partir do mirante da Análise do Discurso de orientação francesa,/[ Nós]/ propomos compreender os discursos que circulam sobre Saussure os quais constroem a imagem de que ele tenha abandonado o social, o falante, a fala ao dar mais ênfase ao sistema como objeto de estudo da ciência linguística.</u>	Interpessoal e Ideacional	Múltiplo

<u>Ao ler com atenção o CLG./</u> vimos que isso não se confirma, pois, embora não haja um conceito elaborado, há nele várias passagens em que a língua está atrelada à história, ao sujeito e à sociedade.	Ideacional	Simple
<u>Orientados pelo olhar discursivo./</u> nós indagamo-nos o motivo de aparecer enunciados os quais afirmam que Saussure não deu atenção ao social nos estudos da língua.	Ideacional	Simple
<u>Sem esse caráter social da língua, sem a massa falante de que trata Saussure./</u> como seria possível um sistema funcionar?	Ideacional	Simple
<u>Quais/ condições de produção/</u> permitiram que surgissem esses discursos sobre Saussure em não outros em seu lugar?	Interpessoal e Ideacional	Múltiplo
<u>Por que/ foi/</u> essa imagem de Saussure que circulou?	Interpessoal e Ideacional	Múltiplo
<u>Em meio a tantos enunciados./</u> porque somente os que se referiam ao caráter sistêmico da língua se destacaram?	Ideacional	Simple
<u>Por que/ a língua como fato social em Saussure/</u> não teve o mesmo prestígio do que o Saussure sistêmico?	Interpessoal e Ideacional	Múltiplo
<u>Quais/ posições de sujeito/</u> defenderam a imagem de um Saussure-sistêmico?	Interpessoal e Ideacional	Múltiplo
<u>Foram/</u> algumas dúvidas que apareceram em nosso estudo.	Ideacional	Simple
<u>Para responder tais indagações./</u> fomos pesquisar senão a gênese dessa visão, pelo menos um caminho que nos mostrasse onde e quando começaram essas afirmações e quem as fizeram.	Ideacional	Simple
<u>[Nós]/</u> Encontramos vários autores estrangeiros, como Voloshinov, Meillet, Pêcheux, e brasileiros também como Lopes e Marcuschi.	Ideacional	Simple
<u>Isso não significa que/ [Eles]/</u> foram os únicos a fazerem afirmações como as descritas, mas que eles servem de exemplo para verificarmos as posições de sujeitos que construíram a imagem de um Saussure sistêmico.	Interpessoal e Ideacional	Múltiplo
<u>Sobre esse tema,/ Christian Puech e Jean-Louis Chiss/</u> já dedicaram vários estudos os quais demonstraram que a ideia de exclusão do social em Saussure foi produzida pela recepção dada ao CLG.	Textual e Ideacional	Múltiplo
<u>Este artigo/</u> visa oferecer contribuições ao que já foi apresentado sobre o tema.	Ideacional	Simple
<u>É importante/ compreender/</u> a circulação desse discurso e suas contradições ao longo do tempo.	Interpessoal e Ideacional	Múltiplo
<u>Nota-se que,/ muitas vezes,/</u> tal circulação é retomada e repetida como se ela fosse da ordem da evidência: a forma como Saussure foi lido e interpretado ao longo dos	Interpessoal e Ideacional	Múltiplo

anos nos mostra o quanto é importante os estudiosos da nossa área se atualizarem como pesquisador e como professor.		
<u>Os estudos saussurianos que se formaram nas últimas décadas/ nos levam a rever a circulação de sentidos sobre aquele que foi considerado o fundador da linguística.</u>	Ideacional	Simple
<u>Quando se trata de estudar o CLG,/ é preciso levar em conta que é uma obra póstuma, a qual Saussure não escreveu com seu próprio punho.</u>	Ideacional	Simple
<u>Nesse sentido,/ as ideias do genebrino/ foram apresentadas a partir das percepções de seus alunos na tentativa de uma reprodução fidedigna de seus pensamentos.</u>	Textual e Ideacional	Múltiplo
<u>Contudo,/ [Nós]/ esbarramos na questão do gesto de leitura que os editores fizeram: é uma visão atravessada pela interpretação do outro.</u>	Textual e Ideacional	Múltiplo
<u>Por conta disso,/ a credibilidade das ideias colocadas no CLG/ é um tema que gera discussões.</u>	Textual e Ideacional	Múltiplo
<u>Isso,/ como se sabe, ficou mais forte quando foram encontradas as fontes manuscritas de Saussure.</u>	Ideacional	Simple
<u>A partir da análise desses documentos,/ críticos como De Mauro, S. Bouquet, R. Engler nos fizeram ver que muitas interpretações geraram mal-entendidos sobre as verdadeiras ideias do professor genebrino.</u>	Ideacional	Simple
<u>Como tudo o que se escreveu de Saussure até hoje é interpretação, /a nossa é mais uma.</u>	Ideacional	Simple
<u>Talvez/[sujeito]/ apressada ainda, precisando de amadurecimento.</u>	Interpessoal e Ideacional	Múltiplo
<u>No entanto, /[Nós]/ amparamo-nos nas palavras de Normand (2012, p.12 apud BRAIT, 2016, p.94): Cada geração de leitores produziu e continua produzindo seu modo preferencial de leitura, marcada pelo contexto intelectual do momento, de modo que se poderia fazer a história do pensamento saussuriano como [sendo] a de suas interpretações há mais ou menos um século.</u>	Textual e Ideacional	Múltiplo

Fonte: A autora, 2022.

## SEÇÃO: CONCLUSÃO

Quadro 7 - Organização temática da conclusão de alfa 2

PERÍODO	TIPO DE TEMA	
	Quanto à metafunção	Quanto à quantidade

<u>Ao romper com as práticas comparatistas da época./</u> Saussure, a partir da noção de valor, defende que o sentido é construído pelas relações de oposição que se estabelecem dentro do sistema linguístico.	Ideacional	Simple
<u>Por conta desse olhar sistemático./</u> o professor genebrino, ao não conseguir concluir suas ideias por conta de sua morte prematura, abriu fissuras para as interpretações puramente sistemáticas e afirmações de que ele havia excluído o fato social dos estudos da língua.	Ideacional	Simple
<u>É preciso/ compreender/</u> o conceito de coletivo para Saussure: ele é uma espécie de elemento pressuposto que o portador do sistema precisa compartilhar.	Interpessoal e Ideacional	Múltiplo
<u>Não / se trata/</u> de um “social” teoricamente definido enquanto conjunto de práticas.	Interpessoal e ideacional	Múltiplo
<u>Como isso não foi compreendido logo de início./</u> construiu-se a imagem de que ele negligenciou o fato social nos estudos da linguagem.	Ideacional	Simple
<u>Como vimos./ ao discorrer sobre a dependência do contrato coletivo, da massa falante, das coerções sociais./</u> Saussure percebeu que, para essas relações sistemáticas funcionarem, era preciso de ratificação social.	Interpessoal e Ideacional	Múltiplo
<u>As primeiras interpretações realizadas sobre o Curso./</u> fruto da historicidade da época, agiram sobre os discursos, criando uma imagem para o professor suíço que reverberou durante um século.	Ideacional	Simple
<u>Como consequência./ o verdadeiro núcleo de pesquisa de Saussure/</u> não ficou claro de imediato, necessitando de muitas discussões e debates até que se chegasse a ele: a noção de valor dos elementos que compõem um sistema de signos convencionados socialmente.	Textual e Ideacional	Múltiplo
<u>Nesse sentido./ ver /</u> a língua como um sistema de valores/ elimina a necessidade de recorrer à subjetividade do falante.	Textual e Ideacional	Múltiplo
<u>Ver um falante que obedece à ordem da língua, suas regras estabelecidas socialmente./</u> elimina a necessidade de considerar suas intenções.	Ideacional	Simple
<u>Saussure/</u> está imerso em uma época em que a subjetividade, a metafísica, o naturalismo, enfim, outras linhas de pensamento estavam concorrendo para estabelecer uma ciência linguística.	Ideacional	Simple
<u>Saussure/</u> percebeu que era preciso sair do apelo ao sujeito e sua intenção naquele momento histórico em que tantas teorias (metafísica, idealismo, naturalismo) estavam concorrendo.	Ideacional	Simple
<u>Como foi possível perceber com esse trabalho./ o próprio CLG/</u> desconstrói a imagem de que Saussure exclui o social, de que o único e verdadeiro objeto de estudo da linguística é a língua considerada em si e por si o qual vimos circular nas últimas décadas.	Interpessoal e Ideacional	Múltiplo
<u>A partir dessas discussões./ é imperante/ repensar o assunto/</u>	Textual,	Múltiplo

para que possamos não mais repetir esses discursos reducionistas sobre o referido autor.	Interpessoal e Ideacional	
O problema vislumbrado/ é que, depois da descoberta das fontes manuscritas, esses discursos primeiros continuaram sendo propagados.	Ideacional	Simple
Muitas vezes,/ não houve uma correção e atualização do que se diz sobre Saussure.	Ideacional	Simple
É preciso que/ os estudiosos da língua/ atualizem seus aprendizados sobre o professor genebrino e passem a produzir conhecimentos sobre o assunto a partir dos estudos saussurianos que se formaram nas últimas décadas.	Interpessoal e Ideacional	Múltiplo
Essa preocupação/ se justifica a partir do amplo desenvolvimento de estudos linguísticos ao longo desses 100 anos da publicação do CLG.	Ideacional	Simple
A quantidade de conhecimento produzido no último século/ não permite conceber a ciência linguística da mesma forma que se fazia em 1916.	Ideacional	Simple

Fonte: A autora, 2022.

Quadro 8 - Tipos de temas na introdução 2 e na conclusão 2 quanto à metafunção

UNIDADE RETÓRICA	TEMAS IDEACIONAIS	TEMAS INTERPESSOAIS	TEMAS TEXTUAIS
INTRODUÇÃO 2	31	11	7
CONCLUSÃO 2	19	6	3

Fonte: A autora, 2022.

Quadro 9 - Em relação à composição temática

UNIDADE RETÓRICA	TEMAS SIMPLES	TEMAS MÚLTIPLOS
INTRODUÇÃO 2	14	17
CONCLUSÃO 2	11	8

Fonte: A autora, 2022.

Quadro 10 - Em relação à composição dos temas múltiplos

UNIDADE RETÓRICA	TEMA INTERPESSOAL E IDEACIONAL	TEMA TEXTUAL E IDEACIONAL	TEMA TEXTUAL, INTERPESSOAL E IDEACIONAL
INTRODUÇÃO 2	10	6	1
CONCLUSÃO 2	5	2	1

Fonte: A autora, 2022.

Neste artigo, encontramos na introdução 17 temas múltiplos e na conclusão 8 temas múltiplos. Dentre os 17 temas múltiplos da introdução, 10 foram formados por temas interpessoais e ideacionais, 6 foram formados por temas textuais e ideacionais e 1 formado por tema interpessoal, textual e ideacional.

Na conclusão, dos 8 temas múltiplos, 5 são formados por temas interpessoais e ideacionais, 2 por temas textuais e ideacionais e 1 por textual, interpessoal e ideacional. O autor deste artigo começa o seu texto na introdução sendo bastante direto e argumentativo e propondo reflexões, ele instiga o leitor a fazer certas desconstruções e coloca em dúvida certas ideias que foram postuladas por anos como verdadeiras e indiscutíveis como o fato de Saussure excluir o social do seu estudo acerca da língua. Isso justifica o emprego de tantos elementos interpessoais na introdução, pois o autor deixa claro logo no início que seu artigo irá gerar um debate e um confronto de ideias.

Como exemplo de temas interpessoais na introdução, estão as perguntas que o autor faz com o objetivo de provocar reflexões:

- *Quais/ condições de produção/ permitiram que surgissem esses discursos sobre Saussure em não outros em seu lugar?*
- *Por que/ foi/ essa imagem de Saussure que circulou?*

É importante destacar a postura aberta em relação ao diálogo do autor. No final da introdução, ele deixa claro que o seu trabalho é mais uma interpretação dentre várias e que o assunto não está encerrado, pelo contrário a ideia é colocar mais “lenha na fogueira” para acalorar os debates. Essa postura fica evidente nestes trechos abaixo:

- *Como tudo o que se escreveu de Saussure até hoje é interpretação, /a nossa é mais uma.*
- *Talvez/[sujeito]/ apressada ainda, precisando de amadurecimento.*

O autor ainda modaliza o seu discurso ao usar o advérbio *talvez* e o adjetivo *apressada* para indicar que seu trabalho é mais uma contribuição e que ainda pode estar em construção.

Na conclusão, a configuração de temas ideacionais combinados a temas interpessoais também aparece em maior quantidade, como na introdução. O autor faz uso de elementos interpessoais convidando, quase que uma convocação com urgência, o leitor/estudiosos da língua a repensar o discurso que circula sobre Saussure excluir o social do seu estudo. Temos

como elementos interpessoais orações modalizadoras formadas pelo verbo *ser* acompanhado de adjetivos como *imperante* e *preciso*, como ilustram os exemplos a seguir:

- *A partir dessas discussões,/ é imperante/ repensar o assunto/ para que possamos não mais repetir esses discursos reducionistas sobre o referido autor.*
- *É preciso que/ os estudiosos da língua/ atualizem seus aprendizados sobre o professor genebrino e passem a produzir conhecimentos sobre o assunto a partir dos estudos saussurianos que se formaram nas últimas décadas.*

Fica evidente, assim, a postura persuasiva do autor deste artigo, por meio das suas escolhas linguísticas no decorrer do seu trabalho. Ele utiliza estratégias argumentativas como o uso de perguntas, elementos interpessoais como expressões modalizadoras para propor reflexões e convencer o leitor.

#### ARTIGO (ALFA 3)

#### AVALIAÇÃO, IDENTIDADES E GÊNERO: ANÁLISE DE NARRATIVAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA EM UMA INTERAÇÃO ENTRE MULHERES (ALFA 3)

<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/13172/11555>

#### SEÇÃO : INTRODUÇÃO

Quadro 11 - Organização temática da introdução de alfa 3

PERÍODO	TIPO DE TEMA	
	Quanto à metafunção	Quanto à quantidade
<u>Neste artigo,/</u> analisamos as relações entre os usos avaliativos da linguagem e as (re)construções de identidades de gênero, a partir de um arcabouço teórico-metodológico crítico voltado para a inter-relação entre gênero, identidades e avaliação em narrativas orais de experiências pessoais.	Ideacional	Simple
<u>A pesquisa/</u> centra-se na área da Linguística Aplicada Contemporânea, campo de investigação indisciplinar e mestiço que busca criar inteligibilidades sobre os usos da linguagem em contextos sociais específicos (MOITA LOPES, 2006; PENNYCOOK, 2006).	Ideacional	Simple
<u>A Linguística Aplicada Contemporânea/</u> vai em direção a um “projeto epistemológico com implicações sobre a vida soci-	Ideacional	Simple

al” (MOITA LOPES, 2006, p. 91), sendo uma área continuamente crítica e auto-reflexiva (PENNYCOOK, 2004, 2006) e que se preocupa com questões relacionadas à vida sociocultural, política e histórica (MOITA LOPES, 2006).		
<u>Alicerçada nos princípios da Linguística Aplicada Contemporânea, a concepção teórica /</u> aqui adotada segue uma perspectiva não essencialista de identidades e argumenta que, em vez de uma realidade dada, pronta e acabada, as identidades emergem de, e são construídas em, contextos socioculturais particulares e apenas podem ser compreendidas como efeitos de performances corporais e linguísticas.	Ideacional	Simple
[Nós]/ Partimos, portanto, de uma perspectiva crítica de linguagem (FAIRCLOUGH, 2003; PENNYCOOK, 2004), entendendo o discurso como parte fundadora e constitutiva da prática social, um modo de ação sobre o mundo e a sociedade (FAIRCLOUGH, 2003).	Ideacional	Simple
<u>Analisar criticamente a prática discursiva/</u> é levar em conta “as premissas de que o discurso é estruturado pela dominação; que cada discurso é historicamente produzido e interpretado, isto é, está situado no tempo e no espaço; e que as estruturas de dominação são legitimadas pelas ideologias dos grupos que detêm o poder1.” (WODAK, 2004, p. 226).	Ideacional	Simple
<u>Seguindo tais pressupostos,/ [Nós]/</u> analisamos uma interação ocorrida entre mulheres participantes de um grupo de pesquisa, vinculado a uma universidade do Rio de Janeiro.	Textual e Ideacional	Múltiplo
<u>Nosso foco/</u> recai sobre a narração de histórias de violências domésticas sofridas pelas participantes (sejam estas físicas, psicológicas, materiais, dentre outras), especialmente sobre a investigação dos elementos discursivos avaliativos que contribuem para as (re)construções das identidades de gênero de Carina2, narradora principal de uma das histórias relatadas na interação3, quando ela conta a agressão física que sofreu em seu ambiente familiar.	Ideacional	Simple
<u>Nesse sentido,/ para estudarmos a fala em interação do grupo de mulheres em questão,/</u> recorreremos à perspectiva de gênero como ato performativo, desempenhado por meio do uso da linguagem (BUTLER, 2003) e não como algo com o que se nasce.	Textual e Ideacional	Múltiplo
<u>Alinhadas a esta visão de gênero como ato discursivo performativo,/</u> nos fundamentamos na abordagem social de identidades, entendendo-as como múltiplas, fluidas e fragmentadas (MOITA LOPES, 2003; BUCHOLTZ, 1990; SAWIM, 1990), assim como construídas de forma colaborativa em práticas discursivas localizadas, únicas e específicas a cada interação social.	Ideacional	Simple
<u>Inspiradas por paradigmas teóricos e metodológicos socioconstrutivistas, e uma vez que consideramos as narrativas como locus para a reconstrução de experiências pessoais,/</u> nos baseamos	Ideacional	Simple



na perspectiva interacional (DE FINA, 2008; BASTOS, 2004; MOITA LOPES, 2001) para as análises da narrativa selecionada, pois nos atemos aos aspectos interacionais e interpessoais que a compõe.		
<u>Os momentos discursivos avaliativos/</u> direcionam o nosso olhar analítico, uma vez que são “a razão de ser da narrativa <sup>4</sup> ” (LABOV, 1972, p.366, tradução nossa) e, em consonância com Linde (1997, p. 152, tradução nossa), consideramos como avaliação “qualquer instanciação produzida pelo falante que tenha sentido social ou que indique o valor de uma pessoa, coisa, evento ou relacionamento <sup>5</sup> ”, compreendendo a avaliação como um fator intrinsecamente relacionado à dimensão moral da linguagem.	Ideacional	Simple
[Nós]/ Notamos, assim, a importância da avaliação para a construção de sentidos, visto que ela pode ser considerada “uma das funções mais básicas e importantes da linguagem e vale a pena investigá-la em profundidade”, uma vez que “encontrar um texto ou mesmo uma frase sem nenhum traço de avaliação é uma tarefa muito desafiadora, se não impossível <sup>6</sup> ” (ALBA-JUEZ; THOMPSON, 2014, p. 5, tradução nossa).	Ideacional	Simple
<u>Portanto,/ para a análise da prática discursiva avaliativa,/</u> tomamos o sistema de avaliatividade (MARTIN, 2001; MARTIN; WHITE, 2005), integrante da abordagem sociosemiótica de linguagem proposta pela Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994; MARTIN; ROSE, 2007), como ferramenta para a análise das escolhas discursivas avaliativas, principalmente as ligadas às dimensões afetiva e moral da linguagem.	Textual e Ideacional	Múltiplo
<u>O paradigma qualitativo e interpretativo de pesquisa</u> (DENZIN; LINCOLN, 2006) <sup>1</sup> / orienta/ o nosso caminho analítico e ressaltamos que, ao investigar as (re)construções de identidades de gênero em narrativas orais de experiências pessoais, o presente artigo tem por objetivo analisar como as participantes deste estudo estruturam, negociam e (re)constroem suas identidades ao longo da história contada por Carina.	Interpessoal e ideacional	Múltiplo
<u>Com isso, /</u> [Nós]/ acreditamos ser possível observar como as interlocutoras lidam com as questões de gênero em uma sociedade majoritariamente hegemônica e ideologicamente patriarcal, que impõe determinadas maneiras de ser aprioristicamente.	Textual e Ideacional	Múltiplo

Fonte: A autora, 2022.

<sup>1</sup> Classificamos esse tema como interpessoal, pois consideramos a indicação de autores entre parênteses como um elemento interpessoal, apesar de não ser cânone.

## SEÇÃO: CONCLUSÃO

Quadro 12 - Organização temática da conclusão de alfa 3

PERÍODO	TIPO DE TEMA	
	Quanto à metafunção	Quanto à quantidade
<u>No presente estudo,</u> / analisamos a construção de identidades de gênero em narrativas de experiências pessoais, observando a interação entre sete participantes de um mesmo grupo de pesquisa e uma professora convidada, de outra instituição de ensino superior.	Ideacional	Simple
<u>Com o objetivo de investigar como as participantes estruturam, negociam e (re)constróem identidades ao longo das histórias contadas,</u> / encontramos o uso de sobreposições para a manutenção do engajamento narrativo e do tópico conversacional, pois em muitos casos as participantes se alinharam quando ilustraram uma recusa às normas patriarcais que governam o sistema social.	Ideacional	Simple
<u>Ainda que a participante Carina tenha controlado grande parte dos turnos,</u> / acreditamos que o uso das sobreposições e das falas coladas evidenciam o modo colaborativo e engajado da conversa, bem como contribuem para a organização sequencial da fala-em-interação.	Ideacional	Simple
<u>Torna-se clara/ a importância da avaliação/</u> para a (re)construção colaborativa das identidades de gênero que foram performadas na interação investigada.	Interpessoal e Ideacional	Múltiplo
<u>Foi possível percebermos que/ ao avaliar (de forma explícita, mas, principalmente, de forma implícita) os eventos narrados por Carina,</u> / identidades foram construídas em oposição à agressão sofrida pela narradora, seja em relação ao comportamento de seu irmão ou ao de sua mãe e de sua avó.	Interpessoal e Ideacional	Múltiplo
<u>A observação dos elementos avaliativos,</u> / especialmente os em alta gradação, nos sugere a insatisfação e a infelicidade de Carina.	Ideacional	Simple
<u>Tanto o afeto como o julgamento de estima social (negativos) das participantes em relação ao comportamento do irmão da narradora,</u> / são fatores constitutivos na formação das identidades de Carina, de seus familiares e das participantes do grupo.	Ideacional	Simple
<u>Também/ [Nós]/</u> notamos o quanto o trabalho de narrar envolve aspectos socioculturais mais amplos, ao mesmo tempo em que é orientado por variações individuais de cada participante.	Textual e Ideacional	Múltiplo
<u>A narradora principal,</u> / como dito anteriormente, se (re)constrói identitariamente como guerreira, corajosa, justiceira, juíza e independente, sempre em oposição ao outro.	Ideacional	Simple
<u>Seu irmão,</u> / por exemplo, é construído discursivamente como fraco, machista, chorão, fuxiqueiro e nervoso.	Ideacional	Simple
<u>Cabe ressaltar que/ os significados construídos nos eventos que são montados nessa narrativa/</u> resultam de uma situação interaci-	Interpessoal e Ideacional	Múltiplo

onal realizada no aqui e agora, sendo a narrativa co-produzida por interlocutoras situadas socio-historicamente.		
<u>Além disso,/ as análises/</u> nos ilustram que o discurso reportado direto foi usado com frequência para estabelecer o envolvimento na narração, pois é visto como um recurso avaliativo que proporciona um maior envolvimento entre as membras do grupo de pesquisa.	Textual e Ideacional	Múltiplo
<u>O ato de avaliar em narrativas/</u> é, portanto, um recurso significativo para o aumento da carga dramática da história relatada.	Ideacional	Simple
<u>Esta pesquisa,/</u> então, a partir da abordagem crítica proposta pela Linguística Aplicada Contemporânea, buscou olhar para a avaliação na dinâmica interacional da narração, com vistas a observar como as participantes lidam com as questões de gênero presentes em uma sociedade patriarcal e heteronormativa.	Ideacional	Simple
<u>Por meio de princípios e de normas socioculturais e interacionais que regem as construções discursivas,/</u> nos foi possível observar como, muitas vezes, somos influenciadas por padrões que reforçamos por forças ideológicas maiores.	Ideacional	Simple
<u>Ainda assim,/ [Nós]/</u> percebemos que houve uma contestação por parte da narradora principal, que se mostrou uma usuária ativa da língua e uma agente de reflexões.	Textual e Ideacional	Múltiplo
<u>Após concluir nossas análises e discussões,/</u> acreditamos que a perspectiva performativa de gênero aqui adotada ilustrou como é possível apontar alguns dos mecanismos pelos quais a estrutura patriarcal se instala e se consolida, dominando e determinando o sistema social.	Ideacional	Simple
<u>[Nós]/</u> Percebemos que há uma violência de gênero, ainda impulsionada por uma ideologia patriarcal onde a mulher é inferior ao homem e deve ser sempre submissa a ele.	Ideacional	Simple
<u>Por fim,/ [Nós]/</u> reiteramos, em alinhamento ao referencial teórico aqui utilizado, que tanto os gêneros como as identidades são produtos das performances locais de indivíduos socio-historicamente situados em atividades discursivas diversas.	Textual e Ideacional	Múltiplo

Fonte: A autora, 2022.

Quadro 13 - Tipos de temas na introdução 3 e na conclusão 3 quanto à metafunção

UNIDADE RE-TÓRICA	TEMAS IDEA-CIONAIS	TEMAS INTER-PESSOAIS	TEMAS TEX-TUAIS
<b>INTRODUÇÃO 3</b>	<b>16</b>	<b>1</b>	<b>4</b>
<b>CONCLUSÃO 3</b>	<b>19</b>	<b>3</b>	<b>4</b>

Fonte: A autora, 2022.

Quadro 14 - Em relação à composição temática

UNIDADE RE-TÓRICA	TEMAS SIM-PLES	TEMAS MÚL-TIPLoS
INTRODUÇÃO 3	11	5
CONCLUSÃO 3	12	7

Fonte: A autora, 2022.

Quadro 15 - Em relação à composição temática dos temas múltiplos

UNIDADE RE-TÓRICA	TEMA INTER-PESSOAL E IDEACIONAL	TEMA TEXTU-AL E IDEACIO-NAL	TEMA TEXTU-AL, INTERPES-SOAL E IDEA-CIONAL
INTRODUÇÃO 3	1	4	-
CONCLUSÃO 3	3	4	-

Fonte: A autora, 2022.

Na introdução deste artigo, encontramos 5 temas múltiplos, sendo 4 formados por temas textuais e ideacionais e 1 formado por tema interpessoal e ideacional. O foco dos períodos desse artigo é o trabalho em si e o seu conteúdo, algo recorrente em um artigo científico, que é desenvolver algum tema específico. Por isso, foram usados na introdução mais temas simples em que o ponto de partida dos períodos foram elementos ideacionais para retomar a pesquisa e conteúdos referentes ao trabalho. Os temas simples começam com : *neste artigo, a pesquisa, a linguística aplicada contemporânea*. Já o aparecimento de temas textuais é esperado nesse gênero que tem como característica a organização.

Na conclusão, encontramos 7 temas múltiplos, sendo 3 formados por temas interpessoais e ideacionais e 4 por temas textuais e ideacionais. Na conclusão, encontramos elementos interpessoais em que os autores relatam sobre os achados das pesquisas, avaliam os resultados o que é comum nessa seção.

- *Torna-se clara/ a importância da avaliação/ para a (re)construção colaborativa das identidades de gênero que foram performadas na interação investigada.*

Nesse trecho, o autor utiliza uma expressão modalizadora para enfatizar a importância da avaliação.

- *Cabe ressaltar que/ os significados construídos nos eventos que são montados nessa narrativa/ resultam de uma situação interacional realizada no aqui e agora, sendo a narrativa co-produzida por interlocutoras situadas socio-historicamente.*

A oração principal *cabe ressaltar* mais a conjunção integrante *que* faz parte do tema interpessoal em que o autor expressa o seu ponto de vista. Logo, foi possível perceber que neste artigo, encontramos mais temas múltiplos e mais elementos interpessoais na conclusão.

Artigo (ALFA 4)

## DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA SOCIOLINGUÍSTICA E O SUCESSO NO DESEMPENHO EM LEITURA (ALFA 4)

Raquel Meister Ko FREITAG

### SEÇÃO: INTRODUÇÃO

Quadro 16 - Organização temática da introdução de alfa 4

PERÍODO	TIPO DE TEMA	
	Quanto à metafunção	Quanto à quantidade
<u>Os resultados de avaliações nacionais, como a Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA) e internacionais, como o Programa Internacional de Avaliação dos Alunos (PISA) / mostram que o Brasil falha no ensino de leitura em todo o sistema escolar.</u>	Ideacional	Simple
<u>Apenas um exemplo,/ em Sergipe,/ os resultados da ANA de 2015 apontam que apenas 25% das crianças atingem a proficiência em leitura adequada para o 2o ano do ensino fundamental.</u>	Textual e Ideacional	Múltiplo
<u>Este/ não é um problema novo, nem é exclusivo da sociedade brasileira (LABOV, 1972a), mas que aqui parece estar estagnado, sem conseguir avanços.</u>	Ideacional	Simple
<u>O problema brasileiro da leitura/ pode ser em parte devido às diferenças entre a variedade padrão e a dialetal, que ainda são pouco exploradas nos programas nacionais para o ensino de leitura.</u>	Ideacional	Simple
<u>Diferentes métodos e técnicas/ têm sido apresentados e propostos como paliativos; e a Sociolinguística pode contribuir para a redução desta assimetria não como paliativo, mas como peça essencial, com o desenvolvimento da consciência sociolinguística.</u>	Ideacional	Simple
<u>Neste artigo,/ assume-se a que a explicação para o sucesso na leitura de uma parte dos estudantes pode estar relacionada ao desenvolvimento da consciência sociolinguística: a consciência da existência de formas variáveis na língua e de seu signi-</u>	Ideacional	Simple

ficado social e/ou estilístico em relação aos contextos de uso, relações sociais e identidades pessoais (VAN COMPER-NOLLE; WILLIAMS, 2013).		
<u>Este artigo/</u> tem duplo objetivo: Comparação entre o comportamento de traços linguísticos variáveis e o desempenho em um teste de compreensão leitora, de modo a identificar o poder preditivo dos traços sociolinguísticos, para contribuir em programas de ensino de leitura que considerem o desenvolvimento da consciência sociolinguística. Aprimoramento da escala de avaliação social adotada na pesquisa sociolinguística (indicadores, marcadores e estereótipos), com a testagem do comportamento de oito variáveis fonético-fonológicas do português brasileiro em diferentes situações estilísticas.	Ideacional	Simple
<u>Por adentrar na relação entre consciência e valores estilísticos,/</u> a observação da emergência ;da consciência sociolinguística pode retroalimentar a investigação das escalas de avaliação social de traços linguísticos, que, no português brasileiro, são, via de regra, inferidas a partir da distribuição de frequências quanto aos perfis sociais (FREITAG, 2016).	Ideacional	Simple

Fonte: A autora, 2022.

## SEÇÃO: CONCLUSÃO

Quadro 17 - Organização temática da conclusão de alfa 4

PERÍODO	TIPO DE TEMA	
	Quanto à metafunção	Quanto à quantidade
<u>A investigação do comportamento de um mesmo traço em diferentes situações de monitoramento estilístico pelos mesmos falantes/</u> permite tecer considerações para o refinamento da escala de avaliação social das variáveis sociolinguísticas, e, por ter sido desenvolvida no espaço escolar e envolver como parâmetro um teste de compreensão leitora, também permite tecer considerações acerca do desenvolvimento da consciência sociolinguística e o desempenho em leitura.	Ideacional	Simple
<u>Estereótipos negativos,/</u> como a vocalização e o rotacismo, ainda que presentes na fala, não transpassam para as situações de maior monitoramento estilístico, como a tarefa de nomeação e a leitura.	Ideacional	Simple
<u>Variáveis com comportamento de marcador, como o apagamento de -d em -ndo e a simplificação de ataques complexos,/</u> também foram barradas na leitura em voz alta.	Ideacional	Simple
<u>A monotongação, a ditongação e o apagamento do -R em coda externa (especialmente verbos), traços que são tradicionalmente considerados como indicadores, neste estudo,/</u> apresentaram comportamento de marcadores, por serem sensíveis ao con-	Ideacional	Simple

texto de monitoramento estilístico, mas em uma direção contrária ao esperado: a variante não padrão é mais recorrente no contexto de maior monitoramento, a leitura em voz alta.		
<u>Neste caso./ o efeito/</u> pode ser atribuído à falta de transparência entre a forma ortográfica e a realização padrão na comunidade; por estarem em situação de aprendizado inicial da leitura, os estudantes ainda acessam a rota fonológica, ao invés da rota lexical.	Textual e Ideacional	Múltiplo
<u>Os resultados do estudo/</u> mostram que os alunos que apresentaram as maiores taxas de realização de variáveis padrão na tarefa de leitura em voz alta foram os que tiveram melhor desempenho em um teste de compreensão em leitura.	Ideacional	Simples
<u>A transposição da variante padrão da fala espontânea para a leitura em voz alta/</u> sugere a automatização no processo de decodificação por via lexical, e consequente disponibilidade cognitiva para efeitos de processamento.	Ideacional	Simples
<u>Pode parecer / um resultado óbvio./</u> mas uma observação empírica, como o desempenho nas avaliações oficiais, mostra que a realidade é muito distante.	Interpessoal e Ideacional	Múltiplo
<u>Reverter/</u> essa situação requer, por um lado, que resultados descritivos de estudos sociolinguísticos sejam mobilizados para a formação de professores de língua materna, de modo a contribuir para a identificação de traços variáveis da fala que passam para a leitura e seu respectivo valor social; e, por outro, a observação dos traços variáveis da fala que passam para a leitura pode contribuir para o refinamento das descrições sociolinguísticas no que diz respeito ao comportamento de variáveis do tipo marcadores, estereótipos e indicadores: enquanto estereótipos negativos têm padrão de comportamento estável e demarcado, marcadores parecem atuar em duas direções: aquele em que a variante padrão do traço é recorrente na fala, mas não passa para a leitura (emergindo uma variante não padrão), e aquele em que a variante não padrão do traço é recorrente na fala, e também não passa para a leitura (este o comportamento mais prototípico associado aos estereótipos).	Ideacional	Simples
<u>A diversificação dos contextos estilísticos para a observação da variação linguística/</u> tem ganhado espaço na agenda de pesquisa atual (cf. VIEIRA; LIMA, 2019), com resultados que particularizam os padrões de comportamento em diferentes gêneros e tipos textuais.	Ideacional	Simples
<u>A inclusão de tarefas de leitura e a documentação da produção linguística no espaço escolar para identificar traços variáveis da fala que passam para a leitura e seu respectivo valor social/</u> pode contribuir para o desenvolvimento de estratégias de diagnóstico de leitura em situação de sala de aula.	Ideacional	Simples

Fonte: A autora, 2022.

Quadro 18 - Tipos de temas na introdução 4 e na conclusão 4 quanto à metafunção

<b>UNIDADE RE-TÓRICA</b>	<b>TEMAS IDEA-CIONAIS</b>	<b>TEMAS INTER-PESSOAIS</b>	<b>TEMAS TEXTUAIS</b>
<b>INTRODUÇÃO 4</b>	<b>8</b>	<b>0</b>	<b>1</b>
<b>CONCLUSÃO 4</b>	<b>11</b>	<b>1</b>	<b>1</b>

Fonte: A autora, 2022.

Quadro 19 - Em relação à composição temática

<b>UNIDADE RE-TÓRICA</b>	<b>TEMAS SIM-PLES</b>	<b>TEMAS MÚLTIPLOS</b>
<b>INTRODUÇÃO 4</b>	<b>7</b>	<b>1</b>
<b>CONCLUSÃO 4</b>	<b>9</b>	<b>2</b>

Fonte: A autora, 2022.

Quadro 20 - Em relação à composição dos temas múltiplos

<b>UNIDADE RE-TÓRICA</b>	<b>TEMA INTER-PESSOAL E IDEACIONAL</b>	<b>TEMA TEXTUAL E IDEACIONAL</b>	<b>TEMA TEXTUAL, INTERPESSOAL E IDEACIONAL</b>
<b>INTRODUÇÃO 4</b>	<b>-</b>	<b>1</b>	<b>-</b>
<b>CONCLUSÃO 4</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>-</b>

Fonte: A autora, 2022.

Neste artigo, na introdução, há 8 períodos, sendo apenas 1 tema múltiplo formado por tema textual e ideacional, o que significa que o autor colocou em evidência o conteúdo do artigo, recorrendo aos temas simples.

Na conclusão, de 11 períodos, 2 são formados por temas múltiplos. Este artigo é formado quase na sua totalidade por temas simples. O ponto de partida dos períodos não foram elementos interpessoais e nem textuais, mas elementos ideacionais que recuperam experiências por meio da linguagem, por meio dos processos, participantes e eventuais circunstâncias. Teve mais temas múltiplos na conclusão e apenas um elemento interpessoal na conclusão.

ARTIGO (ALFA 5)

SINGULARIDADES NA SINTAXE DO PORTUGUÊS BRASILEIRO ESCRITO NA REGIÃO NORDESTE NOS SÉCULOS XIX E XX (ALFA 5)



Marco Antonio Rocha MARTINS

SEÇÃO: INTRODUÇÃO

Quadro 21 - Organização temática da introdução de alfa 5

PERÍODO	TIPO DE TEMA	
	Quanto à metafunção	Quanto à quantidade
O objetivo primeiro deste artigo/ é apresentar um mapeamento diatópico-diacrônico de diferentes fenômenos morfossintáticos do português no curso dos séculos XIX e XX, buscando trazer à tona argumentos para a hipótese de que, no vasto território do Brasil desse período, a gramática inovadora do Português Brasileiro (PB) deixa “correr sua tinta” (para retomar TARALLO, 1993) no curso dos séculos com mais expressividade na região Nordeste quando comparada às demais regiões.	Ideacional	Simple
Em outras palavras,/ [eu]/ buscarei defender a hipótese de que diferenças diatópicas relevantes, com a implementação de formas inovadoras do PB, estão refletidas em textos escritos na região Nordeste em relação, principalmente, às regiões Sudeste e Sul do Brasil.	Textual e Ideacional	Múltiplo
[Eu]/ Apresento e sistematizo resultados de diferentes estudos acerca de três fenômenos morfossintáticos: (1) a implementação do pronome você na função de sujeito; (2) o complemento dativo com referência à segunda pessoa do singular, e; (3) a sintaxe de colocação e posição dos pronomes pessoais clíticos.	Ideacional	Simple
Os dados retomados neste artigo/ foram extraídos sobretudo de estudos com base nos corpora do Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB) e as análises foram realizadas a partir de pressupostos teóricos-metodológicos variacionistas da Sociolinguística Histórica <sup>2</sup> .	Ideacional	Simple
O mapeamento/ aqui apresentado mostra uma maior recorrência de formas inovadoras que estão na origem do PB na escrita na região Nordeste do Brasil e um conservadorismo nas regiões Sudeste e Sul.	Ideacional	Simple
O artigo/ está dividido em três seções: apresento um breve panorama de corpora Históricos do português brasileiro, elaborados (e em elaboração) no Brasil, sobretudo na região Nordeste, no âmbito do Projeto PHPB; retomo resultados de estudos sobre os três fenômenos sintáticos em tela; procuro sumarizar os principais resultados que mostram as singularidades do PB na escrita da região Nordeste, buscando contribuir para “atar as pontas” dessa complexa tessitura que envolve o estudo para uma história do português escrito em terras d’aquém mar.	Ideacional	Simple

Fonte: A autora, 2022.

## SEÇÃO : CONCLUSÃO

Quadro 22 - Organização temática da conclusão de alfa 5

PERÍODO	TIPO DE TEMA	
	Quanto à metafunção	Quanto à quantidade
<u>Os resultados retomados neste artigo de estudos sobre a implementação do pronome você na função de sujeito, da expressão do complemento dativo com referência à segunda pessoa e da sintaxe de posição e de colocação dos pronomes clíticos/</u> delineiam um mapeamento diatópico-diacrônico do português escrito no Brasil no curso dos séculos XIX e XX. Do quadro apresentado, podemos concluir que a implementação do pronome você na região Nordeste parece estar já consolidada na escrita em finais do século XIX, enquanto nas regiões Sudeste e Sul, sobretudo nos estados do RJ e de SC,	Ideacional	Simple
<u>Do quadro apresentado,</u> podemos concluir que a implementação do pronome você na região Nordeste parece estar já consolidada na escrita em finais do século XIX, enquanto nas regiões Sudeste e Sul, sobretudo nos estados do RJ e de SC, há uma clara implementação do você na escrita a partir da década de 1930 do século XX, ou inclusive mais tarde como mostram os dados de SC.	Ideacional	Simple
<u>A implementação das variantes para a expressão do complemento dativo com referência à segunda pessoa do singular,</u> de igual modo, parece ser dar na mesma direção, de modo que a variante pronominal te é significativamente menos frequente já no início do século XX na escrita do Nordeste, enquanto a variante inovadora lhe se mostra já totalmente implementada no sistema pronominal desse período, assim como também há elevadas frequência de uso das formas inovadoras nulas e preposicionadas no curso do século XX.	Ideacional	Simple
<u>Esse/ não é o quadro da região Sudeste e Sul em que, apesar de o percurso de implementação parecer ser o mesmo, a distribuição e a frequência de uso das formas inovadoras não são tão frequentes e entram na escrita mais tarde na linha do tempo.</u>	Ideacional	Simple
<u>Numa mesma direção,</u> os resultados sobre a sintaxe de posição em sentenças simples e de colocação em sentenças com predicados complexos dos pronomes clíticos mostram o mesmo quadro, em que formas inovadoras como a próclise em posição inicial absoluta na sentença são mais frequentes na escrita no Nordeste, enquanto formas conservadoras, como a interpolação e a contração de clíticos e as construções com subida de clíticos são mais recorrentes (e mesmo condicionadas como mostram os índices	Ideacional	Simple

estatístico-probabilísticos da análise estatística de MARTINS, 2018 e MARTINS <i>et al.</i> , [2021?]) na escrita das regiões Sudeste e Sul.		
Esse mapeamento diatópico-diacrônico/ nos permite trazer à tona argumentos a favor da hipótese que nos colocamos na introdução deste artigo de que, no vasto território brasileiro no curso dos séculos XIX e XX, a gramática inovadora do Português Brasileiro parece deixar “correr sua tinta” com mais expressividade na região Nordeste quando comparada às regiões Sudeste e Sul do país (TARALLO, 1993).	Ideacional	Simple

Fonte: A autora, 2022.

Quadro 23 - Tipos de temas na introdução 5 e na conclusão 5 quanto à metafunção

UNIDADE RE-TÓRICA	TEMAS IDEA-CIONAIS	TEMAS INTER-PESSOAIS	TEMAS TEX-TUAIS
INTRODUÇÃO 5	6	0	1
CONCLUSÃO 5	6	0	0

Fonte: A autora, 2022.

Quadro 24 - Em relação à composição temática

UNIDADE RE-TÓRICA	TEMAS SIM-PLES	TEMAS MÚLTI-PLOS
INTRODUÇÃO 5	5	1
CONCLUSÃO 5	6	0

Fonte: A autora, 2022.

Quadro 25 - Em relação à composição dos temas múltiplos

UNIDADE RE-TÓRICA	TEMA INTER-PESSOAL E IDEACIONAL	TEMA TEXTU-AL E IDEACIO-NAL	TEMA TEXTU-AL, INTERPES-SOAL E IDEA-CIONAL
INTRODUÇÃO 5	-	1	-
CONCLUSÃO 5	-	-	-

Fonte : A autora, 2022.

Na introdução deste artigo, há 6 períodos e somente 1 formado por tema múltiplo. Foi possível perceber que o autor escolheu como ponto de partida dos seus períodos elementos ideacionais que indicam e retomam o artigo e seu conteúdo como : *O objetivo primeiro deste artigo/ Os dados retomados neste artigo, O mapeamento, O artigo.* Conclui-se que o autor foi mais expositivo, ao colocar em primeiro plano o conteúdo do texto.

Na conclusão, todos os períodos são formados por temas simples o que caminha na mesma direção da introdução em que o autor opta por elementos ideacionais como participante, processo e circunstância, colocando em evidência o conteúdo do artigo.

#### ARTIGO (DELTA 6)

O plano de texto do artigo científico: caracterização e perspectivas didáticas.

The research article's text plan: characterization and didactic perspectives.

Paulo Nunes da Silva, Rute Rosa (Revista Delta 2019/ Qualis A1)

<https://doi.org/10.1590/1678-460X2019350409>

#### SEÇÃO: INTRODUÇÃO

Quadro 26 - Organização temática da introdução de delta 6

PERÍODO	TIPO DE TEMA	
	Quanto à metafunção	Quanto à quantidade
<u>Nesta pesquisa</u> , / reflete-se acerca do plano de texto do gênero artigo científico, tendo como principais objetivos identificar e sistematizar as suas propriedades com vista a uma aplicação ao ensino.	Ideacional	Simple
<u>Nos últimos anos</u> , / têm sido sublinhadas, em Portugal, as dificuldades sentidas por estudantes dos diversos níveis de ensino, decorrentes, em parte, da falta de competências no que diz respeito ao domínio de gêneros escolares e acadêmicos (Gonçalves e Jorge 2018).	Ideacional	Simple
<u>Essas constatações</u> / têm desembocado em estudos que destacam a necessidade de promover pesquisas acerca de gêneros usados nas instituições de ensino superior (cf. Silva e Santos 2013, 2018; Rosa 2018a, 2018b).	Ideacional	Simple
<u>O artigo científico</u> / tem sido objeto de múltiplas pesquisas e reflexões, com particular destaque para a área de Inglês para Fins Acadêmicos (Swales 1990, 2004).	Ideacional	Simple
<u>O modelo analítico e pedagógico baseado em movimentos e em passos que concretizam esses movimentos</u> / foi alargado a diversos gêneros acadêmicos (a tese de doutoramento, a dissertação	Ideacional	Simple

de mestrado, o abstract, etc.), tendo gerado um vasto número de publicações no panorama internacional e obtendo um assinalável sucesso, independentemente da variedade dos contextos socio-culturais em que é aplicado (Bunton 2002; Motta-Roth e Hendges 2010; Maswana, Kanamaro e Tajino 2015; Adel e Moghadam 2015).		
<u>Em Portugal</u> , / todavia, são muito escassas as pesquisas que incidiram no artigo científico e, mais especificamente, nos planos de texto atestados em exemplares do gênero (Santos e Silva 2016).	Ideacional	Simple
<u>Tratando-se de um gênero maior do discurso acadêmico</u> , / é importante que as propriedades do artigo científico sejam conhecidas pelos estudantes do ensino superior quando são solicitados a ler e a escrever textos deste gênero.	Ideacional	Simple
<u>Entre essas propriedades</u> , / está o plano de texto, nomeadamente no que diz respeito à distribuição dos conteúdos e à divisão em seções.	Ideacional	Simple
<u>Aferir o grau de convencionalidade dos planos de texto de artigos de áreas disciplinares distintas</u> / constitui, de igual modo, um objetivo relevante (Adam 2002).	Ideacional	Simple
<u>No âmbito do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD)</u> , / tem sido enfatizada a necessidade de se proceder a pesquisas sobre as características de gêneros, para os docentes poderem elaborar instrumentos didáticos.	Ideacional	Simple
<u>Entre esses instrumentos</u> , / contam-se os modelos didáticos e as sequências didáticas (Schneuwly e Dolz 2004).	Ideacional	Simple
<u>A presente pesquisa</u> / constitui uma abordagem exploratória, que pretende testar a validade da análise efetuada, para possível aplicação posterior a um corpus mais representativo e a artigos científicos de outras áreas disciplinares.	Ideacional	Simple
<u>Após a apresentação da revisão da literatura (seção 2) e do enquadramento teórico (seções 3 e 4)</u> , / refletir-se-á acerca do conceito de plano de texto e das propriedades que deverão ser consideradas na sua análise (seção 5).	Ideacional	Simple
<u>Segue-se</u> / a caracterização sumária do gênero artigo científico, a apresentação do corpus e da metodologia adotada, e o estudo efetuado (seção 6).	Ideacional	Simple
<u>Por fim</u> , / <u>serão</u> / sistematizadas as conclusões (seção 7).	Textual e Ideacional	Múltiplo

Fonte: A autora, 2022.

## SEÇÃO : CONCLUSÃO

Quadro 27 - Organização temática da conclusão de delta 6

PERÍODO	TIPO DE TEMA	
	Quanto à metafunção	Quanto à quantidade

<u>Ao longo deste trabalho</u> , / refletiu-se sobre o plano de texto do gênero artigo científico e procedeu-se ao levantamento preliminar das suas principais características, com vista a uma aplicação ao ensino.	Ideacional	Simple
<u>A partir da análise efetuada</u> , / constatou-se que os planos dos quatro exemplares apresentam propriedades comuns e outras específicas, que decorrem dos modos particulares de fazer e divulgar ciência, em uso nas quatro áreas científicas.	Ideacional	Simple
<u>Relativamente aos aspectos divergentes</u> , / em AC1 (exemplar da área das Ciências Farmacêuticas) e AC2 (exemplar da área da Engenharia Civil), os conteúdos tematizados são ordenados de acordo com uma distribuição típica de áreas de investigação de tipo experimental, que reflete as diversas etapas do processo de investigação: Introdução, Metodologia, Resultados, Discussão e Conclusão (IMRDC).	Ideacional	Simple
<u>Essa ordenação previsível</u> / é evidenciada pelos intertítulos em negrito, que explicitam seções convencionais, bem como pelos mecanismos gráficos de organização textual que ilustram o processo experimental de pesquisa.	Ideacional	Simple
<u>Em AC3 (exemplar da área do Direito)</u> , / todavia, os conteúdos são distribuídos de acordo com os temas selecionados, e não segundo seções cujos títulos (e respectivos conteúdos) são convencionados e previsíveis no seio da área disciplinar em causa.	Ideacional	Simple
<u>Nestes três exemplares, AC1, AC2 e AC3</u> , / o texto está segmentado em diversas seções.	Ideacional	Simple
<u>Já em AC4 (exemplar da área da Literatura)</u> , / embora as seções do corpo do texto não sejam graficamente delimitadas por meio de intertítulos, identificam-se três grandes blocos temáticos (introdução, desenvolvimento e conclusão), evidenciados por mecanismos linguísticos, estando, dessa forma, distribuídos, tal como em AC3, de acordo com a progressão do tema objeto de reflexão.	Ideacional	Simple
<u>A ordenação dos conteúdos</u> / não é previsível, como sucede nos artigos AC1 e AC2, de áreas disciplinares das Ciências (C), mas depende quer dos temas tratados, quer das opções dos autores.	Ideacional	Simple
<u>Essas distinções</u> / provavelmente ficam a dever-se ao fato de, nos artigos em causa (de áreas disciplinares das Ciências Sociais e Humanas e das Humanidades: CSHH), não se proceder à exposição de um processo experimental, mas, em vez disso, à tematização de um objeto de estudo que depende mais da reflexão e não tanto da experimentação.	Ideacional	Simple
<u>Assim</u> , / parece plausível / <u>dizer</u> / que, em AC1 e AC2, os conteúdos são sequencialmente distribuídos (numa disposição predominantemente horizontal), enquanto, em AC3, os conteúdos ocorrem hierarquicamente organizados (sublinhando uma ordenação tendencialmente vertical).	Textual, Interpessoal e Ideacional	Múltiplo
<u>Em AC4</u> , / eles ocorrem sequencialmente delimitados em três blocos temáticos.	Ideacional	Simple

<p><u>Essas divergências</u> / demonstram que as propriedades do plano de texto do artigo científico parecem depender, em parte pelo menos, das especificidades das áreas científicas, nomeadamente no que diz respeito aos processos de investigação adotados (de natureza mais experimental ou de natureza mais especulativo-reflexiva).</p>	Ideacional	Simples
<p><u>Isso significa que,</u> / <u>quando se comunica o processo de pesquisa,</u> / os diversos domínios científicos regulam de modos diversos não só os conteúdos contemplados e admitidos, mas, de igual modo, a forma como eles são tematizados e organizados no espaço textual.</p>	Interpessoal e Ideacional	Múltiplo
<p><u>Contudo,</u> / <u>também</u> / <u>se observaram</u> / convergências, por exemplo, na presença de seções que explicitam a autoria dos textos e a sua organização, ainda que sejam atualizadas a partir de diferentes mecanismos de organização textual.</p>	Textual e Ideacional	Múltiplo
<p><u>Assim,</u> / <u>embora os elementos peritextuais sejam maioritariamente comuns e previsíveis,</u> / é necessário observar e considerar as práticas em uso dos domínios científicos e as diretrizes específicas das revistas de divulgação científica.</p>	Textual e Ideacional	Múltiplo
<p><u>Além disso,</u> / <u>três dos quatro exemplares</u> / caracterizam-se pela distribuição dos conteúdos tematizados em seções graficamente delimitadas.</p>	Textual e Ideacional	Múltiplo
<p><u>Trata-se,</u> / <u>portanto,</u> / <u>de uma propriedade composicional relevante deste gênero</u> (o que não significa necessariamente que esteja generalizada a todos os exemplares do gênero, como atesta AC4).</p>	Interpessoal, Textual e Ideacional	Múltiplo
<p><u>Porém,</u> / <u>como foi já sublinhado,</u> / <u>a sequencialização</u> / e a hierarquização dos conteúdos são fortemente reguladas pelos domínios científicos.</p>	Textual, Interpessoal e Ideacional	Múltiplo
<p><u>Em suma,</u> / <u>as propriedades do plano de texto</u> / são determinadas por múltiplos fatores: i) pela área científica/disciplinar em que o gênero é mobilizado, ii) pelas características do gênero (e o seu maior ou menor grau de cristalização numa dada sincronia), iii) pelos conteúdos admitidos/contemplados nos diferentes domínios científicos, iv) pelas diretrizes específicas decorrentes da atividade editorial (que diferem de revista para revista) e, por último, v) pelo modo singular como cada produtor textual atualiza essas propriedades, simultaneamente adotando-as e adaptando-as.</p>	Textual e Ideacional	Múltiplo
<p><u>Parece,</u> / <u>então,</u> / <u>evidente que</u> / <u>o plano de texto do gênero artigo científico</u>/ admite variações, caracterizando-se por uma significativa flexibilidade, associável a áreas disciplinares distintas (ou seja, decorrentes de práticas sociodiscursivas diferentes, em consonância com as respectivas comunidades acadêmico-científicas).</p>	Interpessoal, Textual e Ideacional	Múltiplo
<p><u>A estruturação fortemente hierarquizada de AC3 e a estruturação particular de AC4 (de acordo com a progressão do tema objeto</u></p>		

de reflexão e sem divisão em seções) / demonstram que é possível introduzir, nesse gênero, características inerentes a uma área disciplinar específica.	Ideacional	Simple
<u>E / essa constatação</u> / sublinha a flexibilidade do gênero <i>artigo científico</i> .	Textual e Ideacional	Múltiplo
Desse ponto de vista, / a maleabilidade do gênero / é um aspecto que deve ser equacionado na leitura e na interpretação de artigos científicos, bem como na planificação da produção textual.	Interpessoal e Ideacional	Múltiplo
<u>Consequentemente, / a transposição didática das propriedades do plano de texto</u> / deverá, por um lado, considerar os múltiplos fatores que as determinam e, por outro, adaptá-las às especificidades do contexto de ensino, como, por exemplo, o nível de escolaridade ou a área científica do curso.	Textual e Ideacional	Múltiplo
<u>Nesse sentido, / a reflexão sobre o ensino das propriedades do plano de texto do artigo científico</u> /deverá ser articulada às seguintes questões: Quem escreve e para quem se escreve? Qual a finalidade do texto? Em que área científica se inscreve e quais as práticas em uso? O que é que se pretende tematizar e como é que os conteúdos deverão estar organizados no espaço textual? Quais são as diretrizes e os critérios das revistas de divulgação científica?	Textual e Ideacional	Múltiplo
<u>Além disso, / importa salientar que /o plano de texto / é apenas uma das propriedades do gênero e, por isso, sua aplicação ao ensino deverá ser complementada com o estudo de outras dimensões, como, por exemplo, os mecanismos enunciativos mobilizados.</u>	Textual, Interpessoal e Ideacional	Múltiplo
<u>De qualquer modo, / a pesquisa realizada</u> /com base nas propostas teórico-metodológicas selecionadas e que incidiu em quatro exemplares do gênero artigo científico permitiu identificar algumas das principais propriedades dos respectivos planos de textos, quer as que são convergentes, quer as que se revelaram divergentes.	Textual e Ideacional	Múltiplo
<u>Nesse sentido, /o processo e as conclusões desta pesquisa/</u> podem ser considerados validados.	Textual e Ideacional	Múltiplo
<u>Contudo, /deve ser sublinhado que/ os resultados alcançados/</u> não permitem extrair conclusões definitivas e inequívocas.	Textual, Interpessoal e Ideacional	Múltiplo
<u>Como foi anteriormente mencionado, / esta reflexão de caráter exploratório</u> /teve como objetivo fornecer pistas pertinentes, devendo, por isso, ser desenvolvida e aprofundada em trabalhos futuros que contemplem mais exemplares do gênero artigo científico, bem como de muitas outras áreas disciplinares.	Textual e Ideacional	Múltiplo



Quadro 28 - Tipos de temas na introdução 6 e na conclusão 6 quanto à metafunção

UNIDADE RE-TÓRICA	TEMAS IDEACIONAIS	TEMAS INTER-PESSOAIS	TEMAS TEXTUAIS
INTRODUÇÃO 6	15	0	1
CONCLUSÃO 6	30	8	16

Fonte: A autora, 2022.

Quadro 29 - Em relação à composição temática

UNIDADE RE-TÓRICA	TEMAS SIM-PLÉS	TEMAS MÚLTIPLO
INTRODUÇÃO 6	14	1
CONCLUSÃO 6	12	18

Fonte: A autora, 2022.

Quadro 30 - Em relação à composição dos temas múltiplos

UNIDADE RE-TÓRICA	TEMA INTER-PESSOAL E IDEACIONAL	TEMA TEXTUAL E IDEACIONAL	TEMA TEXTUAL, INTERPESSOAL E IDEACIONAL
INTRODUÇÃO 6	-	1	-
CONCLUSÃO 6	2	10	6

Fonte: A autora, 2022.

Como é possível perceber, por meio das tabelas acima, no sexto artigo, enquanto não há na seção *introdução* nenhum Tema interpessoal, na *conclusão* há 8, como por exemplo nessa oração retirada do artigo: **Contudo, /deve ser sublinhado que/ os resultados alcançados/ não permitem extrair conclusões definitivas e inequívocas.** No excerto acima, o autor lança mão do Tema interpessoal ao marcar na oração base o seu posicionamento pelo uso do auxiliar modal *deve* e da forma verbal *ser sublinhado*, que indicam o caráter afirmativo do autor e a ênfase que ele quer dar à informação que se segue. Desse modo, o autor cumpre um protocolo comum aos textos acadêmicos, qual seja, o de chamar a atenção dos leitores para o fato de que os resultados da pesquisa realizada não podem ser tomados de forma definitiva. Por meio das tabelas, é possível perceber que a introdução é formada somente por Temas ideacionais e textuais, 15 Temas ideacionais e 1 tema textual. Já na conclusão, esses números estão distribuídos em 30 Temas ideacionais, seguidos de 16 Temas textuais e 8 Temas interpessoais. Isso acontece porque um dos propósitos comunicativos dessa unidade é a inter-

pretação de dados que demanda uma tomada de posição pelo escritor, concretizada pela quantidade significativa dos Temas interpessoais.

É importante destacar que, em relação aos Temas múltiplos, depois do Tema ideacional o que aparece em maior quantidade é o Tema textual tanto na introdução como na conclusão. Essa quantidade significativa dos Temas textuais revela uma característica do gênero artigo científico que é produzir conhecimento de uma forma clara, coesa e didática para que o percurso da pesquisa seja compreendido. Cabe salientar que, na *introdução*, o Tema múltiplo que aparece é formado por Tema ideacional e textual, enquanto na conclusão, dos 18 Temas múltiplos, 8 são formados por Temas interpessoais. Apesar do Tema textual aparecer em grande maioria, cabe ressaltar que há a presença de 8 Temas interpessoais, enquanto na introdução não há nenhum Tema interpessoal, confirmando que a seção *conclusão* apresenta mais marcas de posicionamento do autor em relação ao conteúdo asseverado, contribuindo para o caráter argumentativo da unidade retórica conclusão. A quantidade de Temas textuais e interpessoais é, assim, muito maior na seção *Conclusão* do que na *introdução* e, conseqüentemente, o número de Temas múltiplos será muito maior na conclusão. Isso se deve ao fato de a seção *conclusão* ter como propósito comunicativo não apenas apresentar o posicionamento do pesquisador em relação ao conteúdo tratado, mas também levar o leitor a acompanhar o raciocínio desenvolvido ao longo do artigo de forma mais lógica e organizada.

Artigo (DELTA 7)

Água mole em pedra dura tanto bate até que fura: uma comparação entre a compreensão de provérbios por crianças e adultos (DELTA 7)

<https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/52315/34488>

## SEÇÃO : INTRODUÇÃO

Quadro 31 - Organização temática da introdução de delta 7

PERÍODO	TIPO DE TEMA	
	Quanto à metafunção	Quanto à quantidade
<u>Ao analisar a linguagem mais de perto, logo se percebe que ela não é tão literal quanto se poderia supor.</u>	Ideacional	Simple

<u>As figuras de linguagem/</u> são fenômenos recorrentes na linguagem e no pensamento.	Ideacional	Simple
<u>Não é por acaso que / o estudo da linguagem figurada/</u> é central em uma das perspectivas teóricas contemporâneas dos estudos da linguagem, a Linguística Cognitiva.	Interpessoal e ideacional	Múltiplo
<u>Nessa perspectiva, adotada neste artigo,/ as figuras de linguagem /</u> são entendidas como fenômenos não só linguísticos, mas também fundamentalmente cognitivos e culturais, uma vez que a linguagem é vista como um reflexo de nossas experiências corpóreas em uma determinada cultura.	Interpessoal e ideacional	Múltiplo
<u>Os provérbios/</u> estão entre os fenômenos de linguagem figurada que mais evidenciam as normas sociais e os valores culturais de um povo.	Ideacional	Simple
<u>[Nós] /</u> Definiremos aqui provérbios como pequenas sentenças que expressam verdades bem conhecidas, interligando características culturais e morais de uma sociedade (GIBBS, 1994, p. 309).	Ideacional	Simple
<u>Por serem um fenômeno frequente na conversa,/ os provérbios</u> passam a ser moldadores da linguagem e do pensamento, revelando muito sobre a cultura e o comportamento humano.	Ideacional	Simple
<u>Há/</u> algumas décadas pesquisadores de diferentes áreas (particularmente da psicologia e da linguística) vêm estudando a aquisição de linguagem figurada.	Ideacional	Simple
<u>Dentre as pesquisas recentes,/ há um consenso sobre o fato de que os diferentes fenômenos são adquiridos gradualmente</u> (SIQUEIRA et al., 2017; RUNDBLAD; ANNAZ, 2010; PÉREZ-HERNÁNDEZ; DUVIGNAU, 2016).	Ideacional	Simple
<u>Contudo,/ ainda não / há / acordo sobre as idades em que se adquirem os diferentes fenômenos.</u>	Textual Interpessoal e ideacional	Múltiplo
<u>Sabendo que provérbios exigem práticas sociais para serem compreendidos,/ não se conhece a idade precisa em que uma criança já carrega conhecimentos de mundo suficientes para tal.</u>	Ideacional	Simple
<u>Portanto,/ contribuindo para as pesquisas de aquisição de linguagem figurada,/ este artigo tem como objetivo analisar o desempenho de crianças de séries iniciais do Ensino Fundamental ao compreender provérbios, em comparação ao de adultos, através de uma tarefa de compreensão de provérbios.</u>	Textual e Ideacional	Múltiplo
<u>O instrumento de compreensão de provérbios aqui tratado/ faz parte de um teste maior de compreensão de linguagem figurada (COMFI-GURA), que abrange também metáforas, metonímias, provérbios e expressões idiomáticas<sup>3</sup>.</u>	Ideacional	Simple
<u>O instrumento de compreensão de metáforas primárias,</u>	Ideacional	Simple

<u>já amplamente validado/</u> (SIQUEIRA, 2004), indica que crianças brasileiras e norte-americanas, a partir dos 7 anos, apresentam o mesmo desempenho de adultos, mostrando que esta faixa etária já tem um entendimento bastante abrangente do fenômeno.		
<u>Porém,/ tendo em vista que provérbios são um fenômeno que envolve uma maior experiência cultural/</u> (GIBBS e BEITEL, 1995), acreditamos que o mesmo resultado não será encontrado.	Textual e Ideacional	Múltiplo
<u>Por um lado,/ metáforas primárias/</u> têm um grande potencial para a universalidade e são mais diretamente relacionadas a experiências corpóreas básicas, o que pode levar a uma homogeneidade no seu grau de complexidade.	Textual e Ideacional	Múltiplo
<u>Por outro lado,/ [Nós]/</u> podemos supor que os provérbios, que dependem de aspectos linguísticos, cognitivos e culturais, devam variar muito em relação à sua complexidade, uma vez que algumas experiências são mais corriqueiras e outras são mais elaboradas em termos de suas práticas culturais.	Textual e Ideacional	Múltiplo
<u>Assim,/ [Nós]/</u> hipotetizamos que a compreensão de provérbios seja uma habilidade de aquisição mais tardia e que se estenda por um período maior do desenvolvimento.	Textual e Ideacional	Múltiplo
<u>Dessa forma,/ a compreensão do fenômeno/</u> se dá como o dito água mole em pedra dura tanto bate até que fura: um item se torna bem compreendido gradualmente, de acordo com sua familiaridade e com o conhecimento cultural e moral do falante em sua comunidade linguística.	Textual e Ideacional	Múltiplo

Fonte: A autora, 2022.

## SEÇÃO : CONCLUSÃO

Quadro 32 - Organização temática da conclusão de delta 7

PERÍODO	TIPO DE TEMA	
	Quanto à metafunção	Quanto à quantidade
<u>Neste trabalho,/</u> investigamos a compreensão de provérbios em adultos e crianças de séries iniciais do Ensino Fundamental, divididas em dois subgrupos: alunos de 1º e 2º ano e alunos de 4º e 5º ano.	Ideacional	Simple
<u>Com o objetivo de refletir sobre uma possível curva de compreensão do fenômeno,/</u> foi comparado o desempenho dos três grupos de participantes nos itens do Instrumento de Compreensão	Ideacional	Simple

de Provérbios.		
<u>Nossas hipóteses/ eram:</u> (i) que o desempenho dos grupos não seria semelhante entre si, com avanços na compreensão dos itens variando de acordo com o aumento da idade e (ii) que o desempenho de todos os participantes variaria de acordo com o tipo de pergunta, com mais acertos nas perguntas fechadas.	Ideacional	Simple
<u>Os resultados / corroboram ambas as hipóteses,</u> uma vez que o desempenho se modificou em função das variáveis idade e tipo de pergunta.	Ideacional	Simple
<u>Conforme o esperado,/ a idade se mostrou uma variável determinante na compreensão desse fenômeno de linguagem figurada.</u>	Ideacional	Simple
<u>Assim, / [Nós] / aventamos a possibilidade de que o fenômeno dos provérbios não é um conhecimento que se aprenda em uma determinada fase da vida, e sim que a compreensão de provérbios depende de uma capacidade de abstração gradativa, desenvolvida aos poucos pelas crianças de acordo com suas experiências no mundo.</u>	Textual e Ideacional	Múltiplo
<u>Também/ já / era esperado/ que os diferentes tipos de perguntas contribuíssem significativamente para os resultados.</u>	Textual interpessoal e ideacional	Múltiplo
<u>Sabendo que a primeira pergunta realizada sobre os itens é aberta,/ enquanto a segunda dá indícios da resposta esperada e tem 50% de chances de acerto, torna-se lógico que um participante apresente um melhor desempenho na segunda.</u>	Ideacional	Simple
<u>Nem todos os participantes que são capazes de compreender a ideia transmitida por alguns provérbios/ são capazes de expressar adequadamente sua resposta de forma a obter um escore 1 na pergunta aberta.</u>	Ideacional	Simple
<u>Esses participantes/ se beneficiam de uma pergunta fechada que dê pistas sobre a resposta.</u>	Ideacional	Simple
<u>Não só / a idade/ e o tipo de pergunta apresentaram efeitos significativos nos resultados; os itens da tarefa, mesmo que previamente avaliados em um piloto e controlados quanto ao grau de familiaridade, apresentaram diferenças significativas entre si.</u>	Textual e ideacional	Múltiplo
<u>É provável que / o desempenho dos participantes em alguns itens específicos / esteja relacionado não só ao nível de abstração exigido para compreender o significado figurado do mesmo, mas também à dificuldade de expressar adequadamente tal sentido figurado.</u>	Interpessoal e ideacional	Múltiplo
<u>Falar de indícios ou presságios de algum evento futuro,/ por exemplo, não é tarefa fácil nem mesmo para falantes maduros de uma língua. Falar das semelhanças entre pais e filhos, por sua vez, se mostrou mais fácil.</u>	Ideacional	Simple
<u>Faz sentido então / supor,/ no espírito da abordagem experiencialista, que práticas mais rotineiras sejam mais fáceis de compreender e expressar do que aquelas que envolvem eventos menos corriqueiros.</u>	Interpessoal e Ideacional	Múltiplo
<u>Ainda,/ um outro fator a ser levado em consideração/ é a presença de mapeamentos metafóricos e metonímicos subjacentes a um</u>	Textual e Ideacional	Múltiplo

dado provérbio7.		
<u>Apesar de não termos feito um cruzamento entre esses fatores,</u> / a complexidade e a compreensão dos provérbios, é possível supor que exista sim uma relação entre eles, relação essa que poderia ser investigada em estudos futuros.	Ideacional	Simple
[Nós] / Supomos que a curva de compreensão do fenômeno em uma criança depende de muitos fatores.	Ideacional	Simple
É provável que / um dos fatores relevantes / seja sua exposição a determinados provérbios.	Interpessoal e Ideacional	Múltiplo
<u>Como se sabe,</u> / <u>um provérbio</u> / carrega uma moral que exige conhecimentos culturais para ser bem compreendida.	Interpessoal e Ideacional	Múltiplo
<u>Partindo do pressuposto de que uma criança não costuma ter experiência de mundo suficiente para compreender determinados valores de uma sociedade,</u> / presumimos que os provérbios sejam menos utilizados com esse grupo etário devido à essa falta de experiência de mundo para compreender os ditos.	Ideacional	Simple
<u>Desse modo,</u> /[Nós]/ conjecturamos que, dada a falta de familiaridade e exposição, a capacidade de compreensão da criança para certos provérbios e a capacidade de expressão desse entendimento passa a ser mais tardia para uns ditos do que para outros.	Textual e Ideacional	Múltiplo
<u>Além disso,</u> / [Nós]/ entendemos que a compreensão de provérbios não está relacionada somente a esses fatores, mas também a elementos de letramento, como escolaridade e nível de leitura.	Textual e Ideacional	Múltiplo
<u>Assim como o aumento da idade,</u> / a escolaridade e a quantidade de leitura realizada por uma criança permite uma maior exposição a diferentes situações de comunicação.	Ideacional	Simple
<u>Consequentemente,</u> / <u>uma criança com mais carga de leitura</u> / tem mais acesso a novas formas linguísticas, incorporando-as em seu repertório linguístico.	Textual e Ideacional	Múltiplo
<u>De certa forma,</u> / <u>esse</u> / foi um fator controlado neste estudo, uma vez que os grupos etários infantis também corresponderam a diferentes níveis de escolaridade.	Textual e Ideacional	Múltiplo
<u>Os adultos selecionados</u> / tinham, no mínimo, o ensino básico completo.	Ideacional	Simple
<u>Após os resultados das análises e dada a escassez de estudos em língua portuguesa tratando sobre a compreensão de provérbios,</u> / algumas contribuições deste estudo podem ser ressaltadas.	Ideacional	Simple
<u>Alguns aspectos sobre a curva de compreensão de provérbios em crianças de seis a onze anos</u> / foram suscitados e discutidos, como evidências sobre o aumento gradual desse conhecimento e a necessidade de exposição das crianças aos ditos para uma melhor compreensão de seus sentidos.	Ideacional	Simple
<u>Ademais,</u> / <u>a aplicação na tarefa</u> / permitiu que algumas melhorias fossem feitas no Instrumento.	Textual e Ideacional	Múltiplo

<p>Novas possibilidades de respostas esperadas/ foram adicionadas aos critérios de correção do teste COMFIGURA, como a utilização de exemplos que expliquem uma situação possível de uso do provérbio quando o participante não consegue verbalizar um significado propriamente dito.</p>	Ideacional	Simples
<p>Mesmo assim, / [Nós]/ reconhecemos também algumas limitações que devem ser apontadas para fins de pesquisas futuras.</p>	Textual e Ideacional	Múltiplo
<p>[Nós]/ Sabemos que provérbios são extremamente dependentes do contexto sociocultural dos falantes.</p>	Ideacional	Simples
<p>Com isso,/ é importante ressaltar que / os adultos aqui entrevistados / não fazem parte da mesma comunidade linguística que os entrevistados no teste de familiaridade, já que o instrumento foi aplicado a participantes da região da Serra do Rio Grande do Sul, enquanto o teste de familiaridade foi realizado com residentes da região metropolitana de Porto Alegre.</p>	Textual, Interpessoal e Ideacional	Múltiplo
<p>Assim,/ [Nós]/ podemos considerar a cultura dos participantes adultos entrevistados como uma possível variável interveniente nos resultados.</p>	Textual e Ideacional	Múltiplo
<p>Outra limitação/ pode ser apontada nas dificuldades que as crianças podem apresentar ao se expressarem, ou por não terem sido tão expostas a alguns itens da tarefa, compreendendo-os menos.</p>	Ideacional	Simples
<p>Para isso,/ um estudo de linguística de corpus/ poderia complementar os resultados aqui apresentados.</p>	Textual e Ideacional	Múltiplo
<p>Desse modo,/ as produções linguísticas das crianças utilizando provérbios em contextos mais naturais de fala/ poderiam ser estudadas.</p>	Textual e Ideacional	Múltiplo
<p>Através de bancos de dados já existentes, como o Child Language Data Exchange System (CHILDES)8,/ seria possível analisar a fala de crianças em diferentes contextos, faixas etárias e línguas, tratando não só do significado compreendido pelas crianças nas expressões, mas também do que é enunciado nas conversas registradas.</p>	Ideacional	Simples
<p>Outra sugestão para estudos da mesma natureza/ é a realização de uma análise de mídias e conteúdos consumidos pelas crianças, como livros, músicas e programas de entretenimento infantis, em diferentes meios de disseminação.</p>	Ideacional	Simples
<p>Através disso,/ seria possível/ observar/ a ocorrência de estruturas proverbiais às quais as crianças são expostas, além dos contextos de fala cotidiana.</p>	Textual, Interpessoal e Ideacional	Múltiplo

Em resumo,/[Nós]/ entendemos que a compreensão de provérbios depende da experiência do falante.	Textual e Ideacional	Múltiplo
Há/ uma tendência de que quanto mais experiência e conhecimento de mundo, melhor um falante compreende os provérbios e os valores contidos neles.	Ideacional	Simple
Assim,/ a compreensão de provérbios/ pode ser bem explicada através do dito água mole em pe-dra dura tanto bate até que fura, indicando que essa é uma habilidade que se desenvolve através de repetidos eventos comunicativos.	Textual e Ideacional	Múltiplo
A compreensão de provérbios,/ com isso, é uma habilidade complexa adquirida paulatinamente, exigindo, além de conhecimentos linguísticos, capacidade cognitiva para abstrair e experiência de mundo suficiente para a assimilação dos valores morais e sociais apresentados no fenômeno.	Ideacional	Simple

Fonte: A autora, 2022.

Quadro 33 - Tipos de temas na introdução 7 e na conclusão 7 quanto à metafunção

UNIDADE RETÓRICA	TEMAS IDEACIONAIS	TEMAS INTERPESSOAIS	TEMAS TEXTUAIS
INTRODUÇÃO 7	19	3	7
CONCLUSÃO 7	44	7	17

Fonte: A autora, 2022.

Quadro 34 - Em relação à composição temática

UNIDADE RETÓRICA	TEMAS SIMPLES	TEMAS MÚLTIPLO
INTRODUÇÃO 7	10	9
CONCLUSÃO 7	23	21

Fonte: A autora, 2022.

Quadro 35 - Em relação à composição dos temas múltiplos

UNIDADE RETÓRICA	TEMA INTERPESSOAL E IDEACIONAL	TEMA TEXTUAL E IDEACIONAL	TEMA TEXTUAL, INTERPESSOAL E IDEACIONAL
INTRODUÇÃO 7	2	6	1
CONCLUSÃO 7	4	14	3

Fonte: A autora, 2022.



Como é possível observar por meio das tabelas, neste artigo, o número de temas interpessoais e temas múltiplos ficou concentrado na unidade conclusão. Enquanto na introdução, há 9 temas múltiplos, na conclusão há 21 temas múltiplos. Na introdução, dos 9 temas múltiplos, 2 são formados por temas interpessoais/ideacionais, 6 são formados por textuais/ideacionais e 1 por tema textual, interpessoal e ideacional. Na conclusão, dos 21 temas múltiplos, 14 são formados por temas textuais/ideacionais, 3 são formados por temas textuais/interpessoais/ideacionais e 4 são formados por interpessoais/ideacionais. O que fica claro é que, em relação aos temas múltiplos, tanto a introdução como a conclusão apresentam em maior quantidade a configuração tema textual/ideacional. Esse resultado indica que, neste artigo, foram utilizados muitos conectores que contribuem para a progressão textual, o que é indicado para esse gênero.

Artigo 8) Romance-folhetim em tela: linguagem, personagens e sentidos sociais (DELTA 8)

<https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/52562/34562>

## SEÇÃO : INTRODUÇÃO

Quadro 36 - Organização temática da introdução de delta 8

PERÍODO	TIPO DE TEMA	
	Quanto à metafunção	Quanto à quantidade
<u>O romance-folhetim</u> ,/ publicado como estória seriada nos rodapés dos jornais franceses e brasileiros, a partir do século XIX, teve suas características apropriadas por livros de bolso, radionovelas, telenovelas e filmes.	Ideacional	Simple
<u>Como uma literatura de entretenimento</u> ,/ o romance-folhetim conquistou um público interessado em suspense, emoções exacerbadas e leitura fácil (Meyer, 1996).	Ideacional	Simple
<u>Embora tais traços tenham atribuído críticas a esse gênero literário, relacionando-o à mera exploração pelo mercado editorial ou a uma “cultura de bolso”</u> / (Horellou-Lafarge, Segré, 2010: 40), o romance-folhetim tornou-se uma fórmula de sucesso junto à camada popular, alcançando, principalmente, o público feminino (Meyer, 1996, Souza, 2004, Nadaf, 2009).	Ideacional	Simple

<u>A partir da década de 1940./ no Brasil, a estrutura e linguagem do romance-folhetim passaram a ser adotadas nas novelas de rádio, as quais se tornaram câmpões de audiência nas programações.</u>	Ideacional	Simple
<u>Segundo Calabre (2004: 33-34)/ a “[...] linguagem da radionovela/ tinha que ser simple, e a temática deveria ser abordada de forma a sensibilizar o ouvinte, gerando o consumo do universo imaginário”.</u>	Interpessoal e Ideacional	Múltiplo
<u>Ainda que sob códigos distintos, adequados segundo o meio de comunicação./ as características do romance-folhetim também foram incorporadas nas telenovelas, fotonovelas, coleções de livros de bolso (como Sabrina e Júlia) e nos filmes.</u>	Ideacional	Simple
<u>Assim./ teve-se/ o “folhetim modernizado” (Ortiz, Borelli, Ramos, 1991: 106).</u>	Textual e Ideacional	Múltiplo
<u>A estratégia dos autores, composta pela linguagem e enredo./ traduzia em outros formatos a marca do melodrama, intrínseca do romance-folhetim.</u>	Ideacional	Simple
<u>As estórias desses romances/ são construídas por linguagem que busca expressar estados emocionais ao extremo, com sentimentos e paixões evidenciados a todo o momento, de forma a envolver o leitor nos dilemas dos personagens.</u>	Ideacional	Simple
<u>Os enredos/ buscam engajar o leitor ao tema explorado, frequentemente relacionado à moralidade, típica ao melodrama (Huppel, 2000).</u>	Ideacional	Simple
<u>Considerando que a literatura constitui um discurso interativo./ já que toda “[...] enunciação, mesmo produzida sem a presença de um destinatário, [...] é um intercâmbio, explícito ou implícito, com outros locutores, virtuais ou reais” (Maingueneau, 2018: 41), os enredos dos romances-folhetins interagem com seus leitores por meio de sentidos morigeradores.</u>	Ideacional	Simple
<u>Sendo os casos amorosos o objetivo central das tramas./ as estórias focam a mulher, em seu comportamento e suas relações favoráveis ao matrimônio e à felicidade familiar.</u>	Ideacional	Simple
<u>Os romances-folhetins/ apresentam, assim, um discurso para a educação feminina.</u>	Ideacional	Simple
<u>Essa leitura/ coloca as mulheres diante de um mundo imaginário ideal, promovendo sentidos e significados sobre o papel delas na sociedade e implicando o reconhecimento de si e do mundo da leitora (Chartier, 2002).</u>	Ideacional	Simple
<u>Segundo Waldman (1997: 164)/ “[...] a representação da mulher no romance romântico desenvolvido no Brasil/ revela a honradez, consistindo a virgindade da solteira e a fidelidade da casada, um de seus assuntos preferidos”.</u>	Interpessoal e Ideacional	Múltiplo

<u>Esses valores necessários à moralidade da mulher/</u> mantinham a relação com a manutenção da família, exposto como único meio para a felicidade feminina.	Ideacional	Simple
<u>Dessa forma,/ constata-se/</u> a relevância desse gênero literário como produção cultural significativa à defesa de valores sociais.	Textual e Ideacional	Múltiplo
<u>A circulação das ideias emanadas pelos romances-folhetins/</u> ocorreu, também, por outras linguagens, como a do cinema (Waldman, 1997).	Ideacional	Simple
<u>As estórias,/</u> por meio da tradução intersemiótica (Plaza, 2010), alcançaram o público pelo formato de filmes.	Ideacional	Simple
<u>Em sua especificidade linguística,/</u> o cinema transpôs os signos do romance-folhetim para a linguagem verbal e visual.	Ideacional	Simple
<u>Tais signos/</u> serviam de referência às ideias (Peirce, 2017) sobre e para as mulheres, uma vez que o “[...] público feminino era considerado o mais abrangente e o mais sensibilizado para o formato do romance-folhetim (Souza, 2004: 97).	Ideacional	Simple
<u>Nesse contexto,/</u> a análise sobre os romances-folhetins pode indicar valores sociais que reverberaram sentidos ao comportamento e identidade da mulher na sociedade.	Ideacional	Simple
<u>Como objeto deste estudo,/</u> examinou-se o filme “Ciúmes”, título no Brasil, originado do romance-folhetim “Wife versus secretary”.	Ideacional	Simple
<u>A obra /</u> foi escrita por Faith Baldwin, em maio de 1935, ganhando sua versão para o cinema, em lançamento mundial, em fevereiro de 1936.	Ideacional	Simple
<u>Os anos daquela década/</u> foram palco dos debates acerca do espaço, função e atuação feminina na sociedade (Pinsky, Pedro, 2012).	Ideacional	Simple
<u>A opção por essa obra/</u> deve-se a dois aspectos relevantes na dinâmica social: a mulher como esposa e em um ofício historicamente atribuído ao universo feminino.	Ideacional	Simple
<u>Dado que esse romance-folhetim não foi publicado no Brasil,/</u> considerou-se a versão cinematográfica exibida nas telas brasileiras.	Ideacional	Simple
<u>Embora não se tenha pretendido uma abordagem inter-semiótica,/</u> procedeu-se a leitura da obra original para identificação de similaridades ou distanciamentos no enredo que trouxessem alterações nos sentidos pretendidos pela autora.	Ideacional	Simple
<u>Dessa forma,/ as análises/</u> transcorrem diante da perspectiva metodológica da Linguística, no tocante ao discurso da narrativa ficcional e cena de enunciação (Maingueneau, 2008, 2010, 2015, 2018); da Semiótica, na relação triádica entre signo, objeto e significado (Peirce, 2017); e da História Cultural, a respeito das representações, moldadas por textos ou imagens, na construção de	Textual e Ideacional	Múltiplo

sentidos ao sujeito (Chartier, 1999, 2002).		
<u>Com isso,/ buscou-se/</u> identificar aspectos sobre o enredo, os personagens e a circulação da obra que permitissem inferir sobre representações e sentidos disseminados pelo romance-folhetim examinado.	Textual e Ideacional	Múltiplo
<u>A partir desta introdução,/ expõe-se</u> o referencial utilizado para o estudo.	Ideacional	Simple
<u>A seguir,/ apresenta-se</u> a obra investigada, na sua versão impressa, e as análises sobre a versão filmográfica.	Ideacional	Simple
<u>Em conclusão,/ expõem-se/</u> as ponderações sobre os reflexos das histórias do romance-folhetim, produzido na década de 1930, para a mulher e, em especial, para o trabalho de secretária.	Textual e Ideacional	Múltiplo

Fonte: A autora, 2022.

## SEÇÃO : CONSIDERAÇÕES FINAIS <sup>2</sup>

Quadro 37 - Organização temática da conclusão de delta 8

PERÍODO	TIPO DE TEMA	
	Quanto à metafunção	Quanto à quantidade
<u>Em relação ao campo discursivo,/ espaço</u> onde são definidas as “[...] trajetórias efetivas dos escritores, que estão constantemente reajustando suas estratégias em função da maneira como evolui sua posição” (Maingueneau, 2010: 52), a autora se mantém filiada ao romance-folhetim.	Ideacional	Simple
<u>A história de Baldwin, / com ampla circulação</u> no forma-		

<sup>2</sup> Este artigo denomina a etapa final do trabalho como CONSIDERAÇÕES FINAIS.

to escrito, teve isso potencializado na versão cinematográfica.	Ideacional	Simple
<u>Dessa forma,/ o filme “Ciúmes”/ reproduziu sentidos sobre o papel e espaços da mulher na sociedade dos anos de 1930, fortalecendo estereótipos, principalmente, em relação ao trabalho das secretárias.</u>	Textual e Ideacional	Múltiplo
<u>A imagem da ocupante desse posto de trabalho/ é associada à estética e sedução, enquanto que a da esposa é relacionada à moral e resignação.</u>	Ideacional	Simple
<u>A inclusão de um papel de mulher trabalhadora e que busca sua independência/ suscita a adesão da autora aos debates sobre a presença feminina na sociedade.</u>	Ideacional	Simple
<u>Associa-se/ a isso, a participação da escritora e sufragista Alice Duer Miller, na elaboração do roteiro filmográfico.</u>	Ideacional	Simple
<u>Esse traço,/ no entanto, sofre um processo de obliteração ao longo da obra, passando à ênfase sobre o comprometimento da mulher com a felicidade matrimonial, mesmo diante de eventuais casos extraconjugais.</u>	Ideacional	Simple
<u>O mote da trama/ é, assim, o comportamento e as relações possíveis e adequadas às mulheres diante das práticas sociais.</u>	Ideacional	Simple
<u>A sexualidade, em sua manifestação de desejo e sedução,/ é tratada como parte inerente da personalidade masculina e desaconselhada às mulheres.</u>	Ideacional	Simple
<u>Aos homens/ devia ser destinada a tolerância sobre eventual fraqueza diante de mulheres tentadoras e a essas últimas devia ser atribuída a reprovação social e mantido o seu devido afastamento do meio familiar.</u>	Ideacional	Simple
<u>O signo do casamento perfeito/ é emanado a cada cena em que a esposa se mostra servil ao marido e atenta a ameaças para a relação.</u>	Ideacional	Simple
<u>A cumplicidade entre chefe e secretária,/ sob comportamentos e ambientes que extrapolavam os limites da ligação profissional, serviu como elemento interpretante dos sentidos sobre um ofício feminino, cujas ocupantes se tornavam atraentes aos homens.</u>	Ideacional	Simple
<u>Com isso,/ o romance-folhetim de Baldwin/ cristalizava, nas práticas sociais, o estereótipo da “secretária-amante”, na mesma medida em que significava a perfeição feminina pela sujeição ao masculino.</u>	Textual e Ideacional	Múltiplo

Quadro 38 - Tipos de temas na introdução 8 e na conclusão 8 quanto à metafunção

<b>UNIDADE RE-TÓRICA</b>	<b>TEMAS IDEACIONAIS</b>	<b>TEMAS INTER-PESSOAIS</b>	<b>TEMAS TEXTUAIS</b>
<b>INTRODUÇÃO 8</b>	<b>33</b>	<b>2</b>	<b>5</b>
<b>CONCLUSÃO 8</b>	<b>13</b>	<b>0</b>	<b>2</b>

Fonte: A autora, 2022.

Quadro 39 - Em relação à composição temática

<b>UNIDADE RE-TÓRICA</b>	<b>TEMAS SIMPLES</b>	<b>TEMAS MÚLTIPLO</b>
<b>INTRODUÇÃO 8</b>	<b>26</b>	<b>7</b>
<b>CONCLUSÃO 8</b>	<b>11</b>	<b>2</b>

Fonte: A autora, 2022.

Quadro 40 - Em relação à composição dos temas múltiplos

<b>UNIDADE RE-TÓRICA</b>	<b>TEMA INTER-PESSOAL E IDEACIONAL</b>	<b>TEMA TEXTUAL E IDEACIONAL</b>	<b>TEMA TEXTUAL, INTERPESSOAL E IDEACIONAL</b>
<b>INTRODUÇÃO 8</b>	<b>2</b>	<b>5</b>	<b>0</b>
<b>CONCLUSÃO 8</b>	<b>0</b>	<b>2</b>	<b>0</b>

Fonte: A autora, 2022.

Na introdução deste artigo, há 7 temas múltiplos, sendo 2 formados por temas inter-pessoais e ideacionais e 5 por temas textuais e ideacionais. A seção é formada majoritariamente por temas simples o que explica o fato da introdução ser mais expositiva. Na conclusão, os temas simples também estão em maioria, o que significa dizer que o autor optou por elementos ideacionais como ponto de partida dos períodos.

No artigo 8, a quantidade de temas múltiplos é maior na introdução. Os temas múltiplos que compõem a conclusão são formados somente por temas ideacionais e textuais.

Artigo (DELTA 9)

Reparos na leitura em voz alta como pistas de consciência sociolinguística (DELTA 9)

<https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/52317/34490>

## SEÇÃO : INTRODUÇÃO

Quadro 41 - Organização temática da introdução de delta 9

PERÍODO	TIPO DE TEMA	
	Quanto à metafunção	Quanto à quantidade
<u>A produção linguística/</u> é o processo relativo ao planejamento e à execução linguística: primeiro, precisamos conceitualizar o que dese-jamos comunicar; depois, precisamos transformar o pensamento em um plano linguístico; em seguida, executamos o plano linguístico com instruções aos músculos da fala e, por fim, monitoramos nossa própria fala, garantindo que saia aquilo que foi planejado e garantindo que os sentidos foram atingidos.	Ideacional	Simple
<u>Em termos técnicos,/</u> a produção linguística envolve as etapas de conceitualização, formulação, articulação e automonitoramento (Levelt 1989).	Ideacional	Simple
<u>Neste processo,/ podem / acontecer /</u> erros; erros de produção são realizados por falantes não intencionalmente e inconscientemente.	Textual Interpessoal e Ideacional	Múltiplo
<u>[Erros]/</u> São muito comuns, acontecem a todo momento e podem passar por autocorreção ou correção por outros (Levelt 1983).	Ideacional	Simple
<u>O estudo científico dos erros de produção (pausas silenciosas ou preenchidas, reparos, lapsos de língua, gaguejos, etc.)/</u> pode fornecer pistas para o desvelamento dos custos de processamento linguístico, pois podem nos dizer onde o falante pára para pensar.	Ideacional	Simple
<u>E/ esta potencialidade/</u> pode ser explorada para observar indiretamente a consciência sociolinguística do falante, quando um traço variável é reparado ou corrigido por sua variante: ao substituir uma variante por outra, podemos identificar pistas da consciência linguística do falante e da avaliação social da variável.	Textual e Ideacional	Múltiplo
<u>É/</u> esta a premissa norteadora do presente trabalho.	Ideacional	Simple
<u>Uma hipótese a respeito da motivação para erros de produção linguística/</u> tem sido a visão de Freud de que os erros ocorrem porque temos mais que um único plano de produção e que um desses planos compete e domina o outro.	Ideacional	Simple
<u>Situações de mentira, preconceito ou monitoramento social/</u> nos demandariam maior esforço de processamen-	Ideacional	Simple

to em competição com o plano da produção linguística, o que daria bre-chas a lapsos.		
<u>Com base nesta perspectiva/ é que / estudos de psicologia social / controlam o esforço de processamento em estudos de efeitos de preconceito e monitoramento social; o mesmo podemos transpor para os efeitos do monitoramento sociolinguístico.</u>	Textual Interpessoal e Ideacional	Múltiplo
<u>O automonitoramento/ é a etapa de controle que nos permite identificar e corrigir os erros de produção linguística.</u>	Ideacional	Simple
<u>Erros/ são cometidos não apenas por falantes não nativos, mas também por falantes nativos.</u>	Ideacional	Simple
<u>Os falantes/ frequentemente cometem erros e se corrigem imediatamente, o que nos permite compreender o processo de produção: os falantes são sensíveis aos erros que cometem.</u>	Ideacional	Simple
<u>O fato de falantes terem a capacidade de monitorar e corrigir erros imediatamente na produção/ dá suporte à teoria gerativista de que existem diferenças entre desempenho e competência.</u>	Ideacional	Simple
<u>E também/ pode/ dar/ suporte à Sociolinguística para a investigação da consciência sociolinguística do falante e da avaliação social de uma variável.</u>	Textual Interpessoal e Ideacional	Múltiplo
<u>Os falantes/ usam diferentes estratégias de reparo ao erro: no início ou no estágio de conceituação da produção linguística, quando o falante acha seu discurso inadequado, começa a enunciação novamente.</u>	Ideacional	Simple
<u>Na fase de formulação ou estágio de articulação,/ os falantes não iniciam novamente, mas reparam a sentença em parte.</u>	Ideacional	Simple
<u>A observação de reparos/ – especificamente na situação de leitura em voz alta – da realização de traços sociolinguísticos variáveis do português pode ser pista de consciência sociolinguística do falante e da avaliação social de uma variável, contribuindo para o desvelamento da saliência sociolinguística (Freitag 2018, 2020, a sair): quais fenômenos variáveis são percebidos pelos falantes de uma língua?</u>	Ideacional	Simple

Fonte: A autora, 2022.



## SEÇÃO: CONCLUSÃO

Quadro 42 - Organização temática da conclusão de delta 9

PERÍODO	TIPO DE TEMA	
	Quanto à metafunção	Quanto à quantidade
<u>O estudo da variação e dos reparos da variação na leitura em voz alta de universitários/ permite identificar contextos que são sensíveis ao processamento linguístico.</u>	Ideacional	Simple
<u>Há/ padrões de comportamento diferenciado entre os cinco processos fonológicos variáveis controlados:- Processos altamente permeáveis à leitura: apagamento do R final e monotonação;- Processos barrados pela leitura: apagamento do S final e desna-salização;- Processos conscientes (sensíveis à correção): apagamento do S final;- Processos inconscientes (não sensíveis à correção): redução do segmento -ndo.</u>	Ideacional	Simple
<u>Os efeitos do contexto linguístico imediato quanto ao valor gramatical (morfêmico e não morfêmico), atuantes na fala,/ também transpassam para a leitura em voz alta e podem dar pistas do efeito do processamento linguístico, considerando a atuação da consciência morfológica na leitura (Deacon e Kirby 2004), ainda pouco explorados.</u>	Ideacional	Simple
<u>A ampliação do estudo, com o cotejamento das taxas de produção na fala (e os reparos) aos resultados obtidos para a leitura em voz alta, na agenda do projeto Como fala, lê e escreve o universitário?./ pode contribuir ainda mais para o desvelamento da saliência sociolinguística.</u>	Ideacional	Simple

Fonte: A autora, 2022.

Quadro 43 - Tipos de temas na introdução 9 e na conclusão 9 quanto à metafunção

UNIDADE RE-TÓRICA	TEMAS IDEACIONAIS	TEMAS INTER-PESSOAIS	TEMAS TEXTUAIS
<b>INTRODUÇÃO 9</b>	<b>18</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
<b>CONCLUSÃO 9</b>	<b>4</b>	<b>0</b>	<b>0</b>

Fonte: A autora, 2022.

Quadro 44 - Em relação à composição temática

UNIDADE RE-TÓRICA	TEMAS SIMPLES	TEMAS MÚLTIPLO
<b>INTRODUÇÃO 9</b>	<b>14</b>	<b>4</b>
<b>CONCLUSÃO 9</b>	<b>4</b>	<b>0</b>

Fonte: A autora, 2022.

Quadro 45 - Em relação à composição dos temas múltiplos

<b>UNIDADE RE-TÓRICA</b>	<b>TEMA INTER-PESSOAL E IDEACIONAL</b>	<b>TEMA TEXTUAL E IDEACIONAL</b>	<b>TEMA TEXTUAL, INTERPESSOAL E IDEACIONAL</b>
<b>INTRODUÇÃO 9</b>	-	<b>1</b>	<b>3</b>
<b>CONCLUSÃO 9</b>	-	-	-

Fonte: A autora, 2022.

Na introdução deste artigo, há 4 temas múltiplos, sendo 3 formados por temas textuais, interpessoais e ideacionais e 1 formado por tema textual e ideacional e 14 temas simples. Isso demonstra que o autor escolheu recuperar a linguagem por elementos ideacionais, sendo mais expositivo do que argumentativo. Já a conclusão, foi formada na sua totalidade por temas simples, o que confirma a ideia desse artigo ser mais expositivo do que argumentativo.

Artigo (DELTA 10)

Apreensão e Emergência de Gêneros Acadêmicos: o trabalho final do PROFLETRAS (DELTA 10)

<https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/52556/34558>

Benedito Gomes Bezerra, Maria Ladjane dos Santos Pereira

### SEÇÃO : INTRODUÇÃO

Quadro 46 - Organização temática da introdução de delta 10

<b>PERÍODO</b>	<b>TIPO DE TEMA</b>	
	<b>Quanto à metafunção</b>	<b>Quanto à quantidade</b>
<u>A relação entre os gêneros dentro de sistemas de atividades/ tem sido tratada como uma premissa por teorias de gênero contemporâneas, destacando-se entre elas os Estudos Retóricos de Gênero (ERG), o Inglês para Fins Específicos (ESP – English for Specific Purposes) e a Análise Crítica de Gêneros (ACG).</u>	Ideacional	Simple
<u>A partir dessas abordagens,/ a referida inter-relação tem sido categorizada de diferentes formas por diferentes autores, sob diferentes perspectivas, como mostram Spinuzzi (2004) e Bezer-</u>	Ideacional	Simple

ra (2017).		
<u>Nesse sentido,/ a forma como os gêneros se relacionam mutuamente ao coordenar atividades sociais/</u> foi descrita por Devitt (1991) em termos de “conjuntos de gêneros”, enquanto foi categorizada por Bhatia (2004) como “colônias de gêneros”, por Swales (2004) como “cadeias de gêneros” e por Bazerman (2005) como “sistemas de gênero”, apenas para mencionar alguns exemplos.	Textual e Ideacional	Múltiplo
<u>Entretanto,/ apesar de tudo que sabemos sobre as relações entre gêneros em diversas situações sociais e comunicativas./</u> Bawarshi (2015:187), referindo-se especificamente aos Estudos Retóricos de Gênero, identifica uma lacuna no que tange ao estudo e à compreensão do que “acontece entre os gêneros” (itálicos nossos).	Textual e Ideacional	Múltiplo
<u>Um levantamento abrangente da literatura sobre gêneros/</u> mostraria que tal lacuna se verifica de forma ainda mais intensa noutras abordagens teóricas e, particularmente, nos estudos e pesquisas desenvolvidos no contexto brasileiro.	Ideacional	Simples
<u>Neste trabalho,/</u> o que “acontece entre os gêneros” é focado a partir do conceito de uptake ou “apreensão” <sup>4</sup> , termo oriundo da Teoria dos Atos de Fala.	Ideacional	Simples
<u>O objetivo deste estudo/</u> é explorar o processo de uptake envolvido na construção dos trabalhos de conclusão de curso do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), especialmente do ponto de vista de sua relação ainda que implícita com as já bem estabelecidas dissertações de mestrado acadêmico, frequentemente tomadas como referencial, quer em termos de “afirmações de semelhança” ou de “afirmações negativas” (Freadman 1994).	Ideacional	Simples
<u>Do mestrando do PROFLETRAS /</u> se espera que apresente um trabalho final na maioria das vezes talhado nos moldes de uma dissertação de mestrado acadêmico, mas que ao mesmo tempo dela se diferencie por seu caráter necessariamente aplicado e intervencionista, voltado para o Ensino Fundamental.	Ideacional	Simples
<u>Considerando-se a ausência de uma tradição de mestrado profissional na área de Letras<sup>5</sup>, e sabendo-se que o PROFLETRAS é um curso recente, o qual foi aprovado em 2012 e cujas atividades iniciaram-se no segundo semestre de 2013,/</u> a questão central do estudo é de que forma o mestrando do PROFLETRAS vem atendendo ao desafio de construir seu trabalho de conclusão de curso em um gênero que, por um lado, parece não ter antecedente exato na área, mas, por outro, inevitavelmente se baseia no seu similar acadêmico, a dissertação, da qual deve tanto aproximar-se como afastar-se.	Ideacional	Simples
<u>Diante da situação posta,/</u> nos parece que o “artefato” (DRYER, 2016) resultante desse processo de uptake sugere a emergência de um gênero acadêmico relativamente novo, porém intimamente associado à dissertação de mestrado tradicional.	Ideacional	Simples

<p>Na busca por atingir o objetivo deste estudo,/ o trabalho está organizado em cinco tópicos além desta introdução e das considerações finais: no primeiro tópico, procuramos situar a noção de uptake/apreensão no campo dos estudos de gênero; em seguida, argumentamos sobre a relevância do conceito de apreensão para uma concepção sociológica e retórica de gênero; no terceiro tópico, nos dedicamos a apresentar as várias acepções em que o termo apreensão tem sido utilizado no campo dos estudos de gênero, constituindo o que chamamos de uma tipologia de uptake; no quarto tópico, descrevemos brevemente o PROFLETRAS, ressaltando os diversos “metagêneros” (Giltrow 2002) que constituem as exigências e as condições criadas para a produção do trabalho de conclusão do curso; finalmente, no quinto tópico, nos voltamos para a análise de um pequeno corpus de trabalhos finais do PROFLETRAS, discutindo-os do ponto de vista do conceito de apreensão/uptake, vale dizer, do ponto de vista de sua emergência na relação com a dissertação de mestrado acadêmico e em resposta aos metagêneros das orientações e exigências do curso.</p>	Ideacional	Simples
---	------------	---------

Fonte: A autora, 2022.

### SEÇÃO : CONSIDERAÇÕES FINAIS <sup>3</sup>

Quadro 47 - Organização temática da conclusão de delta 10

PERÍODO	TIPO DE TEMA	
	Quanto à metafunção	Quanto à quantidade
<p>Os resultados deste estudo/ apontam para a necessidade de refletir sobre os processos de constituição social dos gêneros em resposta e na relação com outros gêneros que os precedem ou orientam a sua construção, funcionando como metagêneros típicos de determinados sistemas de atividade.</p>	Ideacional	Simples
<p>Esse foco de atenção/ poderá contribuir fortemente para a consolidação de um olhar sobre os gêneros como formas e enquadres da e para a ação social, de modo a afastar das aplicações ao ensino a visão de gênero como uma espécie de gramática textual, como alerta Bunzen (2004), perigo sempre presente em livros didáticos e na prática do professor.</p>	Ideacional	Simples
<p>O olhar sobre a amostra de trabalhos finais do PROFLETRAS relatado neste estudo/ evidencia uma tensão entre o TCF e a tradicional dissertação de mestrado acadêmico (DMA).</p>	Ideacional	Simples
<p>Por um lado,/ é inegável e talvez inevitável que/ os mestrandos</p>		

<sup>3</sup> Este artigo denomina a parte final do trabalho como CONSIDERAÇÕES FINAIS.

<u>(e seus respectivos orientadores!)/ apelem para esse gênero antecedente no momento de planejar e elaborar o TCF. Tal relação é, aliás, coerente com a natureza sociocognitiva do conhecimento de gêneros “antigos” e a aquisição de gêneros “novos” (Devitt e Bastian 2015).</u>	Textual, Interpessoal e Ideacional	Múltiplo
<u>Entretanto,/ para que o uso da DMA como gênero antecedente seja proveitoso, e não prejudicial no sentido de induzir à (re)produção de mais do mesmo,/ entram em cena os metagêneros do curso que determinam a inserção de uma proposta de intervenção pedagógica, vista como o aspecto diferencial e definidor da identidade do PROFLETRAS como Programa dedicado à melhoria da qualidade do ensino na educação básica.</u>	Textual e Ideacional	Múltiplo
<u>Retomando as categorias de Dryer (2016),/ os dados aqui examinados e discutidos, tanto oriundos dos textos (artefatos de apreensão) como dos questionários (indicadores das percepções dos mestrandos sobre as affordances de apreensão do TCF na relação com as DMA), evidenciam que o processo de uptake vem ocorrendo com sucesso no sentido de confirmar os objetivos e a proposta do Programa.</u>	Ideacional	Simple
<u>Ao colocar em cena (realização de apreensão) sua compreensão de como o TCF deve ser construído (captura de apreensão),/ os mestrandos revelam ainda os resíduos de apreensão oriundos de uma memória socialmente estabelecida sobre o que é e como se constitui uma dissertação de mestrado.</u>	Ideacional	Simple
<u>Nessa relação,/ ora de complementação, ora de distensão, com a DMA e com os metagêneros do curso, o Trabalho de Conclusão Final do PROFLETRAS vai se constituindo, em um nível bastante específico de análise, como um “subgênero” (Bhatia 2009) da dissertação de mestrado (acadêmica, tradicional) ou ainda, se quisermos, à medida em que os mestrados profissionais se consolidam, como um novo gênero da pesquisa científica.</u>	Ideacional	Simple

Fonte: A autora, 2022.

Quadro 48 - Tipos de temas na introdução 10 e na conclusão 10 quanto à metafunção

UNIDADE RE-TÓRICA	TEMAS IDEACIONAIS	TEMAS INTERPESSOAIS	TEMAS TEXTUAIS
<b>INTRODUÇÃO 10</b>	<b>11</b>	<b>0</b>	<b>2</b>
<b>CONCLUSÃO 10</b>	<b>8</b>	<b>1</b>	<b>2</b>

Fonte: A autora, 2022.

Quadro 49 - Em relação à composição temática

UNIDADE RE-TÓRICA	TEMAS SIMPLES	TEMAS MÚLTIPLO
<b>INTRODUÇÃO 10</b>	<b>9</b>	<b>2</b>
<b>CONCLUSÃO 10</b>	<b>6</b>	<b>2</b>

Fonte: A autora, 2022.

Quadro 50 - Em relação à composição dos temas múltiplos

UNIDADE RETÓRICA	TEMAS INTERPESSOAL E IDEACIONAL	TEMA TEXTUAL E IDEACIONAL	TEMA TEXTUAL, INTERPESSOAL E IDEACIONAL
INTRODUÇÃO 10	0	2	0
CONCLUSÃO 10	0	1	1

Fonte: A autora, 2022.

Na introdução deste artigo, há dois temas múltiplos formados por temas textuais e ideacionais. Nessa seção, há mais temas simples, pois o autor foi mais expositivo, focando no tema do trabalho e no seu objetivo. Já na conclusão, encontramos dois temas múltiplos, sendo um formado por tema textual e ideacional e outro por tema textual, interpessoal e ideacional. Percebemos que, na conclusão, ele expressa uma opinião por meio de expressões modalizadoras, como neste trecho abaixo:

- *Por um lado,/ é inegável e talvez inevitável que/ os mestrandos (e seus respectivos orientadores!)/ apelem para esse gênero antecedente no momento de planejar e elaborar o TCF. Tal relação é, aliás, coerente com a natureza sociocognitiva do conhecimento de gêneros “antigos” e a aquisição de gêneros “novos” (Devitt e Bastian 2015).*

No trecho acima, o autor utiliza *Por um lado* para conectar as partes do texto e elementos interpessoais como o verbo *ser* mais adjetivo em *é inegável* e o uso do advérbio *talvez* mais o adjetivo *inevitável* em que o autor expressa a sua opinião sobre o conteúdo do texto. Ao utilizar o advérbio *talvez* o autor abre mão de um posicionamento mais taxativo, para dar abertura a outras vozes e posições o que é comum em um artigo acadêmico da área da linguagem que se propõe a ser mais uma leitura dentre outras.

Por meio da análise da tabela, verificamos que os temas interpessoais aparecem em maior quantidade na conclusão.

Tabela 3 – Temas múltiplos nos artigos da Revista Alfa

<b>Artigos Revista Alfa</b>	<b>Quantidade de temas múltiplos na conclusão</b>	<b>Quantidade de temas múltiplos na introdução</b>
<b>Artigo 1</b>	<b>4</b>	<b>8</b>
<b>Artigo 2</b>	<b>8</b>	<b>17</b>
<b>Artigo 3</b>	<b>7</b>	<b>5</b>
<b>Artigo 4</b>	<b>2</b>	<b>1</b>
<b>Artigo 5</b>	<b>0</b>	<b>1</b>

Fonte: A autora, 2022.

Tabela 4 – Temas múltiplos nos artigos da Revista Delta

<b>Artigos Revista Delta</b>	<b>Quantidade de temas múltiplos na conclusão</b>	<b>Quantidade de temas múltiplos na introdução</b>
<b>Artigo 6</b>	<b>18</b>	<b>1</b>
<b>Artigo 7</b>	<b>21</b>	<b>9</b>
<b>Artigo 8</b>	<b>2</b>	<b>7</b>
<b>Artigo 9</b>	<b>0</b>	<b>4</b>
<b>Artigo 10</b>	<b>2</b>	<b>2</b>

Fonte: A autora, 2022.

Por meio da análise das tabelas, percebemos que a hipótese inicialmente aventada nesta pesquisa de que haveria uma maior incidência de Temas múltiplos na conclusão não se confirmou. Encontramos 4 artigos que tiveram mais temas múltiplos na conclusão e 5 artigos em que os temas múltiplos na introdução sobrepuseram os da conclusão e o artigo 10 teve a mesma quantidade. Se compararmos as Revistas, percebemos que, na Revista Alfa, dos 5 artigos, 2 apresentaram mais temas múltiplos na conclusão, o mesmo acontece na Revista Delta, dos 5 artigos, 2 apresentaram mais temas múltiplos na conclusão.

Como já foi mencionado ao longo do texto, esperávamos encontrar um número maior de artigos com mais temas múltiplos na conclusão por ser uma seção que busca uma síntese do texto e sendo assim o autor lançaria mão de mais temas textuais para empacotar e amarrar bem as informações e também pelo fato de ser uma seção em que o autor apresenta a sua contribuição e as expectativas em relação ao trabalho, o que sugeriria uma seção com mais marcas de personalidade e, por isso, com maior frequência de interpessoais do que na introdução.

Tabela 5 – Temas Interpessoais nos artigos da Revista Alfa

<b>Artigos Revista Alfa</b>	<b>Quantidade de temas interpessoais na conclusão</b>	<b>Quantidade de temas interpessoais na introdução</b>
<b>Artigo 1</b>	<b>3</b>	<b>2</b>
<b>Artigo 2</b>	<b>6</b>	<b>11</b>
<b>Artigo 3</b>	<b>3</b>	<b>1</b>
<b>Artigo 4</b>	<b>1</b>	<b>0</b>
<b>Artigo 5</b>	<b>0</b>	<b>0</b>

Fonte: A autora, 2022.

Dentre os temas múltiplos encontrados na conclusão da Revista Alfa, notamos que os temas interpessoais apareceram em maior quantidade na conclusão, o que comprova o teor mais argumentativo dessa seção na Revista.

Tabela 6 – Temas Interpessoais nos Artigos da Revista Delta

<b>Artigos Revista Delta</b>	<b>Quantidade de temas interpessoais na conclusão</b>	<b>Quantidade de temas interpessoais na introdução</b>
<b>Artigo 6</b>	<b>8</b>	<b>0</b>
<b>Artigo 7</b>	<b>7</b>	<b>3</b>
<b>Artigo 8</b>	<b>0</b>	<b>2</b>
<b>Artigo 9</b>	<b>0</b>	<b>3</b>
<b>Artigo 10</b>	<b>1</b>	<b>0</b>

Fonte: A autora, 2022.

Na Revista Delta, a quantidade de temas interpessoais apareceu em maior quantidade na conclusão também. Os autores das duas revistas usaram mais elementos interpessoais na conclusão do que na introdução. Dos 10 artigos no total, 6 apresentaram mais temas interpessoais na seção conclusão, então ficou comprovado que essa seção é mais argumentativa.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi discutido neste trabalho, os alunos na graduação, ao realizarem leituras dos textos científicos nas universidades, focam no conteúdo e deixam de lado as estruturas gramaticais, a forma como os sentidos foram construídos, o que contribui para que os alunos tenham dificuldade em redigir trabalhos. Esse cenário vem desde a educação básica em que ainda existe uma tradição em explorar a gramática dissociada do contexto e do texto, apesar de os documentos oficiais que regem a educação básica recomendarem o ensino de gramática contextualizado, de forma a enfatizar os aspectos linguísticos (orais ou escritos) e extralinguísticos (contexto e cultura) em contextos sociais.

É possível perceber, por meio de estudos e índices sobre a educação, que a abordagem tradicional ainda predomina no processo de ensino-aprendizagem. A abordagem tradicional privilegia a classificação e a nomenclatura dos itens gramaticais sem promover um debate mais contundente a respeito do processo de produção textual, contexto, o gênero, o público-alvo e outros fatores que envolvem a construção dos sentidos e a estruturação do texto. Com isso, é notório a falta de proficiência na escrita e na leitura dos alunos que terminam o ensino médio e a dificuldade que apresentam ao chegar na universidade.

Levando esse cenário em consideração, este trabalho procurou por meio da Linguística Sistêmico-Funcional mostrar que é possível fazer uma análise textual mais consistente reunindo aspectos gramaticais com o propósito comunicativo do gênero. Essa teoria possibilita a formação de alunos mais conscientes no processo de escrita. Escolhemos concentrar a nossa pesquisa na metafunção textual, pois o objetivo era investigar a organização da mensagem. A metafunção textual tem função habilitadora (SCHLEE *et al.*, 2012), pois possibilita uma articulação dos conteúdos expressos pelas metafunções ideacional e interpessoal. Por meio da estrutura temática, analisamos quais Temas eram mais recorrentes em cada seção.

Dos artigos analisados, percebemos que dos 10 artigos, 5, apresentaram mais Temas múltiplos na introdução, enquanto 4 apresentaram mais temas múltiplos na conclusão e 1 artigo teve a mesma quantidade de ocorrência. Em relação ao tipo de Temas múltiplos, 6 apresentaram mais Temas interpessoais na conclusão, logo percebemos que essa seção apresentou mais elementos interpessoais.

Dos Temas múltiplos encontrados, em relação à revista Alfa, 3 artigos apresentaram mais temas interpessoais na conclusão. Na Revista Delta, também 3 artigos apresentaram mais elementos interpessoais na conclusão.

Alguns elementos obrigatórios na seção introdução e conclusão de artigos científicos foram mencionados ao longo do trabalho. Na introdução, por exemplo, não pode faltar o objetivo do trabalho e, na conclusão, faz-se sempre presente uma retomada dos aspectos principais do trabalho e uma apresentação das contribuições e dos resultados obtidos na pesquisa. Em relação à estrutura temática, verificamos, por meio dessa pesquisa, que apesar da hipótese deste trabalho não ter sido comprovada, os resultados demonstraram que as estruturas gramaticais estão relacionadas com a intenção do escritor e com o próprio perfil de cada revista analisada (mais ou menos expositivo/argumentativo).

A seleção temática variou de acordo com o estilo particular de cada autor, houve artigos em que a introdução foi altamente argumentativa, já outros foram mais expositivos. Constatou-se, assim, que a seleção pelo tipo de Tema ficou a critério da intencionalidade do autor, contudo conseguimos perceber uma regularidade nos artigos que foi uma incidência dos elementos interpessoais na seção conclusão dos artigos.

Este trabalho procurou mostrar que o texto não é um amontoado de palavras aleatórias, mas que cada estrutura possui uma forma e uma função, ou seja, que cada item linguístico veicula um sentido. O texto é a concretude de ideias e intenções do falante, logo analisá-lo sem levar em consideração o contexto que molda as produções escritas e orais é identificar apenas o que está explícito e superficial, mas sem compreender o uso e a dinamicidade da língua.

Conclui-se que as teorias que abordam o texto e o gênero na sua centralidade, indo além do aspecto formal, analisando as funções e os sentidos dentro de um determinado contexto, contribuem de forma determinante para que o aluno desenvolva um olhar mais reflexivo sobre a língua e compreenda melhor a produção textual.

## REFERÊNCIAS

- BARBARA, L.; MACÊDO, C. M. Linguística sistêmico-funcional para a análise de discurso: um panorama introdutório. *Caderno de Linguagem e Sociedade*, v.10, n.1, p. 89-107, 2009.
- COSTA, M. M.; SILVA FILHO, D. A. da; FERREIRA, M. *Escrita Científica*. Brasília: BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, 2021.
- CRISTANTE, A. F.; KFURI, M. *Como escrever um trabalho científico*. São Paulo: SBOT: Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia, 2011.
- DUTRA, V. L. R.; SCHLEE, M. B. *Linguística Sistêmico-Funcional: instrumental para a análise de textos*. In: VII SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2019, Pernambuco. *Trabalhos...* Pernambuco: UFRPE, 2020. p. 3987-3995.
- FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. 1 ed. São Paulo: Mercado de Letras, 2014.
- GOUVEIA, C. A. M. Texto e gramática: uma introdução à linguística sistêmico-funcional. *Matraga: Estudos linguísticos & literários*, Rio de Janeiro, v.16, n.24, p. 13- 47, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/issue/view/1477/showToc>. Acesso em: 20 Jan. 2022.
- HALLIDAY, M.; MATTHIESSEN, C. *An Introduction to Functional Grammar*. 4 ed. London: Hodder Arnold, 2014.
- HAWAD, H. F. Texto ou gramática? Pela superação do falso dilema. In: VALENTE, A. C.; PEREIRA, M.T. G. *Língua portuguesa: descrição e ensino*. São Paulo: Parábola, 2011. p.153-166.
- KENEDY, E; MARTELOTTA, M. E. T. . A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, M. A. F. da.; OLIVEIRA, M. R. de.; MARTELOTTA, M. E. T. (org.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A / Faperj, 2003, v. , p. 17-28.
- MOTTA – ROTH, D.; HEBERLE, V. M. O conceito de “Estrutura Potencial do Gênero” de Ruqayia Hasan. In: MEURER, J.L; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- NININ, M. O. G. Escrita acadêmica e gramática sistêmico - funcional: perspectivas para o ensino. *Trabalhos em Linguística Aplicada* (UNICAMP), São Paulo, v. 54, n.3, p. 593-619, out./dez. 2015.
- PEREIRA, M. G. *Artigos científicos: como redigir, publicar e avaliar*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.
- SCHLEE, M. B. *et al.* A linguística sistêmico-funcional no quadro das grandes teorias linguísticas: propostas de aplicação. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA, 16., 2012, Rio de Janeiro. *Anais...*Rio de Janeiro, 2012. p.2026-2029.

SCHLEE, M. B. *A modalidade em português: uma abordagem sistêmico-funcional das orações principais*. 2008. 168 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SIMÕES, Alex Caldas. *A Estrutura Potencial do Gênero (EPG) e o ensino explícito de gêneros do discurso: a configuração dos gêneros de tiras e o ensino de língua portuguesa*. 2018. 359 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.